

PRINCÍPIOS BÍBLICOS

UM MANUAL DE
ESTUDO
revelando a alegria e
a paz do verdadeiro Cristianismo

DUNCAN HEASTER

Carelinks, PO Box 152 Menai NSW 2234 AUSTRALIA www.carelinks.net
email: info@carelinks.net

Bible Basics: Portuguese edition

Estudo 1: Deus 1

- 1.1 A Existência de Deus
- 1.2 A Personalidade de Deus
- 1.3 Nome e Caráter de Deus
- 1.4 Os Anjos

Estudo 2: O Espírito de Deus 17

- 2.1 Definição
- 2.2 Inspiração
- 2.3 Dons do Espírito Santo
- 2.4 A Retirada dos Dons
- 2.5 A Bíblia - A Única Autoridade

Estudo 3: As Promessas de Deus 46

- 3.1 Introdução
- 3.2 A Promessa no Eden
- 3.3 A promessa a Noé
- 3.4 A Promessa a Abraão
- 3.5 A Promessa a Davi

Estudo 4: Deus e Morte 78

- 4.1 A Natureza do Homem
- 4.2 A Alma
- 4.3 O Espírito
- 4.4 Morte É Inconsciência
- 4.5 A Ressurreição
- 4.6 Julgamento ou Juízo?
- 4.7 O Lugar da Recompensa: Céu ou Terra?
- 4.8 Responsabilidade para com Deus
- 4.9 Inferno

Estudo 5: O reino de Deus 110

- 5.1 Definindo o Reino
- 5.2 O Reino Não É Estabelecido Agora
- 5.3 O Reino de Deus no Passado
- 5.4 O Reino de Deus no Futuro
- 5.5 O Milênio

Estudo 6: Deus e o Diabo 130

- 6.1 Deus e o Diabo
- 6.2 O Demônio e Satanás

Estudo 7: A Origem de Jesus 144

- 7.1 Profecias do Velho Testamento sobre Jesus
- 7.2 O Nascimento Virginal
- 7.3 O Lugar de Cristo no Plano de Deus
- 7.4 "No princípio era o verbo"

Estudo 8: A Natureza de Jesus 161

- 8.1 Introdução
- 8.2 Diferenças entre Deus e Jesus
- 8.3 A Natureza de Jesus
- 8.4 A Humanidade de Jesus
- 8.5 O Relacionamento de Deus com Jesus

Estudo 9: Batismo em Jesus 175

- 9.1 A Importância Vital do Batismo
- 9.2 Como Nós Devemos Ser Batizados?
- 9.3 O Significado do Batismo
- 9.4 Batismo e Salvação

Digressão: Re-batismo

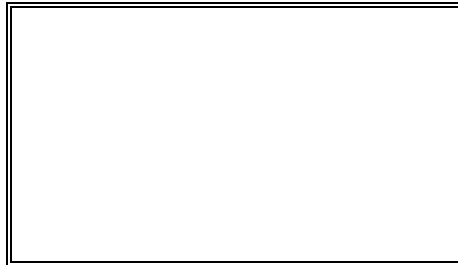
Estudo 10: Vida em Cristo 191

- 10.1 Estudo Bíblico
- 10.2 Oração
- 10.3 Pregação
- 10.4 Vida na Igreja
- 10.5 O Partir do Pão
- 10.6 Casamento
- 10.7 Cooperação

Este livro traz perguntas ao fim de cada capítulo. Escreva suas respostas em uma folha de papel à parte, lembrando de colocar claramente seu nome e endereço.

Suas respostas podem ser enviadas para:

***Bible Basics*, 49 The Woodfields, South Croydon, Surrey CR2 0HJ
INGLATERRA
Info@carelinks.net**



As referências bíblicas da edição em português são todas da Edição Contemporânea de Almeida, a menos que seja indicada outra fonte.

PRINCÍPIOS BÍBLICOS

**UM MANUAL DE
ESTUDO**

**revelando a alegria e
a paz do verdadeiro Cristianismo**

1.1 A Existência de Deus

"É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hb. 11:6). O objetivo destes estudos é ajudar aqueles que querem se aproximar de Deus, tendo antes crido "que Ele é"; por isso nós não vamos nos preocupar com a evidência que confirma a fé na existência de Deus. Ao examinar a estrutura complexa de nossos corpos (cf. Sl. 139:14), os detalhes evidentes de uma flor, contemplar a vastidão do espaço em uma noite clara, todas estas e outras incontáveis reflexões cuidadosas sobre a vida, verdadeiramente fazem do ateísmo algo inacreditável. Acreditar que não existe Deus certamente requer mais fé do que acreditar que Ele existe. Sem Deus não há ordem, propósito ou explicação final sobre o universo, e, por conseqüência, isto vai se refletir na vida do ateu. Com isto em mente, não é de surpreender que a maioria dos seres humanos admita um certo grau de crença em Deus - mesmo em sociedades onde o materialismo é o "deus" dominante da vida das pessoas.

Mas existe uma grande diferença entre ter uma vaga noção de que existe um poder superior, e de fato estar certo do que Ele é, oferecendo-lhe em troca um serviço fiel. Hb. 11:6 enfatiza isto; nós

"devemos crer que (Deus) é

E

que Ele é galardoador daqueles que o buscam".

Muito da Bíblia é um relato da história de Israel, o povo de Deus; várias vezes mostra-se que a sua aceitação da existência de Deus não era acompanhada pela fé nas Suas promessas. O seu grande líder, Moisés, lhes disse "portanto reconhece...e medita em teu coração, que só o Senhor é Deus em cima no céu, e embaixo na terra: nenhum outro há. Guarda pois os seus estatutos e os seus mandamentos" (Dt. 4:39,40).

A mesma questão se faz quanto a consciência dentro de nós de que existe um Deus, isto não significa que somos automaticamente aceitos por Deus. Se nós concordarmos seriamente de que realmente temos um criador, devemos "guardar pois seus...mandamentos". O propósito desta série de estudos é explicar o que são estes mandamentos e como guardá-los. A medida que examinamos as Escrituras para fazer isto, vamos descobrir que nossa fé na existência de Deus é fortalecida:

"A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm. 10:17).

Da mesma forma, Isaías 43:9-12 mostra como o entendimento das profecias de Deus sobre o futuro nos faz saber "que eu sou ele" (Is. 43:13) - i.e. que o

Nome de Deus "Eu sou o que sou" é perfeitamente verdadeiro (Ex. 3:14). O apóstolo Paulo foi a um lugar chamado Beréia, agora no norte da Grécia. Como de costume, ele pregou o evangelho ("boas-novas") de Deus; mas, em vez das pessoas apenas aceitarem a Palavra de Paulo, "eles receberam a palavra (de Deus, não de Paulo) de bom grado, examinando cada dia nas Escrituras, se estas coisas eram assim. De sorte que creram muitos deles" (Atos 17:11,12). Sua crença era devida à sua mente aberta, examinando a Bíblia de maneira regular ("diariamente") e sistemática ("aquelas coisas"). O alcance de uma fé verdadeira não se devia ao fato de, repentinamente, Deus dá-la através de algum tipo de cirurgia espiritual no coração, sem relação com a Palavra de Deus. Então, como podem as pessoas do mundo, que vão a uma cruzada de Billy Graham ou a uma reunião de reavivamento pentecostal, sair de lá como "crentes"? Nestes casos quanto houve de exame diário das Escrituras? Sem dúvida, esta falta de uma fé verdadeiramente baseada na Bíblia é responsável pela superficialidade em que muitos destes "convertidos" se encontram na sua experiência cristã posterior, e porquê muitos abandonam o movimento evangélico.

O propósito de estudo neste curso é dar uma base para o seu próprio exame sistemático das Escrituras, para que você também, "pois", creia. A ligação entre ouvir o verdadeiro Evangelho e ter uma fé verdadeira, freqüentemente é salientada nos registros da pregação do Evangelho:

- "Muitos dos coríntios *ouvindo-o* creram e foram batizados" (Atos 18:8)
- Pessoas "*ouvissem* a palavra do evangelho e cressem" (Atos 15:7)
- "Assim *pregamos*, e assim crestes" (1 Co. 15:11)
- A "semente" na parábola do semeador é a palavra de Deus (Lc. 8:11); e na parábola do pé de mostarda é a fé (Lc. 17:6), entendendo que a fé vem do aceitar "a palavra da fé" (Rm. 10:8), "palavras da fé e boa doutrina" (1 Tm. 4:6), dentro de um coração que está aberto para crer em Deus e na sua palavra (Gl. 2:2 cf. Hb. 4:2)
- O apóstolo João diz no registro escrito da vida do nosso Senhor que "ele diz a verdade para que creiais" (Jo. 19:35). E assim a palavra de Deus é chamada de "verdade" (Jo. 17:17) - para que creiamos.

1.2 A Personalidade de Deus

Um tema majestoso e glorioso na Bíblia é que Deus se revela como uma pessoa real e tangível, com uma existência corporal. Também é um dogma fundamental do cristianismo que Jesus é o Filho de Deus. Se Deus não é um ser corpóreo (físico), então é impossível para ele ter um filho que seja a "imagem da Sua *peessoa*" (Hb. 1:3). Além disso, torna-se difícil desenvolver uma relação pessoal e viva com "Deus", se "Deus" for apenas um conceito na nossa mente, uma fagulha de espírito em algum lugar do espaço vazio. É uma tragédia que a maioria das religiões tenha esta concepção irreal e intangível de Deus.

Sendo Deus tão infinitamente maior do que nós, é compreensível que a fé que muitos apresentam encontra obstáculos nas inequívocas promessas de que finalmente nós veremos a Deus. Israel não tinha fé para ver a "forma" de Deus (Jo. 5:37), claramente mostrando que Ele, de fato, tem uma forma. Tal fé vem de conhecer a Deus e crer na sua palavra:

"Bem-aventurados os puros de coração: porque eles verão a Deus" (Mt. 5:8).

"Seus servos (de Deus) o servirão: e verão a sua face; e o seu nome (o nome de Deus - Ap. 3:12) estará nas suas testas" (Ap. 22:3,4).

Esta maravilhosa esperança, se verdadeiramente crermos, terá um efeito prático profundo nas nossas vidas:

"Segui a paz com todos, e a santificação; sem a santificação ninguém verá o Senhor" (Hb. 12:14).

Nós não devemos jurar, porque "o que jurar pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que está assentado no trono" (Mt. 23:22). Isto não faz sentido se Deus não for um ser corpóreo.

"Assim como ele é, nós o veremos (manifesto em Cristo). E todo o que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 Jo. 3:2,3).

Nesta vida a nossa compreensão do Pai Celestial é muito incompleta, mas nós podemos olhar adiante, passando através de um escuro emaranhado, até chegar ao encontro final com Ele. Sem dúvida a nossa visão física do Senhor será equiparada por uma maior compreensão mental dEle. Assim, da profundidade absoluta do sofrimento humano, Jó pode se alegrar em um relacionamento totalmente pessoal com o Deus que ele experimentaria plenamente no último dia:

"E depois de consumida a minha pele (i.e. pela morte) ainda em minha carne verei a Deus: ve-lo-ei por mim mesmo, com meus próprios olhos, e não outros" (Jó 19:26,27).

E o apóstolo Paulo clamava, em meio de uma vida de dor e sofrimento:
"Agora vemos em espelho, de maneira obscura; então veremos face a face"
(1 Co. 13:12).

Um entendimento correto de Deus é uma chave que abre muitas outras áreas vitais da doutrina bíblica. Mas, assim como uma mentira leva a outra mentira, também uma concepção falsa de Deus obscurece o sistema de verdade que as Escrituras oferecem. Se você achou esta seção convincente, ou mesmo parcialmente convincente, então é pertinente a questão: "Você realmente conhece a Deus?" daqui em diante vamos explorar os ensinamentos bíblicos sobre Ele.

1.3 Nome e Caráter de Deus

Se existe um Deus, é razoável pensar que Ele teria planejado algum meio de nos falar sobre Si mesmo. Nós cremos que a Bíblia é a revelação de Deus para o homem, e que nela vemos o caráter de Deus revelado. Esta é a razão porque a Palavra de Deus é descrita como Sua "semente", (1 Pe. 1:23) porque ela reage com a nossa mente e uma nova criatura se forma dentro de nós, a qual tem as características de Deus (Tiago 1:18; 2 Co. 5:17). Por isso, quanto mais nos aplicamos à Palavra de Deus e absorvemos as lições para nossas próprias vidas, mais vamos nos tornar "conformes à imagem do seu Filho" (Rm. 8:29) cujo caráter era a perfeita imagem de Deus (Cl. 1:15). Aqui está o valor de estudar as partes históricas da Bíblia; elas estão cheias de estudos de caso de como Deus lida com homens e nações, sempre demonstrando as mesmas características básicas.

No hebraico o nome de uma pessoa sempre refletia seu caráter e/ou alguma informação sobre ela. Alguns exemplos claros:

"**Jesus**" = "Salvador" - porque "ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt. 1:21).

"**Abraão**" = "Pai de uma grande multidão" - "por pai de muitas nações te tenho posto" (Gn. 17:5)

Assim, é de se esperar que os nomes e títulos de Deus nos dêem muita informação sobre Ele próprio. Na verdade Ele tem mais de um nome, porque há muitos aspectos do caráter e propósito de Deus. Depois do batismo aconselha-se que se faça um estudo detalhado do nome de Deus; durante toda a nossa vida com o Senhor deveríamos desenvolver maior apreciação pelo caráter de Deus, que se expressa no seu nome. Portanto, o que se segue é apenas uma introdução a este assunto.

Quando Moisés queria um conhecimento mais profundo de Deus para fortalecer a sua fé, durante um período muito traumático da sua vida, um Anjo "proclamou o nome do Senhor: ...O Senhor, Senhor Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade, que usa de beneficência com milhares, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, contudo ao culpado não tem por inocente" (Ex. 34:5-7).

Esta é uma prova clara de que os nomes de Deus abrangem suas qualidades. O fato de Deus possuir estas características é prova de que Ele é um ser pessoal - não faz sentido argumentar que um sopro de espírito possa ter estes traços de caráter, que também podem ser desenvolvidos nos seres humanos.

Deus escolheu um nome em particular pelo qual Ele gostaria de ser conhecido e lembrado pelo seu povo; é um resumo, um compêndio, do seu propósito para com o ser humano.

Os israelitas foram escravos no Egito e precisavam ser lembrados do propósito de Deus para com eles. Moisés foi instruído para lhes falar o Nome de Deus, para que isto os motivasse a deixar o Egito e a começar a jornada na direção da terra prometida (cf. 1 Co. 10:1). Nós também precisamos aprender os princípios básicos com respeito ao Nome de Deus mesmo antes de sermos batizados, começar nossa jornada na direção do Reino de Deus, e continuar o aprendizado depois do batismo.

Deus disse a Israel que o seu nome era YAHWEH, que significa "Eu sou o que sou" ou, traduzindo mais corretamente, "Eu serei quem eu for" (Ex. 3:13-15). Depois este nome foi sutilmente expandido: "Disse Deus mais (i.e. em acréscimo) a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel, O SENHOR (Yahweh) Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó...este é Meu Nome eternamente, e este é o meu memorial de geração em geração" (Ex. 3:15).

Então, o nome completo de Deus é "O SENHOR Deus".

A maior parte do Velho Testamento foi escrita em hebraico, e, inevitavelmente, a nossa tradução em português perde muitos detalhes quando se trata de traduzir palavras do hebraico para "Deus". Uma das palavras hebraicas comumente traduzidas por "Deus" é "Elohim", que significa "poderoso". O "memorial" de Deus, o Nome pelo qual Ele quer que nós lembremos dEle, é assim

YAHWEH ELOHIM

que significa

ELE QUE SERÁ REVELADO EM UM GRUPO DE PODEROSOS

Portanto é propósito de Deus revelar o seu caráter e a essência do Seu ser em um grande número de pessoas. Pela obediência à sua Palavra podemos desenvolver algumas características de Deus em nós mesmos agora, de tal maneira que em um sentido muito limitado Deus revela-se a si mesmo nos verdadeiros crentes nesta vida. Mas o Nome de Deus é uma profecia do tempo por vir quando a terra será cheia de pessoas que são como Ele, tanto em caráter como em natureza (cf. 2 Pe. 1:4). Se nós queremos nos associar com o propósito de Deus e tornarmo-nos como Deus para não morrer mais, vivendo para sempre em completa perfeição moral, então devemos nos relacionar com o Seu Nome. A forma de fazer isto é ser batizado no Nome - i.e. Yahweh Elohim (Mt. 28:19). Isto também faz de nós descendentes ("semente") de Abraão (Gl. 3:27-29) que receberam a promessa da herança eterna na terra (Gn. 17:8; Rm. 4:13) - o grupo de "poderosos" ("Elohim") nos quais a profecia do Nome de Deus se cumprirá. Isto será explicado com mais detalhes no Estudo 3.4.

1.4 Os Anjos

Tudo o que nós consideramos até aqui, neste estudo, se complementa com uma consideração sobre os Anjos:

- seres físicos, pessoais
- portadores do Nome de Deus
- canais através dos quais o Espírito de Deus opera para executar Sua vontade
- de acordo com seu caráter e propósito
- e por isto manifestados nEle.

Nós mencionamos no Estudo 1.3 que uma das palavras hebraicas mais comuns traduzidas como "Deus" é "Elohim", que, de fato, significa "poderosos"; estes "poderosos" que carregam o Nome de Deus podem efetivamente ser chamados "Deus" devido a sua estreita associação com Ele. Estes seres são os Anjos.

O registro da criação do mundo em Gênesis 1 nos relata que Deus deu certas ordens com respeito à criação, "e assim se fez". Foram os Anjos que desempenharam estas ordens:

"Anjos magníficos em poder, que cumpris as suas ordens, que obedeceis à sua voz" (Sl. 103:20).

Desta forma é razoável presumir que quando nós lemos que "Deus" criou o mundo, este trabalho foi, realmente, executado pelos Anjos. Jó 38:4-7 também faz alusão a isto. Agora é uma boa hora para resumir os eventos da criação, como registrados em Gn. 1:

Dia 1 "E disse Deus: Haja luz. E houve luz." (v. 3)

Dia 2 "E disse Deus: Haja um firmamento (céu, expansão) no meio das águas, e haja separação entre águas (sobre a terra) e águas (nas nuvens)...E assim foi" (v. 6,7)

Dia 3 "E disse Deus: Ajuntem-se as águas que estão debaixo dos céus num só lugar (formando mares e oceanos)...e apareça a porção seca.
E
assim foi." (v. 9)

Dia 4 "E disse Deus: Haja luminares...no céu...E assim foi" (v. 14,15)

Dia 5 "E disse Deus: produzam as águas enxames de seres viventes...e voem aves...assim Deus *criou* todos os seres viventes" (v 20,21) - i.e. "E assim foi."

Dia 6 "E disse Deus: Produza a terra seres viventes...animais domésticos e répteis...E assim foi." (v. 24).

O homem foi criado naquele mesmo sexto dia. "E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn. 1:26). Nós comentamos sobre este verso no Estudo 1.2. Agora queremos observar que "Deus", neste texto, não se refere apenas ao próprio Deus em pessoa - "Façamos *nós* o homem" mostra que "Deus" reporta-se a mais de uma pessoa. A palavra hebraica traduzida "Deus" aqui é "Elohim", que significa

"Poderosos", com referência aos Anjos. O fato de que os Anjos nos criaram à sua imagem significa que eles têm a mesma aparência corpórea que nós temos. Logo, eles são muito reais, tangíveis, seres corpóreos, compartilhando a mesma natureza de Deus.

"Natureza" aqui, refere-se àquilo que alguém é fundamentalmente, devido à sua estrutura física. Na Bíblia não há duas "naturezas"; pelo próprio significado da palavra não é possível ter estas duas naturezas simultaneamente.

A Natureza de Deus ("Natureza divina")

Não pode pecar (perfeito) (Rm. 9:14; 6:23 cf.

Sl. 90:2; Mt. 5:48; Tg. 1:13)

Não pode morrer, i.e. imortal (1 Tm. 6:16)

Pleno de poder e energia (Is. 40:28).

Esta é a natureza de Deus e dos Anjos, a qual foi dada a Jesus depois da sua ressurreição (At. 13:34; Ap. 1:18; Hb. 1:3). Esta é a natureza prometida para nós (Lc. 20:35,36; 2 Pe. 1:4; Is. 40:28 cf. v 31).

A Natureza Humana

Tentada a pecar (Tg. 1:13-15) por uma mente

natural corrompida (Jr. 17:9; Mc. 7:21-23)

Destinada a morrer, i.e. mortal (Rm. 5:12,17;

1 Co. 15:22)

De força muito limitada, tanto física

(Is. 40:30) como mentalmente (Jr. 10:23).

Esta é a natureza que todos os homens, bons e maus, agora possuem. O fim desta natureza é a morte (Rm. 6:23). Foi a natureza que Jesus teve durante a sua vida mortal (Hb. 2:14-18; Rm. 8:3; Jo. 2:25; Mc. 10:18).

Infelizmente a palavra "natureza" em português é um tanto vaga: nós podemos usá-la em uma frase como "João tem uma natureza generosa - simplesmente não está na sua natureza ser mau; mas ele pode ter orgulho do seu carro, o que é apenas a natureza humana, eu suponho". Esta não é a maneira como nós vamos usar a palavra "natureza" nestes estudos.

APARIÇÕES ANGELICAIS

Tendo a natureza de Deus, os Anjos devem ser sem pecado e, portanto, incapazes de morrer - uma vez que o pecado traz a morte (Rm. 6:23). Eles devem ter uma forma de existência literalmente física. É por este motivo que quando os Anjos apareceram na terra eles pareciam como pessoas comuns:

- Anjos foram até Abraão para lhe falar as palavras de Deus; eles são descritos como "três homens", a quem Abraão, inicialmente, tratou como seres humanos, uma vez que aquela era a aparência deles: "Traga-se agora um pouco d'água, e lavei os pés, e repousai debaixo desta árvore" (Gn. 18:4)

- Depois, dois daqueles Anjos foram ter com Ló na cidade de Sodoma. Novamente, eles foram reconhecidos somente como homens, tanto por Ló como pelas pessoas de Sodoma. "Chegaram dois Anjos a Sodoma", a quem Ló convidou para passar a noite com ele. Mas os homens de Sodoma foram à sua casa, perguntando de um modo ameaçador "Onde estão os homens que entraram esta noite em tua casa?". Ló suplicou: "Nada façais a estes homens". O relato inspirado também os chama de "homens": "Aqueles homens (Anjos) estendendo a mão" resgataram Ló; "Disseram aqueles homens a Ló...o Senhor nos enviou a destruir" Sodoma (Gn. 19:1,5,8, 10,12, 13).

- O Novo Testamento, comentando sobre estes incidentes, confirma que os Anjos têm a forma de homens: "Não vos esqueçais da hospitalidade; por ela alguns (por exemplo Abraão e Ló), sem o saber, hospedaram anjos" (Hb. 13:2).

- Jacó lutou toda a noite com um homem estranho (Gn. 32:24), que mais tarde sabemos ser um Anjo (Os. 12:4).

- Dois homens em roupas brancas resplandecentes estavam presentes na ressurreição (Lc. 24:4) e ascensão (At. 1:10) de Jesus. Claramente estes eram Anjos.

- Considere as implicações de "a medida de homem, que o Anjo estava usando" (Ap. 21:17).

ANJOS NÃO PECAM

Tendo a natureza de Deus, os Anjos não podem morrer. Entendendo que o pecado traz a morte, é lógico que eles não podem pecar. As palavras originais no grego e no hebraico traduzidas como "Anjo" significam "mensageiro"; os Anjos são os mensageiros ou servos de Deus, obedientes a

Ele, assim é impossível pensar neles como seres pecadores. Por isto a palavra grega "aggelos", que é traduzida como "Anjos", também é traduzida como "mensageiros", quando se fala de seres humanos - por exemplo João, o batista (Mt. 11:10) e seus mensageiros (Lc. 7:24); os mensageiros de Jesus (Lc. 9:52) e os homens que espiaram Jericó (Tiago 2:25). Claro que é possível que "anjos", referindo-se a mensageiros *humanos*, podem pecar.

As seguintes passagens mostram claramente que todos os Anjos (não apenas alguns deles!) são por natureza obedientes a Deus, e por isso não podem pecar:

"O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus; e o seu reino domina sobre tudo (i.e. não pode haver rebelião contra Deus nos céus). Bendizei ao Senhor, anjos seus, magníficos em poder, que cumpris as suas ordens, que obedecéis a sua voz. Bendizei ao Senhor, *todos* os seus exércitos celestiais; vós, ministros seus, que executais a sua vontade" (Sl. 103:19-21).

"Louvai-o, *todos* os seus anjos...seus exércitos celestiais" (Sl. 148:2)

"Os anjos...não são *todos* eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação (os crentes)?" (Hb. 1:13,14).

A repetição da palavra "*todos*" mostra que os Anjos não estão divididos em dois grupos, um bom e outro pecador. A importância de entender claramente a natureza dos Anjos é que a recompensa do fiel é compartilhar da mesma natureza: "Mas aqueles que forem havidos por dignos...não hão de se casar...e não podem mais morrer; pois são como os anjos" (Lc 20:35,36). Este é um ponto vital para se compreender. Anjos não podem morrer: "Que anjos não são mortais" (Hb. 2:16, Diaglott) Se os anjos pudessem pecar, então aqueles que são dignos de recompensa na volta de Cristo também ainda seriam capazes de pecar. E, como o pecado traz a morte (Rm. 6:23), eles não teriam a vida eterna; se nós temos a possibilidade de pecar, somos passíveis de morte. Com isso, ao se dizer que os Anjos podem pecar, a promessa de Deus de vida eterna fica sem sentido, uma vez que a nossa recompensa é compartilhar a natureza dos Anjos. A referência "*aos Anjos*"

(Lucas 20:35,36) mostra que não há categoria de Anjos como bom ou pecador; só existe uma categoria, a dos Anjos.

Se os Anjos pudessem pecar, então Deus ficaria impotente para agir com justiça em nossas vidas e nas questões mundiais, considerando-se que Ele declarou que trabalha através dos Seus Anjos (Sl. 103:19-21). Eles são "feitos Espírito" por Deus no sentido de que Ele realiza todas as coisas pelo Seu espírito/poder, agindo através dos Anjos (Sl. 104:4). Por isso é uma impossibilidade que eles sejam desobedientes a Ele. O cristão deve orar diariamente para que o Reino de Deus venha à terra, que a Sua vontade seja feita aqui como é nos céus (Mt. 6:10). Se os Anjos de Deus tiverem que competir com Anjos pecadores nos céus, então a Sua vontade não poderia ser plenamente executada lá, e esta mesma situação ocorreria no futuro Reino de Deus. Dificilmente íamos encarar como uma perspectiva encorajadora o passar a eternidade em um mundo que fosse um campo de batalha perpétuo entre o pecado e a obediência, mas este, é claro, não é o caso.

MAS...?

Muitas igrejas "cristãs" têm a idéia de que os Anjos podem pecar, e que agora existem Anjos pecadores que são responsáveis pelo pecado e pelos problemas que existem na terra. Vamos discutir esta concepção com mais detalhes no Estudo 6. Por ora vamos fazer as seguintes observações:-

- É possível que tenha havido uma criação anterior à nossa, i.e. antes daquela registrada em Gênesis 1. Também é concebível que os Anjos vieram a ter consciência do "bem e do mal" (Gn. 3:5) ao estarem em uma situação semelhante a nossa nesta vida. Que alguns seres que viveram naquela época pecaram, não pode ser de todo excluído; mas tudo isto é especulação à qual as mentes humanas amam se entregar. A Bíblia nos relata que precisamos conhecer a situação atual, em que não há Anjos pecadores; todos os Anjos são totalmente obedientes a Deus.

- Não pode haver seres pecadores nos céus, uma vez que Deus é "tão puro de olhos que não pode ver o mal" (Hc. 1:13). Em uma linha semelhante, Sl. 5:4,5 explica: "Nem contigo habitará o mal. Os arrogantes não pararão" no lugar da habitação celeste de Deus. A idéia de existir rebelião de Anjos pecadores contra Deus, nos céus, contradiz a impressão dada nestas passagens.

- A palavra grega traduzida como "Anjo" significa "mensageiro" e pode se referir a seres humanos, como nós já mostramos. Tais "mensageiros" humanos podem, é claro, pecar.

- A existência de seres humanos pecadores, sobre os quais podem ser lançados todos os aspectos negativos da vida, é uma das crenças mais comuns do paganismo. Da mesma forma que as idéias pagãs com respeito ao Natal entraram no que se considera "cristianismo", assim, também, chegaram aquelas noções pagãs.

- Existe apenas um punhado de passagens bíblicas, que podem ser mal compreendidas, para sustentar esta idéia da existência de Anjos pecadores. Estes são considerados no livro "*In Search of Satan*" ("Em Busca de Satanás"), disponível pelos editores. Estas passagens não devem contradizer a riqueza do ensino bíblico que está sendo apresentada.

ESTUDO 1: Perguntas

1. O que mais vai nos ajudar a desenvolver nossa fé em Deus?

- a) Ir à igreja
- b) Estudar a Bíblia em atitude de oração
- c) Conversar com cristãos
- d) Observar a natureza.

2. Qual das seguintes é a definição mais correta de Deus?

- a) Apenas uma idéia em nossa mente
- b) Um fragmento de Espírito na atmosfera
- c) Não há Deus
- d) Uma pessoa real e material

3. É Deus

- a) Uma unidade
- b) Uma trindade
- c) Muitos deuses em um
- d) Impossível de definir?

4. O que significa o Nome de Deus "Yahweh Elohim"?

- a) Aquele que será
- b) Aquele que será revelado em um grupo de poderosos
- c) O grande
- d) Força

5. O que significa a palavra "Anjo"?

- a) Semelhante a homem
- b) Coberto por asa
- c) Mensageiro
- d) Assistente

6. Os Anjos podem pecar?

- a) Sim
- b) Não

2.1 o Espírito De Deus: Definição

Como Deus é um ser real e pessoal, e que por isso tem sentimentos e emoções, é de se esperar que Ele queira, de alguma maneira, compartilhar Seus desejos e sentimentos conosco, Seus filhos, e agir em nossas vidas de uma forma que esteja de acordo com o Seu caráter. Deus faz todas estas coisas através do seu "espírito". Se queremos conhecer a Deus e ter um relacionamento dinâmico com Ele, nós precisamos saber o que é este "espírito de Deus" e como ele funciona.

Não é fácil definir com exatidão o que a palavra "espírito" significa. Se você for a um casamento, por exemplo, poderá comentar, "Realmente havia um bom espírito ali!" Com isto você quer dizer que a atmosfera estava boa, e, de alguma forma, tudo no casamento estava bom; todos estavam bem-vestidos, a comida estava boa, as pessoas falavam gentilmente umas com as outras, a noiva estava linda, etc. Todas aquelas coisas que fazem o "espírito" de um casamento. Da mesma forma o espírito de Deus, de certa forma, resume tudo a respeito dele. O termo hebraico traduzido como "espírito" no Velho Testamento significa exatamente "fôlego" ou "poder"; assim, o espírito de Deus é Sua "respiração", a própria essência de Deus, refletindo Sua mente. Vamos dar exemplos de como a palavra "espírito" é usada referindo-se à mente ou disposição de alguém no Estudo 4.3. Em Rm. 15:19 é evidente que o espírito não se refere ao poder desnudo de Deus: "o poder do espírito de Deus".

É um ensinamento bíblico comum que assim como o homem pensa, ele expressa nas suas ações (Pv. 23:7; Mt. 12:34); uma breve reflexão sobre as nossas próprias ações irá confirmar isto. Nós pensamos alguma coisa e depois a fazemos. Em uma escala muito mais gloriosa, o espírito de Deus é o mesmo; é o poder pelo qual Ele revela a essência do Seu ser, Sua disposição e propósito. Deus pensa e assim age: "Como pensei, assim sucederá, e como determinei, assim se efetuará" (Is. 14:24).

O PODER DE DEUS

Muitas passagens identificam claramente o espírito de Deus com Seu poder. Para criar o universo, "o Espírito de Deus pairava sobre as águas. E disse Deus: Haja luz. E houve luz" (Gn. 1:2,3).

O espírito de Deus foi o poder pelo qual todas as coisas, por exemplo, luz, foram feitas. "Pelo seu sopro os céus se aclararam; a sua mão trespassou a serpente veloz" (Jó 26:13). "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus;

e todo o exército deles pelo sopro da sua boca" (Sl. 33:6). Assim, o espírito de Deus é descrito como:-

Sua respiração
Sua palavra
Sua mão.

Logo, é pelo seu poder que Ele faz todas as coisas. Assim, os crentes nascem de novo pela vontade de Deus (Jo. 1:13), pelo Seu espírito (Jo. 3:3-5). Sua vontade é posta para funcionar pelo Seu espírito. Tratando de toda a criação natural, nós lemos, "Quando envias o teu Espírito, são criados, e (assim) renovas a face da terra" (Sl. 104:30). Este espírito/poder também é o sustentador de todas as coisas, bem como o meio da sua criação. É fácil reconhecer que esta vida trágica teria muitos tropeços sem este ingrediente ativo do espírito de Deus. Jó, um homem que cansou da sua vida, foi lembrado disto por um outro profeta: "Se (Deus) retirasse o seu espírito e fôlego; toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria ao pó" (Jó 34:14,15).

No Estudo 4.3 nós devemos ver que o espírito que foi dado a nós e toda a criação é o que sustenta a nossa vida. Nós temos "o fôlego de vida" dentro de nós (Gn. 7:22) que nos foi dado por Deus ao nascermos (Sl. 104:30; Gn. 2:7). Isto O faz "o Deus dos espíritos de toda a carne" (Nm. 27:16 cf. Hb. 12:9). Como Deus é a força da vida que sustenta toda a criação, Seu espírito está presente em todos os lugares. Davi reconheceu que através do Seu espírito Deus estava constantemente presente com ele, onde quer que ele fosse, e através daquele espírito/poder Ele era capaz de conhecer cada canto da mente e pensamento de Davi. Assim, o espírito de Deus é o meio pelo qual Ele está presente em todos os lugares, embora, pessoalmente, Ele esteja nos céus.

"Tu conheces o meu assentar e o meu levantar, de longe entendes o meu pensamento...Para onde me irei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se habitar nas extremidades do mar; ainda ali... tua destra (i.e. através do espírito) me susterá" (Sl. 139:2,7,9,10).

O ESPÍRITO SANTO

Nós vimos que o espírito de Deus é um vasto conceito para ser apreendido; é a Sua mente e disposição, e também o poder pelo qual Ele põe Seus pensamentos em operação. "Pois como imaginou na sua alma, assim é"

(Pv. 23:7); e assim Deus é Seus pensamentos, no sentido de que Ele é Seu espírito (Jo. 4:24), embora isto não signifique que Deus não seja pessoal. Para nos ajudar a entender esta vastidão do espírito de Deus, nós, algumas vezes, lemos sobre o "Espírito Santo".

O termo "Espírito Santo" acha-se quase que exclusivamente no Novo Testamento, e esta expressão equivale às frases do Velho Testamento: "o Espírito de Deus" ou "o Espírito do Senhor". Isto está claro em passagens como Atos 2, que relata o derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes. Pedro explica que este foi um cumprimento da profecia de Joel, na qual está descrito o derramar do "meu Espírito (de Deus)" (Atos 2:17). Novamente, Lc. 4:1 relata que Jesus "estando cheio do Espírito Santo" retornou do Jordão; mais tarde no mesmo capítulo Jesus fala de si como o cumprimento de Isaías 61: "O Espírito do Senhor está sobre mim". Nos dois casos (e em muitos outros) o Espírito Santo equivale à expressão do Velho Testamento "o Espírito de Deus".

Observe, também, como se faz um paralelo entre o Espírito Santo e o poder de Deus nas seguintes passagens:

- "O Espírito Santo descera sobre ti (Maria), e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra" (Lc. 1:35)
- "O poder do Espírito Santo...poder dos sinais e prodígios, no poder do Espírito Santo" (Rm. 15:13,19)
- "Nosso evangelho (pregação) foi...em poder e no Espírito Santo" (1 Ts. 1:5).
- A promessa do Espírito Santo aos discípulos foi dita como sendo "que do alto sejais revestidos de poder" (Lc. 24:49).
- O próprio Jesus foi "ungido...com o Espírito Santo e com poder" (Atos 10:38).
- Paulo poderia confirmar sua pregação com mostras inegáveis do poder de Deus: "A minha

palavra e a minha pregação foram...demonstração do Espírito e de poder" (1 Co. 2:4).

2.2 INSPIRAÇÃO

Nós definimos o espírito de Deus como sendo o Seu poder, pensamentos e disposição, que Ele revela nas ações feitas pelo Seu espírito. Na seção anterior mencionamos como o espírito de Deus foi visto trabalhando na criação: "Pelo seu sopro os céus se aclararam" (Jó 26:13) - o espírito de Deus se movendo sobre a face das águas para trazer à existência a criação atual (Gn. 1:2). Ainda lemos que "pela palavra do Senhor" o mundo se fez (Sl. 33:6), como exemplificado pela narrativa do Gênesis, relatando que "Deus disse" para as coisas serem criadas, e elas foram criadas. Desta forma, o espírito de Deus, é em muito o reflexo da Sua palavra - assim como as nossas palavras expressam nossos pensamentos e desejos interiores - o "nós" real - com muita precisão. Sabiamente Jesus mostrou que: "Do que há em abundância no coração (a mente) disso fala a boca" (Mt. 12:34). Então, se nós formos controlar as nossas palavras, devemos trabalhar primeiro nos nossos pensamentos. A palavra de Deus é um reflexo do Seu espírito, ou pensamentos. Logo, é uma grande bênção que na Bíblia nós temos as palavras de Deus escritas para que possamos entender o espírito ou a mente de Deus. Deus realizou este milagre de expressar o Seu espírito em palavras escritas pelo processo da *INSPIRAÇÃO*. Este termo se baseia sobre a palavra "espírito":-

INSPIRAÇÃO = AÇÃO NO ESPÍRITO
(Em inglês a palavra "espírito" ("spirit")
aparece de forma mais clara:
IN- SPIRIT-ATION, que quer dizer
INSPIRAÇÃO. N. da T.).

"Espírito" significa "fôlego" ou respiração, "inspiração" significa "respirar para dentro". Isto quer dizer que as palavras escritas por homens, enquanto sob "inspiração" de Deus, foram as palavras do Espírito de Deus. Paulo encoraja Timóteo a não deixar que a sua familiaridade com a Bíblia o fizesse esquecer da maravilha que são as palavras do espírito de Deus, e que dão tudo o que necessitamos para termos um verdadeiro conhecimento de Deus:

"E que desde a infância sabes as sagradas letras,
que podem fazer-te sábio para a salvação pela fé
que há em Cristo Jesus. Toda Escritura é

divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça: a fim de que o homem de Deus seja perfeito (completo), e perfeitamente preparado ("totalmente equipado") para toda boa-obra" (2 Tm. 3:15-17).

Se as Escrituras inspiradas podem dar esta plenitude de conhecimento, então não há necessidade de alguma "luz interior" nos mostrar a verdade sobre Deus. Mas quantas vezes as pessoas falam dos seus sentimentos pessoais e experiências como sendo a fonte do seu conhecimento de Deus! Se o aceitar em fé a palavra inspirada de Deus for suficiente para equipar completamente alguém na vida cristã, então não há necessidade de qualquer outro poder de justiça em nossas vidas. Se tal necessidade existe, então a palavra de Deus não nos equipou completamente, como Paulo prometeu que ela o faria. Segurar a Bíblia em nossas mãos e acreditar que ela realmente é a Palavra do espírito de Deus, requer fé. Os israelitas estavam razoavelmente interessados naquilo que a palavra de Deus tinha para dizer, como muitos "cristãos" hoje. Mas todos nós precisamos refletir cuidadosamente sobre Hb. 4:2:-

"Pois também a nós foram anunciadas as boas-novas, como a eles (Israel no deserto): mas a palavra nada lhes aproveitou, visto não ser acompanhada pela fé, naqueles que a ouviram".

Em vez de se levantar para uma completa fé no poder do espírito/palavra de Deus que é recebido, é muito mais atraente tomar um atalho espiritual: achar que um poder de justiça vem subitamente sobre nós, que vai nos fazer aceitáveis a Deus, em vez de ter que experimentar a dor da consciência, trazer nossas vidas em obediência à palavra de Deus, e assim deixar o Seu espírito influenciar nossos corações de verdade.

Muitos "cristãos" são levados a questionar se toda a Escritura é completamente inspirada por Deus, devido a falta de desejo de aceitar o grande poder espiritual que está na Sua palavra. Eles sugerem que muito do que nós lemos na Bíblia foi apenas a opinião pessoal de homens sábios. Mas Pedro efetivamente esclarece a confusão deste raciocínio:-

"E temos ainda mais firme a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos...acima de tudo, lembrai-vos (isto é vital!) de que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Pois a

profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens santos da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:19-21).

Nós devemos "acima de tudo" crer que a Bíblia é inspirada.

OS ESCRITORES DA BÍBLIA

Assim, uma crença sólida na inspiração total das Escrituras é vital; os homens que escreveram a Bíblia foram irresistivelmente levados pelo espírito, que os inspirou de tal forma que as suas palavras não eram deles mesmos. Sendo a Palavra de Deus verdadeira (Jo. 17:17) e apta para repreender e corrigir (2 Tm. 3:16,17), não surpreende que seja impopular com muitas pessoas - pois a verdade dói. O profeta Jeremias sofreu muita oposição ao proclamar as palavras com as quais Deus o inspirou, e com isto ele se determinou a não relatar ou divulgar as palavras que lhe foram dadas. Mas como a escrita das palavras de Deus é um resultado da vontade de Deus, em vez do desejo humano, ele foi "arrebataado pelo Espírito Santo" para que não tivesse escolha quanto a isto. "Sirvo de escárnio o dia todo, cada um deles zomba de mim...Mas se eu disser: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome, sua palavra me é no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos. Estou fatigado de contê-la, e não posso mais" (Jr. 20:7,9).

Se estes homens fossem apenas parcialmente inspirados, nós não teríamos acesso à verdadeira Palavra ou espírito de Deus. Se o que eles escreveram foi, de fato, a Palavra de Deus, então eles foram completamente tomados pelo espírito de Deus durante o período de inspiração - de outra forma o produto não seria a pura palavra de Deus. Aceitar que a palavra de Deus é plenamente Sua nos dá mais motivação para lê-la e obedecê-la. "As tuas promessas foram completamente testadas, por isso o teu servo as ama" (Sl. 119:140).

Assim, os livros da Bíblia são a obra de Deus através do seu espírito, em vez da literatura de homens. Esta verdade é demonstrada ao considerar como o Novo Testamento se refere aos escritos do Velho Testamento:-

- Mt. 2:5 fala de como foi "escrita através dos profetas" - Deus estava escrevendo através deles.

- "Que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi..." (Atos 1:16; É assim que Pedro cita os Salmos: cf. Hb. 3:7).

Os autores humanos da Bíblia foram, assim, relativamente sem importância aos primeiros cristãos; o que era importante era o fato de que as suas palavras foram inspiradas pelo Espírito de Deus.

O PODER DA PALAVRA DE DEUS

O espírito de Deus se refere não apenas à Sua mente/disposição mas também ao poder com que Ele expressa aqueles pensamentos; assim espera-se que o Seu espírito-palavra seja não apenas uma declaração da Sua mente; mas que haja um poder dinâmico naquela palavra.

Uma avaliação sincera daquele poder deveria nos deixar ansiosos para usá-lo; qualquer sentimento de vergonha associado com o fazer isto deveria ser vencido pelo nosso entendimento de que a obediência à palavra de Deus nos dará o poder de que precisamos para abandonar as coisas pequenas desta vida e ir em direção à salvação. Como resultado de muita experiência com isto, Paulo escreveu:-

"Não me envergonho do evangelho (a palavra): pois é o poder de Deus para a salvação" (Rm. 1:16).

Lucas 1:37, fala repetidamente sobre o mesmo tema: "nem uma palavra de Deus é sem poder (espírito)".

O estudo da Bíblia e sua aplicação às nossas vidas é, portanto, um processo dinâmico. Ele quase não se relaciona com a abordagem fria e acadêmica dos teólogos e também ao cristianismo de "bem-estar" de muitas igrejas, onde poucas passagens são brevemente mencionadas, mas não se faz esforço para entendê-las ou aplicá-las. "A palavra de Deus é viva e eficaz"; "a sua palavra (de Deus) é poder" (Hb. 4:12; 1:3). "A palavra de Deus...opera em vós, os que credes" (1 Ts. 2:13). Através da palavra, Deus trabalha ativamente nas mentes dos verdadeiros crentes, em cada hora do dia.

Logo, os princípios do evangelho que você está aprendendo são o verdadeiro poder de Deus; se você permitir que ele o seja, ele pode trabalhar na sua vida para torná-lo um filho de Deus, mostrando o espírito/mente de Deus em algum grau nesta vida e preparando você para mudar segundo a

natureza espiritual de Deus no retorno de Cristo (2 Pe. 1:4). A pregação de Paulo era "em demonstração do Espírito e de poder" (1 Co. 2:4).

Estamos cercados por aqueles que têm uma semi-fé na Bíblia como palavra de Deus, apesar das suas declarações de compromisso com Cristo. De forma semelhante estas pessoas declaram acreditar em Deus, e ainda falham em aceitar que Ele é uma pessoa real. Ao negar a inspiração total da Escritura e a sua supremacia sobre nossos sentimentos e convicções pessoais, negam o poder de Deus. As palavras de 2 Tm. 3:5 vêm à nossa mente: "tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder", i.e. o poder da palavra do evangelho.

Nosso fundamentalismo é zombado pelo mundo ("Você não acredita que as coisas são deste jeito, acredita?!"), e assim foi com Paulo e o seu grupo de pregadores: "Pois a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós que somos salvos, é o poder de Deus" (1 Co. 1:18).

Com tudo isto em mente, não podemos segurar a Bíblia em nossas mãos cada vez com um grau maior de respeito, e lê-la cada vez mais com ansiedade para entender e obedecer?

A ATITUDE DO POVO DE DEUS EM RELAÇÃO À SUA PALAVRA

Uma leitura sensível do relato bíblico indica que os escritores da Bíblia não apenas reconheceram que eles foram inspirados, mas também trataram outros escritores da Bíblia como inspirados. O Senhor Jesus distingue-se nisto. Quando Jesus citou os Salmos de Davi, ele prefaciou isto com as palavras, "Davi em espírito..." (Mt. 22:43), mostrando o seu reconhecimento ao fato de que as palavras de Davi foram inspiradas. Jesus também falou dos "escritos" de Moisés (Jo. 5:45-47), mostrando que ele acreditava que Moisés tinha, literalmente, escrito o Pentateuco. Os assim chamados cristãos da "alta crítica" duvidaram se Moisés poderia escrever, mas a atitude de Cristo claramente contradiz esta abordagem. Ele chama os escritos de Moisés "o mandamento de Deus" (Marcos 7:8,9). O mesmo grupo de duvidosos desonestos declara que muito do Velho Testamento é mito, mas nunca Jesus ou Paulo trataram-no assim. Jesus falou da Rainha de Sabá como um fato histórico (Mt. 12:42); ele não disse, "Como conta a estória sobre a Rainha de Sabá...".

A atitude dos apóstolos foi idêntica àquela do Senhor. É sintetizada por Pedro, que disse que a sua experiência pessoal de ouvir as palavras de Cristo, com os seus próprios ouvidos, era eclipsada pela "ainda mais firme

palavra dos profetas" (2 Pe. 1:19-21). Pedro acreditava que as cartas de Paulo eram "Escritura" tanto quanto as "outras Escrituras", uma frase comumente usada sobre os escritos do Velho Testamento. Assim Pedro viu as cartas de Paulo como tendo tanta autoridade quanto o Velho Testamento.

Existem muitas alusões aos Evangelhos em Atos, nas Epístolas e no Apocalipse (por exemplo, cf. Atos 13:51; Mt. 10:14), indicando não apenas que eles eram todos inspirados pelo mesmo Espírito, mas que os relatos do Evangelho eram tratados como inspirados pelos demais escritores do Novo Testamento. Em 1 Tm. 5:18 Paulo cita Dt. 25:4 (no Velho Testamento) e Lc. 10:7 como sendo as "Escrituras". Paulo persiste no ponto de que esta mensagem era de Cristo, não dele mesmo (Gl. 1:11,12; 1 Co. 2:13; 11:23; 15:3). Isto foi reconhecido pelos outros apóstolos; assim, Tiago 4:5 cita as palavras de Paulo em Gl. 5:17 como "Escritura".

Deus "nos falou" em Cristo; assim, não há necessidade de qualquer revelação posterior (Hb. 1:2). Pode-se observar que a Bíblia faz alusão a outros escritos inspirados que não estão disponíveis em nossos dias (por exemplo, o livro dos Justos, os escritos de Natã, Elias, Paulo aos coríntios, e a terceira epístola de João, o que implica que João escreveu uma carta, que não foi preservada, à igreja que Diótrefes recusou-se a obedecer). Por que estes escritos não foram preservados para nós? Evidentemente porque eles não nos eram relevantes. Assim podemos descansar na certeza de que Deus preservou tudo que era relevante para nós.

Às vezes é declarado que os livros do Novo Testamento foram gradualmente aceitos como sendo inspirados, mas o fato de que os apóstolos trataram cada um os escritos do outro, como inspirado, certamente desaprova isto. Houve um miraculoso dom espiritual disponível para testar se as cartas e as palavras que eram declaradas como inspiradas realmente o eram (1 Co. 14:37; 1Jo. 4:1; Ap. 2:2). Isto significa que as cartas inspiradas foram imediatamente aceitas como inspiradas. Se houvesse qualquer seleção humana, não guiada, daquilo que entrou na composição da nossa Bíblia, então o livro não teria autoridade.

2.3 DONS DO ESPÍRITO SANTO

Em várias épocas no seu lidar com o homem, Deus delegou o uso do seu poder ("Espírito Santo") aos seres humanos. Contudo, isto nunca foi na forma de um "cheque em branco", como se eles fossem capacitados para fazer o que quisessem; sempre o uso do Espírito Santo foi para um propósito específico. Uma vez que isto ocorreu, o dom do Espírito Santo foi retirado.

Nós devemos lembrar que o espírito de Deus age de uma maneira que promove o propósito que está na Sua mente. Com frequência este desígnio permite um breve sofrimento nas vidas das pessoas para trazer à existência o Seu propósito de longo prazo (ver Estudo 6.1), assim, é de se esperar que o Espírito Santo não seja usado necessariamente para aliviar o sofrimento humano nesta vida. Qualquer alívio que ele realize será para um propósito mais elevado ao expressar a mente de Deus para nós.

Isto faz um contraste marcante com as atitudes cristãs populares ao Espírito Santo nos dias de hoje; dá-se a impressão de que crer em Cristo vale a pena por causa dos benefícios físicos, por exemplo, a cura das enfermidades, que supostamente o Espírito Santo dará. Isto explica porquê em países onde há luta intensa, como Uganda, também há uma notável explosão de pessoas declarando possuir os dons espirituais de cura e, historicamente, tais declarações, geralmente, coincidem com épocas de grande necessidade humana. Isto, por si só, coloca as declarações atuais de uso de dons espirituais sob alguma suspeita; se alguém está buscando uma experiência que transcende a difícil condição atual da humanidade, é fácil declarar que se encontrou algo que se encaixa perfeitamente nisso.

Muitos "cristãos" hoje declaram possuir dons espirituais milagrosos, embora quando questionados sobre qual é o seu propósito exato, existe uma significativa incerteza. Deus sempre deu o seu espírito para alcançar objetivos específicos e definidos. Por causa disto, aqueles que verdadeiramente possuíam os dons do espírito sabiam exatamente para que eles deviam usá-los, e assim não apenas alcançavam um sucesso parcial ao fazer uso deles. Isto contrasta com muitas falhas e experiências de cura parcial, daqueles que declaram ter dons espirituais de cura em nossos dias.

Todos os exemplos seguintes indicam razões e objetivos específicos que estavam por trás da ação dos dons espirituais. Em nenhum destes casos houve qualquer elemento subjetivo associado com o uso dos dons, nem as pessoas que possuíam os dons eram capazes de usá-los apenas como quisessem. Como estamos falando do espírito de Deus, é inconcebível que o ser humano possa dirigir o seu uso, visto que ele foi dado para realizar certos desejos específicos de Deus, em vez daqueles das pessoas que os usaram temporariamente (cf. Is. 40:13).

- No começo da história de Israel, foi ordenado ao povo para fazer uma tenda elaborada ("o tabernáculo"), no qual o altar e outros objetos sagrados deveriam ser guardados; foram dadas

instruções detalhadas sobre como fazer todos os objetos que eram necessários para a adoração a Deus. Para fazer isto, Deus deu o Seu espírito a certos homens. Eles foram, "enchidos do espírito de sabedoria, para *que* façam as vestes de Arão..." etc. (Ex. 28:3).

- Um destes homens, Bezaleel, foi "enchido com o Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência, e de conhecimento, em todo o artifício, *para*...trabalhar em ouro...em lavramento de pedras...em todo tipo de laves" (Ex. 31: 3-5).

- Nm. 11:14-17 relata como alguns dos poderes espirituais delegados a Moisés foram tirados dele e dados aos anciãos de Israel, com o fim de capacitá-los a julgar corretamente as disputas do povo, para que houvesse menos pressão sobre Moisés. Um pouco antes da morte de Moisés, o dom espiritual foi transferido dele para Josué para que ele, também, pudesse adequadamente liderar o povo de Deus (Dt. 34:9).

- Desde a época em que o povo de Israel entrou na sua terra até o seu primeiro rei (Saul) eles foram governados por homens chamados juizes. Durante estes períodos, freqüentemente, eles foram oprimidos pelos seus inimigos, mas o livro de Juizes relata como o espírito de Deus veio sobre alguns dos juizes para livrar Israel milagrosamente dos seus invasores - Otniel (Jz. 3:10), Gideão (Jz. 6:34) e Jefté (Jz. 11:29) exemplificam isto.

- Outro juiz, Sansão, recebeu o espírito para matar um leão (Jz. 14:5,6); para matar 30 homens (Jz. 14:19) e para partir as cordas que o amarravam (Jz. 15: 14). Este "Espírito Santo" não era, entretanto, continuamente possuído por Sansão - veio sobre ele para fazer coisas específicas e depois foi retirado.

Destes exemplos deve estar evidente que receber o dom do uso do espírito de Deus para um propósito particular não foi

- Uma garantia de salvação
- Algo que durasse toda a vida da pessoa
- Uma força mística dentro deles
- Algo obtido através de uma "experiência pessoal de êxtase".

Deve ser dito que há muito questionamento nebuloso sobre os dons do Espírito Santo. As pessoas declaram ter "recebido o Espírito Santo", e em muitos salões evangélicos o pregador tenta ganhar conversões com incentivos de que as pessoas vão receber dons espirituais. Mas deve-se insistir na pergunta: Quais dons? É inconcebível que as pessoas não saibam exatamente qual dom elas possuem. Sansão recebeu um dom espiritual para matar um leão (Jz. 14:5,6); ao enfrentar o animal rugindo, ele deveria saber exatamente para que o espírito lhe havia sido dado. Não poderia haver dúvida na sua mente. Isto se situa em nítido contraste com aquelas pessoas que atualmente declaram ter recebido o Espírito Santo, mas não podem fazer nenhum ato específico; nem sabem qual dom (ou dons) eles têm.

RAZÕES PARA OS DONS NO PRIMEIRO SÉCULO

A última ordem de Cristo foi para os apóstolos irem por todo o mundo pregando o Evangelho (Marcos 16:15,16). Eles fizeram isto, colocando em primeiro lugar na sua mensagem o tema da morte e ressurreição de Cristo. Mas lembre que naquela época não havia o Novo Testamento na forma que nós o conhecemos hoje. Enquanto eles se colocavam nos mercados e sinagogas falando sobre este homem, Jesus de Nazaré, sua história poderia ter soado estranha - um carpinteiro de Israel que foi perfeito, que morreu e que depois ressuscitou em cumprimento preciso à profecia do Velho Testamento, e que agora lhes pedia para que fossem batizados e seguissem o seu exemplo.

Naqueles dias, outros homens também estavam tentando atrair seguidores religiosos. Deveria haver alguma maneira de provar ao mundo que a mensagem pregada pelos cristãos era do próprio Deus, e não era uma filosofia de um bando de pescadores do norte de Israel.

Em nossos dias apelamos para os relatos do Novo Testamento sobre o trabalho e doutrina de Jesus, para provar que nossa mensagem é de Deus, mas naqueles dias, antes que ele fosse escrito e estivesse disponível, Deus permitiu que os pregadores usassem o Seu Espírito Santo para destacar a verdade daquilo que eles estavam dizendo. Esta era a razão específica para o uso dos dons à vista do mundo; a falta do Novo Testamento escrito também tornaria difícil para os novos grupos de crentes crescer na sua fé. Os diversos problemas práticos que ocorreram entre eles não teriam uma solução clara; haveria poucas maneiras para guiá-los para crescer na sua fé em Cristo. Então, por estas razões, os dons do Espírito Santo estiveram disponíveis, para guiar os primeiros crentes através de mensagens inspiradas,

até que o relato destas mensagens no Novo Testamento e os ensinamentos de Jesus fossem escritos e divulgados.

Como sempre, estas razões sobre a concessão do Espírito Santo foram sobremaneira claras:-

- "Subindo (Jesus) ao alto (aos céus),...deu dons (espirituais) aos homens...tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do ministério (pregação), para a edificação do corpo de Cristo", i.e. dos crentes (Ef. 4:8,12).

- Então Paulo escreve aos crentes em Roma, "desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais fortalecidos" (Rm. 1:11).

Com respeito ao uso dos dons para confirmar a pregação do Evangelho, nós lemos:-

- "Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em plena convicção" através dos milagres operados (1 Ts. 1:5 cf. 1 Co. 1:5,6).

- Paulo poderia falar "do que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras milagrosas, pelo poder dos sinais e prodígios, no poder do Espírito Santo" (Rm. 15:18,19).

- Com respeito aos pregadores do Evangelho, nós lemos: "Também Deus testificou com eles, por meio de sinais, prodígios e vários milagres, e dons do Espírito Santo" (Hb. 2:4).

- Uma campanha de pregação do Evangelho em Chipre foi confirmada por milagres, a tal ponto que "o procônsul (governador), vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor" (Atos 13:12).

Assim, os milagres os levaram a verdadeiramente respeitar as doutrinas que estavam sendo ensinadas. Também em Icônio, "o Senhor...dava testemunho

à palavra da sua graça,...e permitindo que... se fizessem sinais e prodígios" (Atos 14:3).

Tudo isto se resume em um comentário sobre a obediência dos apóstolos à ordem de pregar: "Eles partiram e pregaram por toda a parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a sua palavra por meio dos sinais que a acompanhavam" (Marcos 16:20).

COISAS ESPECÍFICAS EM ÉPOCAS ESPECÍFICAS

Assim, estes dons do espírito foram concedidos para a realização de coisas específicas em épocas específicas. Isto mostra o erro de declarar que a posse miraculosa do dom seja uma experiência permanente durante a vida de uma pessoa. Os apóstolos, incluindo Pedro, foram "cheios do Espírito Santo" na festa de Pentecostes, logo após a ascensão de Jesus (Atos 2:4). Por isso eles eram capazes de falar em línguas estrangeiras para inaugurar a pregação do Evangelho cristão de um modo espetacular. Quando as autoridades tentaram prendê-los, "Pedro, cheio do Espírito Santo" foi capaz de responder a eles de forma convincente (Atos 4:8). Ao serem libertos da prisão eles foram capacitados através dos dons a prosseguir na pregação - "todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (Atos 4:31).

O leitor atento vai reconhecer que o texto não diz "eles, já estando cheios do espírito", fizeram estas coisas. Eles foram cheios com o espírito para realizar certas coisas, mas tiveram que ser preenchidos novamente para alcançar o próximo objetivo no plano de Deus. Do mesmo modo Paulo foi "cheio com o Espírito Santo" no seu batismo, mas anos mais tarde ele foi novamente "cheio com o Espírito Santo" para punir um homem ímpio com cegueira (Atos 9:17: 13:9).

Ao falar de dons miraculosos, Paulo escreveu que os primeiros cristãos os possuíam "segundo a medida do dom de Cristo" (Ef. 4:7). A palavra grega para "medida" significa "uma porção ou grau limitado". Somente Jesus tinha todos os dons sem medida, i.e. com liberdade total para usá-los como quisesse (João 3:34).

Agora vamos definir aqueles dons espirituais que parecem ser mais freqüentemente mencionados, como sendo concedidos no primeiro século.

DONS ESPIRITUAIS NO PRIMEIRO SÉCULO

PROFECIA

A palavra grega para "profeta" refere-se a alguém que prediz a palavra de Deus - i.e. qualquer pessoa inspirada para falar as palavras de Deus, o que às vezes incluía prever eventos futuros (ver 2 Pe. 1:19-21). Os "profetas" - aqueles com o dom da profecia - iam "de Jerusalém para Antioquia. Levantando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, a qual aconteceu no tempo de Cláudio. Os discípulos determinaram mandar, cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos" (Atos 11:27-29). Este tipo de profecia altamente específica, que teve claro cumprimento dentro de poucos anos, é quase inexistente entre aqueles que agora declaram possuir o dom da profecia; de fato, a igreja dos primeiros tempos estava tão certa de que este dom realmente era concedido entre eles, que investiram tempo e dinheiro para aliviar as dificuldades que foram profetizadas. Poucos exemplos como este podem ser encontrados nas igrejas hoje ditas "cheias do espírito".

CURA

Entendendo que os apóstolos estavam pregando as boas-novas (Evangelho) da vinda do Reino de Deus de perfeição sobre a terra, faz sentido que eles deviam confirmar sua mensagem fazendo milagres que fossem um prenúncio do que seria aquela época, quando "os olhos dos cegos se abrirão, e os ouvidos dos surdos se desimpedirão. Então os coxos saltarão..." (Is. 35:5,6). Para saber mais sobre as condições do Reino de Deus, ver Estudo 5. Quando o Reino de Deus for estabelecido na terra, promessas como estas não serão cumpridas pela metade, nem haverá ambigüidade quanto ao Reino estar aqui ou não. Portanto, a confirmação miraculosa feita por Deus sobre a mensagem do Reino foi de uma forma conclusiva e definitiva, que não poderia ser contradita; por esta razão muitas das curas milagrosas realizadas pelos primeiros crentes foram feitas à vista do público em geral.

Um exemplo clássico se encontra na cura que Pedro fez do mendigo paralítico que era deitado toda manhã à porta do templo. Atos 3:2 menciona que eles o colocavam ali diariamente - logo, ele era uma visão familiar. Sendo curado por Pedro, ao usar o dom espiritual, "saltando ele, ...começou a andar. Então entrou com eles no templo, andando e saltando...Quando todo o povo o viu andar e louvar a Deus, reconheceram-no como o mesmo homem que se assentava... à porta Formosa do templo: e ficaram cheios de pasmo e assombro pelo que lhe acontecera. E apegando-se o coxo a Pedro...todo o povo correu atônito para junto deles, ao pórtico" (Atos 3:7-11).

Então, imediatamente, Pedro passou a falar, ao ar livre, sobre a ressurreição de Cristo. Tendo diante deles a evidência inquestionável e irrefutável na forma do mendigo curado, nós podemos estar certos de que eles consideraram as palavras de Pedro como sendo as de Deus. A porta do templo na "hora da oração" (Atos 3:1) estaria abarrotada com pessoas, como um shopping no sábado de manhã. Foi um lugar como este que Deus escolheu para confirmar a pregação da Sua palavra, através de um claro milagre. Da mesma forma em Atos 5:12 lemos que "pelas mãos dos apóstolos muitos sinais e maravilhas foram operados entre o povo". As declarações comuns feitas por "Pentecostais" que fazem curas e coisas semelhantes giram em torno do que acontece em igrejas escondidas, e não nas ruas, tendo como audiência os "crentes" exageradamente avisados com um espírito de expectativa de ver um "milagre" acontecer, em vez de diante de um público externo de coração endurecido.

Diga-se que este escritor tem considerável experiência com discussões sobre estes assuntos, com pessoas que declaram ter dons espirituais, e também testemunhou de muitas ações atribuídas à manifestação de dons espirituais. Entretanto, meu "testemunho pessoal" é de ver muitas "curas" inconclusivas, e, no melhor dos casos, curas parciais, sem necessidade de explicá-las com mais detalhes; e qualquer membro honesto destas igrejas vai admitir que isto acontece. Em muitas ocasiões eu tenho dito aos meus bem-intencionados amigos pentecostais, "Eu não estou com má-vontade de acreditar que você pode ter estes grandes poderes. Mas Deus já mostrou claramente quem tem e quem não tem este poder; então não é fora de razão para eu pedir que você demonstre este fato - e depois eu poderei estar mais inclinado a aceitar sua posição doutrinária, a qual, no momento, simplesmente não posso conciliar com a Escritura". Digo que nunca me foi dada uma clara "demonstração de espírito e de poder".

Em contraste à minha atitude, os judeus ortodoxos do primeiro século fecharam suas mentes à possibilidade de que os cristãos possuíssem os dons espirituais milagrosos de Deus. Mas mesmo eles tiveram que admitir, "Este homem realiza muitos sinais miraculosos" (Jo. 11:47) e, "A todos os que habitam em Jerusalém é manifesto que por eles foi feito um sinal notório...e não podemos negar" (Atos 4:16). Da mesma forma aqueles que ouviram os Apóstolos falando em línguas ficaram "confundidos" (Atos 2:6). O mesmo não ocorre hoje em resposta à fala Pentecostal. É, com certeza, um significativo ponto de debate, o fato de que as pessoas mais inclinadas ao moderno "Pentecostalismo" chegam a negar, razoavelmente, que elas, de fato, realizem milagres. Se um único milagre chegou às manchetes em Jerusalém, então seria razoável sugerir que haveria reconhecimento mundial

de que os dons espirituais milagrosos de Deus são concedidos ainda hoje, se um milagre verdadeiro fosse feito no Trafalgar Square em Londres ou no Parque Nyaharuru em Nairobi.

As "curas" pentecostais são resultado de um condicionamento emocional e psicológico, em vez da operação direta do Espírito de Deus. Em contraste a isto, Pedro era capaz de usar o verdadeiro dom de milagres para curar pessoas enquanto elas estavam deitadas nas ruas (Atos 5:15). O uso que Paulo fez dos dons milagrosos foi pessoalmente testemunhado por um ministro do Governo que era descrente (Atos 13:12,13), bem como por muitos pagãos vivendo na cidade de Listra (Atos 14:8-13). Como se requeria, pelo próprio propósito e natureza do dom espiritual, estas coisas eram feitas publicamente, e de modo algum poderiam ser desconsideradas em função de qualquer outra explicação, a não ser admitir que o poder de Deus fora abertamente demonstrado pelos seus servos. O efeito de um milagre de cura por Cristo foi similar: "Todos se admiraram (aqueles que viram), e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca vimos tal coisa" (Mc. 2:12).

LÍNGUAS

Os apóstolos, alguns deles rudes pescadores, receberam a grande comissão de ir por todo o mundo, pregando o Evangelho (Mc. 16:15,16). Talvez a sua primeira reação tenha sido, "Mas eu não sei os idiomas!" Para eles nem era um caso de: "Eu não fui um bom aluno de línguas na escola", pois eles não tinham ido à escola. Foi escrito sobre todos eles "eram homens sem letras e indoutos" (Atos 4:13) quando se tratava destas coisas. E mesmo para os pregadores mais estudados (por exemplo, Paulo), a barreira da língua ainda era assustadora. Quando havia convertidos, considerando a confiança que eles precisavam ter um no outro para edificação (na ausência do Novo Testamento escrito), significava que não entender o idioma um do outro era um problema significativo.

Para vencer esta barreira, foi concedido o dom de falar em línguas estrangeiras ("línguas") e ser capaz de entendê-las. Obviamente que há uma nítida oposição entre esta visão de "línguas" e aquela de muitos cristãos "nascidos de novo", que descrevem suas expressões de êxtase de sons ininteligíveis como "línguas". Esta confusão pode ser esclarecida ao se mostrar que a definição bíblica de "línguas" é "línguas estrangeiras".

Na festa judia de Pentecostes, logo após a ascensão de Cristo aos céus, os apóstolos "Foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em

outras línguas...ajuntou-se uma multidão (novamente, uma amostra pública dos dons!) e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, perguntando uns aos outros: Não são galileus todos estes homens que estão falando? Então como é que os ouvimos, cada um, na nossa própria língua (a mesma palavra grega traduzida como "línguas") nativa? Partos, medas...todos os temos ouvido em nossas próprias línguas...Todos se maravilhavam" (Atos 2:4-12). É pouco provável que a ênfase dobrada sobre a maravilha e perplexidade das pessoas fosse necessária se elas tivessem somente ouvido o balbuciar daqueles que declaram ter este dom hoje; o qual dá lugar a um sarcasmo trivial ou indiferença, em vez de assombro e convicção ao se entender as palavras sendo ditas, o que foi experimentado em Atos 2.

À parte do claro paralelo entre "línguas" e "idiomas" em Atos 2:4-11, "línguas" é evidentemente usado para significar "idiomas" em outras partes do Novo Testamento; a frase "povos, e nações e línguas" é usada cinco vezes em Apocalipse para falar de todos os povos do planeta Terra (Ap. 7:9; 10:11; 11:9; 13:7; 17:15). A palavra grega para "línguas" ocorre na versão grega do Velho Testamento (chamada de "Septuaginta") no sentido de idiomas (ver Gn. 10:5; Dt. 28:49; Dn. 1:4).

1 Co. 14 é uma lista de ordenanças com respeito ao uso do dom de línguas; o v. 21 cita Is. 28:11 com respeito a como este dom seria usado para testemunhar contra os judeus: "Está escrito na lei: Por gente doutras línguas, e por outros lábios, falarei a este povo...". Is. 28:11 primeiramente refere-se aos invasores de Israel falando aos judeus em línguas ("idiomas") que eles não conheciam. O paralelo entre "línguas" e "lábios" indica que "línguas" eram idiomas estrangeiros. Existem muitas outras indicações em 1 Co. 14 de que "línguas" se refere a idiomas estrangeiros. Este capítulo é a crítica inspirada de Paulo sobre aos abusos dos dons que estavam acontecendo na igreja no princípio, e como tal ele dá muitas idéias sobre a natureza dos dons de línguas e profecia. Agora vamos tentar fazer um breve comentário sobre este texto. O verso 37 é um verso chave:-

"Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual,
reconheça que as coisas que vos escrevo são
mandamentos do Senhor."

Se alguém declara ser espiritualmente dotado, por esta razão ele deve aceitar que aquelas ordenanças anteriores sobre o uso dos dons foram inspiradas por Deus. Qualquer pessoa que hoje desobedecer aquelas ordens estará, com

isso, admitindo abertamente que eles desprezam as palavras inspiradas de Deus. Versos 11-17:-

"Mas, se eu ignorar o sentido da voz, serei estrangeiro para aquele a quem falo, e o que fala será estrangeiro para mim.

Assim também vós, como desejais dons espirituais, procurai abundar neles para edificação da igreja.

Pelo que, o que fala em língua, ore para que a possa interpretar.

Pois se eu orar em língua, o meu espírito ora, de verdade, mas o meu entendimento fica sem fruto.

Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento.

De outra maneira, se bendisseres com o espírito, como dirá o indouto com o Amém sobre a tua ação de graças, visto que não sabes o que dizes?

Em verdade tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado."

Não faz sentido falar em uma língua em que aqueles que estiverem presentes no culto não a entendam. O uso do falar "balbuciado" está excluído - pois como pode um verdadeiro "Amém" ser dito ao fim de uma "oração" composta de palavras sem nexos que não podem ser entendidas? Lembre-se que "Amém" significa "Assim seja", i.e. "Eu concordo totalmente com o que foi dito nesta oração". Falar em uma língua que não é entendida pelos irmãos, não os edifica, Paulo diz.

Verso 19:-

"Todavia, eu antes quero falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua."

Isto é bastante claro. Uma breve frase sobre Cristo em português vai fazer mais bem do que horas de pregação para nós em uma língua estrangeira desconhecida - ou um "balbuciar".

Verso 22:-

"De sorte que as línguas são um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos; a profecia, porém, não é sinal para os incrédulos, mas para os crentes."

Por isso o uso das línguas era principalmente para ser aplicado na pregação do Evangelho para não crentes. No entanto, hoje, a maioria das declarações de uso de "línguas" ocorre entre grupos de "crentes" ou (aparentemente) na sua experiência pessoal e individual, a sós. Existe uma falta crônica de exemplos destas pessoas serem capazes de falar milagrosamente em línguas estrangeiras para propagar o Evangelho. No princípio dos anos 90 a porta da oportunidade se abriu para a pregação de Cristo no leste da Europa, mas as (assim chamadas) igrejas "evangélicas" tiveram que distribuir a sua literatura em inglês por causa das barreiras de línguas! Com certeza o dom das línguas não deveria ter sido usado se ele fosse concedido?

Verso 23:-

"Portanto, se toda a igreja se congregar em um lugar, e todos falarem em línguas, e entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão que estais loucos?"

Isto é exatamente o que aconteceu. Muçulmanos e pagãos zombaram do comportamento bizarro daqueles que declaravam o dom de línguas no oeste da África. Mesmo um cristão conservador que resolvesse entrar em uma reunião Pentecostal estaria tentado a pensar que os membros estavam loucos.

Verso 27:-

"Se alguém falar em língua, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez; e haja intérprete."

Somente duas ou três pessoas deviam falar em línguas durante o culto. É pouco provável que houvesse mais que três línguas diferentes faladas por qualquer audiência. Um culto logo perderia toda coerência se cada frase do pregador tivesse que ser traduzida mais do que duas vezes. Se o dom das línguas fosse possuído por alguém em uma reunião na Central de

Londres, assistida por pessoas que falassem inglês, com alguns turistas franceses e alemães presentes, os que falassem poderiam dizer:-

Pastor: *Good evening.* (Inglês)

A pessoa que falasse na primeira língua: *Bon soir* (Francês)

A pessoa que falasse na segunda língua: *Guten abend* (Alemão).

Mas, naturalmente, eles deveriam falar "por sua vez", um após o outro. Se falassem simultaneamente, isto resultaria em confusão; entretanto, devido à natureza fundamentalmente emocional do atual "falar em línguas", o fenômeno ocorre pela boca de muitas pessoas ao mesmo tempo. Eu observei que uma vez que uma pessoa comece, outros são rapidamente influenciados a fazer o mesmo.

O dom das línguas teria sido freqüentemente usado em conjunto com o da profecia, de tal maneira que uma mensagem inspirada por Deus pudesse ser proclamada (pelo dom da profecia) em uma língua estrangeira pela pessoa que falasse (pelo dom de línguas). Um exemplo do uso destes dois dons pode ser visto em Atos 19:6. Contudo, se em uma reunião em Londres assistida por pessoas que falassem inglês e muitos visitantes franceses, o pregador falasse em francês, as pessoas que falassem inglês e estivessem presentes "não seriam edificadas". Por isso o dom de interpretar as línguas (ou idiomas) deveria estar presente, para que todos pudessem compreender - em nosso exemplo, para traduzir do francês para o inglês. Da mesma forma, se fosse feita uma pergunta por uma das pessoas que falasse francês, os de fala inglesa não seriam capazes de entendê-la sem ajuda. O intérprete teria o dom de falar francês sem ter estudado antes. Assim, o dom da interpretação deveria estar presente para ajudar.

Sem a presença de alguém com o dom da interpretação, quando necessário, o dom da língua não seria usado: "...haja intérprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja" (1 Co. 14:27,28). O fato de que muitas pessoas atualmente declaram falar em "línguas", falam em "idiomas" que não podem ser compreendidos por ninguém, e sem interpretação, é, de fato, um caso de franca desobediência a estas ordenanças.

Versos 32,33:-

"Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas. Pois Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos."

Possuir os dons do Espírito Santo não deve estar associado com uma experiência que tire a pessoa da esfera da consciência normal; o espírito está sujeito ao controle daquele que o usa, em vez de uma força que os leva a agir involuntariamente. Com frequência é erroneamente declarado que os demônios ou "espíritos maus" possuem o "não salvo" (ver Estudo 6.3), e que o Espírito Santo preenche os crentes. Mas o poder do espírito a que se refere 1 Co. 14:32 estava sujeito ao controle do seu possuidor para fins específicos; não era uma força animadora do bem em contraste com a força do mal, que é de natureza humana. Além disso, mostramos anteriormente que estes poderes do Espírito Santo vieram sobre os apóstolos em certas épocas para realizar coisas específicas, em vez de estarem presentes com eles permanentemente.

Verso 34

"As mulheres estejam caladas na igreja. Não lhes é permitido falar; mas estejam submissas, como também ordena a lei."

Neste contexto de uso dos dons espirituais, não se pode negar que uma mulher não devia usá-los durante o culto na igreja. A completa desconsideração a isto explica o fenômeno atual do falar "balbuciado", que se faz em termos de agitação emocional passando de uma pessoa para outra na audiência. Mulheres, crianças - na verdade, qualquer pessoa presente com um desejo em mente - pode ser afetada por tais estímulos, e assim articular os sons resultantes de êxtase, que passam como "línguas".

A proeminência das mulheres no alegado "falar em línguas" e "profecia" nas igrejas modernas só não pode ser conciliado com a ordem clara deste verso. O argumento ridículo e desesperado de que Paulo odiasse as mulheres pode ser destruído alguns versos depois: "Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor" (1 Co. 14:37) - não pessoalmente de Paulo.

2.4 A Retirada dos Dons

Os dons milagrosos do espírito de Deus serão usados novamente pelos crentes para mudar este mundo atual no Reino de Deus, após a volta de Cristo. Por isso os dons são chamados "os poderes do mundo (era)

vindouro" (Hb. 6:4,5); e Joel 2:26-29 descreve um grande derramar dos dons do espírito depois do arrependimento de Israel. O próprio fato de que estes dons serão dados aos crentes no retorno de Cristo é prova suficiente de que eles não são concedidos agora - uma vez que para qualquer cristão com os olhos abertos tanto às Escrituras como aos eventos mundiais, a volta do Senhor deve, com certeza, ocorrer logo (ver Apêndice 3).

Existem claras profecias bíblicas de que em algum ponto no tempo entre o primeiro século, quando os dons eram concedidos, e a segunda vinda, os dons seriam retirados:-

"Mas havendo profecias, cessarão; havendo línguas, desaparecerão; havendo (o dom da) ciência, passará. Pois em parte conhecemos, e em parte profetizamos, mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado" (1 Co 13:8-10). Os dons "são temporários".

Os dons espirituais possuídos no primeiro século seriam retirados "quando vier o que é perfeito". Isto não pode ser a segunda vinda de Cristo, uma vez que naquela época os dons serão concedidos novamente. A palavra grega traduzida como "perfeito" significa precisamente "aquilo que está cheio ou completo"; não significa necessariamente que não peca.

Este algo completo iria substituir o conhecimento parcial que os primeiros cristãos tinham como resultado do dom da profecia. Lembre que a profecia era o dom de proclamar as palavras inspiradas de Deus; o relato escrito destas palavras é que compôs a Bíblia.

No primeiro século, o crente comum conheceria apenas uma fração do Novo Testamento, como nós o temos hoje em dia. Ele teria ouvido algumas palavras de profecia dos anciãos da sua igreja sobre várias questões práticas; ele conheceria o esboço da vida de Jesus, e bem poderia ter ouvido uma ou duas cartas de Paulo serem lidas. Mas uma vez que o relato escrito das palavras proféticas foi completado e começou a circular, não havia necessidade para que se usasse o dom de profecia. Aquilo que estava completo, e que substituiria o ministério dos dons espirituais, era o Novo Testamento completo:-

"Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito (completo)" (2 Tm. 3:16,17).

Aquilo que torna perfeito ou completo é "toda Escritura"; então, uma vez que "toda Escritura" foi inspirada e escrita, chegou "aquele que era completo", e os dons milagrosos foram retirados.

Agora Efésios 4:8-14 encaixa perfeitamente no seu lugar para completar o quebra-cabeças:-

"Subindo (Jesus) ao alto (ao céu),...deu dons (espirituais) aos homens...para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à (para) unidade da fé (i.e. uma fé), e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade...para que não sejamos mais meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina."

Os dons do primeiro século deveriam ser concedidos até que se alcançasse o homem perfeito, ou maduro, e 2 Tm. 3:16,17 nos diz que "o homem de Deus (é) perfeito" ao aceitar a direção de "toda Escritura". Cl. 1:28 também ensina que "perfeição" vem da resposta à palavra de Deus. Uma vez que se possui toda a Escritura, não há mais qualquer desculpa plausível para se ficar perplexo diante da multidão de doutrinas oferecidas por várias igrejas. Há somente uma Bíblia, e como "tua Palavra é a verdade" (Jo. 17:17), através do estudo destas páginas nós encontramos a "unidade da fé", a fé única da qual Ef. 4:13 nos fala. Assim os verdadeiros cristãos alcançaram a posse daquela fé única; neste sentido eles são completos ("perfeitos"), como resultado "daquilo que é perfeito" ou completo - a Palavra de Deus, escrita e completa.

Prosseguindo, observe como Ef. 4:14 se assemelha a infância espiritual quanto ao ministério dos dons milagrosos; e, no contexto da profecia, como os dons milagrosos seriam retirados. O texto de 1 Co. 13:11 diz o mesmo. Fazer tanto alvoroço quanto a possuir os dons espirituais desta maneira, não é sinal de maturidade espiritual. O progresso que o leitor destas palavras deveria fazer agora é na direção de uma avaliação mais profunda da Palavra escrita de Deus, alegrar-se na plenitude da revelação básica do próprio Deus para nós, através dela, e responder em humilde obediência.

ESTUDO 2: Perguntas

1. Qual das seguintes expressões dão o significado da palavra "Espírito"?
 - a) Poder
 - b) Santo
 - c) Respiração
 - d) Pó.

2. O que é o Espírito Santo?
 - a) Uma pessoa
 - b) Poder
 - c) Poder de Deus
 - d) Parte da trindade.

3. Como a Bíblia foi escrita?
 - a) Homens escreveram suas próprias idéias
 - b) Homens escreveram o que eles pensavam que Deus queria dizer
 - c) Pela inspiração de homens, pelo Espírito de Deus
 - d) Algumas partes foram inspiradas, outras não.

4. Quais das seguintes são algumas razões porquê os dons milagrosos do Espírito foram concedidos?
 - a) Para confirmar a pregação verbal do Evangelho
 - b) Para desenvolver a igreja nos primeiros anos
 - c) Para forçar as pessoas a serem corretas
 - d) Para salvar os apóstolos de dificuldades pessoais.

5. De onde podemos aprender a verdade de Deus?
 - a) Parcialmente da Bíblia, parcialmente do nosso próprio pensamento
 - b) Do Espírito Santo nos dizendo coisas diretamente, à parte da leitura bíblica
 - c) Apenas da Bíblia
 - d) De ministros religiosos e pastores.

3.1 As Promessas de Deus: Introdução

Neste ponto dos nossos estudos chegamos a um entendimento amplo de quem Deus é e como Ele opera. Ao fazer isto, esclarecemos uma série de equívocos comuns que existem sobre estas questões. Agora queremos ver mais positivamente aquelas coisas que Deus tem "prometido àqueles que o amam" (Tiago 1:12; 2:5) e guardam os Seus mandamentos (Jo. 14:15).

As promessas de Deus no Velho Testamento abrangem a verdadeira esperança cristã. Quando estava sendo julgado pela sua vida, Paulo falou da recompensa futura, pela qual ele estava preparado para perder todas as coisas: "E agora, pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, estou aqui e sou julgado...por causa desta esperança...eu sou acusado" (Atos 26:6,7). Ele passou grande parte da sua vida pregando "boas notícias (o Evangelho), como a promessa feita aos pais, Deus a cumpriu...ressuscitando a Jesus" (Atos 13:32,33). Paulo explicou que a crença naquelas promessas dava esperança de ressurreição dos mortos (Atos 26:6-8 cf. 23:8), conhecimento da segunda vinda de Jesus em juízo, bem como conhecimento do Reino vindouro de Deus (Atos 24:25; 28:20,31).

Tudo isto faz cair por terra o mito de que o Velho Testamento é apenas um devaneio da história de Israel, que não fala da vida eterna. Deus não decidiu, subitamente, há 2.000 anos, que Ele iria nos oferecer vida eterna através de Jesus. Este era o seu propósito desde o princípio:-

"Na esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos eternos; e, em tempos próprios manifestou a sua palavra (com respeito) a pregação" (Tito 1:2,3).

"A vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada" (1 Jo. 1:2).

Visto que o propósito de Deus quanto a dar a vida eterna ao Seu povo estava com Ele desde o princípio, é pouco provável que Ele silenciasse sobre isto durante os 4.000 anos da sua ação com o ser humano, registrada no Velho Testamento. De fato, o Velho Testamento está cheio de profecias e promessas, cada uma delas fornecendo mais detalhes desta esperança que Deus preparou para o Seu povo. É por causa disto que o entendimento das promessas de Deus, feitas aos patriarcas judeus, é vital para nossa salvação: tanto que Paulo lembra os crentes em Éfeso de que antes que eles soubessem

estas coisas, eles "estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel; e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Ef. 2:12) - embora, sem dúvida, eles pensassem que suas crenças pagãs anteriores lhes davam alguma esperança e conhecimento de Deus. Mas esta é a gravidade de não se conhecer as promessas de Deus do Velho Testamento - na verdade, "não ter esperança, e estar sem Deus no mundo". Lembre como Paulo definiu a esperança cristã, "a esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais (judeus)" (Atos 26:6).

É triste o fato de que poucas igrejas dêem ênfase a estes aspectos do Velho Testamento como deveriam. O "cristianismo" degenerou em uma religião baseada no Novo Testamento - embora, mesmo assim, com tendência a usar somente alguns versos dele. Jesus claramente equilibrou o ensino:

"Se não ouvem a Moisés (i.e. os primeiros cinco livros da Bíblia que ele escreveu) e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos volte à vida" (Lc. 16:31).

A mente natural conclui que a crença na ressurreição de Jesus é suficiente (cf. Lc. 16:30), mas Jesus disse que sem um sólido entendimento do Velho Testamento, isto não seria possível de forma plena.

O colapso da fé dos discípulos, depois da crucificação, foi atribuído por Jesus à sua falta de atenção cuidadosa ao Velho Testamento:-

"Então Jesus lhes disse: Ó néscios, e tardios de coração para crer (adequadamente) em tudo o que os profetas disseram! Não era necessário que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? E começando por Moisés, e por *todos* os profetas, explicou-lhes o que dele se achava em *todas* as Escrituras " (Lc. 24:25-27).

Observe a Sua ênfase sobre como *todo* o Velho Testamento falava dEle. Isto não queria dizer que os discípulos nunca tivessem lido ou ouvido as palavras do Velho Testamento, mas eles não as haviam entendido adequadamente, e, assim, não podiam acreditar totalmente nelas. Deste modo, um entendimento correto da Palavra de Deus, em vez de apenas a leitura dela, é necessário para desenvolver uma fé verdadeira. Os judeus eram fanáticos na leitura do Velho Testamento (Atos 15:21), mas como eles

não entendiam a sua referência no que dizia respeito a Jesus e Seu Evangelho, eles, de fato, não acreditavam, e por isso Jesus lhes disse:-

"Se crêsseis em Moisés, creríeis também em mim, pois ele escreveu a meu respeito. Mas se não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?" (Jo. 5:46,47).

Apesar de toda a sua leitura da Bíblia, eles simplesmente não estavam enxergando a mensagem real sobre Jesus, embora gostassem de pensar que tinham a salvação garantida. Jesus teve que lhes dizer:-

"Examinai as Escrituras (i.e. adequadamente - cf. Atos 17:11); porque pensais (estais confiantes) ter nelas a vida eterna. São estas mesmas Escrituras que testificam de mim" (Jo. 5:39).

E assim pode ser com muitas pessoas que têm um conhecimento superficial de alguns incidentes e ensinamentos do Velho Testamento: é apenas conhecimento que captaram acidentalmente. Eles ainda se esquivam da mensagem maravilhosa de Cristo e o Evangelho do Reino de Deus. O propósito deste estudo é tirá-lo desta posição, demonstrando o significado real das principais promessas do Velho Testamento:-

- **No jardim do Éden**
- **A Noé**
- **A Abraão**
- **A Davi**

A informação sobre eles se encontra nos primeiros cinco livros da Bíblia (Gênesis-Deuteronômio) que foram escritos por Moisés, e nos profetas do Velho Testamento. Todos os elementos do Evangelho cristão encontram-se aqui. Paulo, explicando a sua pregação deste Evangelho falava "não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer; isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios" (Atos 26:22,23), e nos seus últimos dias o tema da sua pregação permaneceu o mesmo: "ele (Paulo) explicava com bom testemunho o reino de Deus...tanto pela lei de Moisés, como pelos profetas, desde a manhã até a noite" (Atos 28:23).

A esperança de Paulo, aquele supremo cristão, deveria ser a esperança que também nos motiva; como foi a luz gloriosa no final do túnel da sua vida, assim deveria ser para todo cristão comprometido. Aquecidos por esta motivação, agora nós podemos "examinar as Escrituras".

3.2 A Promessa no Éden

A história patética da queda do homem está relatada em Gênesis capítulo 3. A serpente foi amaldiçoada ao citar erroneamente a palavra de Deus e tentar Eva a desobedecê-la. O homem e a mulher foram punidos pela sua desobediência. Mas um raio de esperança vem para dentro deste quadro escuro, quando Deus diz à serpente:-

"E porei inimizade (ódio, oposição) entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta (a semente da mulher) te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn. 3:15, Edição Revista e Corrigida).

Este verso é altamente concentrado; nós precisamos, cuidadosamente, definir os vários elementos envolvidos. Uma "semente" significa um descendente ou filho, mas também pode se referir às pessoas associadas com a "semente" em particular. Mais tarde veremos que a "semente" de Abraão era Jesus (Gl. 3:16), mas, se nós estamos "em" Jesus pelo batismo, então nós também somos a semente (Gl. 3:27-29). Esta palavra "semente" também se refere à idéia de esperma (1 Pe. 1:23); então, uma verdadeira semente terá as características do seu pai.

A semente da serpente deve, por isso, referir-se àquilo que tem semelhança familiar com a serpente:-

- distorcendo a Palavra de Deus
- mentindo
- levando outros a pecar.

Vamos ver no Estudo 6 que não existe, literalmente, uma pessoa fazendo isto, mas que dentro de nós existe

- "nosso velho homem" na carne (Rm. 6:6)
- "o homem natural" (1 Co. 2:14)

- "o velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano" (Ef. 4:22)

- "o velho homem com os seus feitos" (Cl. 3:9).

Este "homem" do pecado dentro de nós é o "maligno" bíblico, a semente da serpente.

A semente da mulher devia ser um indivíduo específico - "tu (a semente da serpente) lhe ferirás o calcanhar" (Gn. 3:15). Esta pessoa iria, permanentemente, esmagar a semente da serpente, i.e. o pecado - "este te ferirá a cabeça". Bater em uma serpente na cabeça é um golpe mortal - uma vez que o seu cérebro está na sua cabeça. A única pessoa que é um possível candidato a semente da mulher deve ser o Senhor Jesus:-

Jesus Cristo, o qual (pela cruz) destruiu a morte (e com ela o poder do pecado - Rm. 6:23), e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho" (2 Tm. 1:10).

"Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne", i.e. o maligno bíblico, a semente da serpente (Rm. 8:3).

Jesus "se manifestou para tirar os nossos pecados" (1 Jo. 3:5).

"E lhe porás o nome de Jesus (que significa "Salvador"), porque ele salvará o povo dos pecados deles" (Mt. 1:21).

Literalmente Jesus foi "nascido de mulher" (Gl. 4:4) como filho de Maria, embora Deus fosse o seu Pai. Neste sentido, também, ele foi a semente da mulher, ainda que feito por Deus de uma maneira que nenhum outro homem jamais foi. Esta semente da mulher seria temporariamente ferida pelo pecado, a semente da serpente - "tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn. 3:15). A mordida de uma serpente no calcanhar normalmente é uma ferida temporária, comparada com a permanência de esmagar a cabeça da serpente. Muitas figuras de linguagem têm raízes bíblicas: "dar um golpe mortal" (i.e. cessar ou terminar algo completamente), provavelmente está baseado nesta profecia de Jesus esmagar a cabeça da serpente.

A condenação do pecado, a semente da serpente, foi primeiramente através do sacrifício de Cristo na cruz - observe como os versos citados acima falam da vitória de Cristo sobre o pecado no tempo passado. A ferida temporária no calcanhar, sofrida por Jesus é, assim, uma referência à sua morte por três dias. Sua ressurreição provou que esta foi, apenas, uma ferida temporária, comparada ao golpe mortal que Ele deu ao pecado. É interessante que registros históricos não-bíblicos fazem referência a vítimas de crucificação sendo pregadas através do calcanhar à estaca de madeira. Assim, Jesus foi "ferido no calcanhar" pela sua morte. Is. 53:4,5 descreve Cristo como sendo "ferido" por Deus através da sua morte na cruz. Esta é uma alusão direta à profecia de Gn. 3:15 de que Cristo seria ferido pela semente da serpente. Todavia, ao final, Deus operou através do mal que Cristo enfrentou, *Ele* é descrito aqui como aquele que fere (Is. 53:10), através do controle das forças do mal que feriram Seu Filho. E assim também Deus opera através das experiências ruins de cada um dos seus filhos.

O CONFLITO HOJE

Mas, na nossa mente, pode se levantar a questão: "Se Jesus destruiu o pecado e a morte (a semente da serpente), por que aquelas coisas ainda estão presentes hoje?" A resposta é que na cruz Jesus destruiu o poder do pecado nEle mesmo: a profecia de Gn. 3:15 é, primeiramente, sobre o conflito entre Jesus e o pecado. Agora isto significa que como Ele nos convidou para compartilhar a Sua vitória, conseqüentemente nós, também, podemos conquistar o pecado e a morte. Aqueles que não são convidados para compartilhar Sua vitória, ou recusam a oferta, irão, é claro, ainda experimentar o pecado e a morte. Embora o pecado e a morte também sejam experimentados pelos verdadeiros crentes, pela associação deles com a semente da mulher, através do batismo em Cristo (Gl. 3:27-29), eles podem ter o perdão dos seus pecados, e assim, finalmente, ser salvos da morte, que é resultado do pecado. Sob esta perspectiva, Jesus "aboliu a morte" sobre a cruz (2 Tm. 1:10), embora não seja até que o propósito de Deus em relação à terra esteja completo, ao fim do Milênio, que as pessoas vão, de fato, parar de morrer - quando a morte nunca mais for testemunhada sobre a terra: "Pois convém que ele reine (na primeira parte do Reino de Deus) até que haja posto a todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo que há de ser destruído é a morte" (1 Cr. 15:25,26).

Se nós somos "batizados *em* Cristo", então as promessas sobre Jesus, como aquela em Gn. 3.15, tornam-se pessoais para nós; elas não são mais apenas partes interessantes da Bíblia, são profecias e promessas feitas diretamente para nós! Como a semente da mulher, nós também, vamos experimentar a

vitória do pecado sobre nós em breve . A menos que o Senhor volte durante a nossa vida, nós também, seremos feridos no calcanhar como Jesus foi, no sentido de que também nós iremos morrer. Mas se, verdadeiramente, formos a semente da mulher, então aquela "ferida" será apenas temporária. Aqueles que são adequadamente batizados em Cristo, imergindo nas águas, se associam com a Sua morte e ressurreição - simbolizada pelo levantar das águas (ver Rm. 6:3-5).

Se somos a verdadeira semente da mulher, então as nossas vidas irão refletir as palavras de Gn. 3:15 - haverá uma constante condição de conflito ("inimizade") dentro de nós, entre o certo e o errado. O grande apóstolo Paulo descreveu um conflito quase esquizofrênico entre o pecado e o seu "eu" real que o assolava (Rm. 7:14-25).

Depois do batismo em Cristo, este conflito com o pecado que está naturalmente dentro de nós, deve aumentar - e continuar assim por todos os nossos dias. Em certo sentido isto é difícil, porque o poder do pecado é forte. Mas, em outro sentido não é, visto que nós estamos *em* Cristo, que já lutou e venceu o conflito. Observe como os crentes são descritos como uma mulher em Ef. 5:23-32, sendo a semente da mulher, nós também somos a mulher.

Do mesmo modo como a semente da mulher representa tanto Jesus como aqueles que procuram ter as Suas características, assim a semente da serpente fala tanto do pecado (o "maligno" bíblico) como daqueles que mostram livremente as características do pecado e da serpente. Tais pessoas irão menosprezar ou representar mal a Palavra de Deus, a qual irá, finalmente, conduzi-los à vergonha do pecado e alienação de Deus, o que aconteceu com Adão e Eva. Entendendo-se que os judeus foram o povo que realmente levou Jesus à morte - i.e. feriram a semente da mulher no seu calcanhar - é de se esperar que eles foram os primeiros exemplos da semente da serpente. Isto foi confirmado por João, o batista e Jesus:-

"Mas, vendo ele (João) muitos dos fariseus e dos saduceus (o grupo de judeus que condenaram Jesus) que vinham ao batismo, disse-lhes: Raça (i.e. gerados por, criados por) de víboras (serpentes), Quem vos ensinou a fugir da ira futura?" (Mt. 3:7).

"Jesus, porém, conhecendo seus (dos fariseus) pensamentos, disse-lhes...Raça de víboras, como

podeis vós dizer boas coisas, sendo maus?" (Mt. 12:25,34).

O mundo - mesmo o mundo religioso - tem estas mesmas características da serpente. Somente aqueles batizados em Cristo estão associados com a semente da mulher; todos os outros são, em vários graus, a semente da serpente. O modo como Jesus tratou as pessoas que eram a semente da serpente, deve ser o nosso exemplo:-

- Ele pregou a elas em espírito de amor e verdadeiro cuidado, entretanto
- Ele não consentiu que o seu modo de agir e pensar o influenciasse, e
- Ele mostrou-lhes o caráter amoroso de Deus na forma como viveu.

Entretanto, por tudo isto, eles o odiaram. O seu próprio esforço para ser obediente a Deus os fazia ter ciúmes. Mesmo a Sua família (Jo. 7:5; Mc. 3:21) e amigos chegados (Jo. 6:66) colocaram barreiras e alguns chegaram a se retirar fisicamente. Paulo experimentou a mesma coisa, quando lamentou àqueles que uma vez permaneceram com ele, apesar de todas as dificuldades:-

"Fiz-me, acaso, vosso inimigo, dizendo a verdade?"
(Gl. 4:14-16).

A verdade nunca é popular; conhecê-la e vivê-la como devemos sempre irá criar alguma forma de problema para nós, até mesmo resultando em perseguição:-

"Mas, como então o que nasceu segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito (pelo verdadeiro conhecimento da Palavra de Deus - 1 Pedro 1:23), assim é também agora" (Gl. 4:29).

Se nós estamos, verdadeiramente, unidos com Cristo, devemos experimentar alguns dos seus sofrimentos, para que também nós possamos compartilhar de Sua recompensa gloriosa. Novamente, nisto Paulo estabelece um exemplo incomparável:-

"Fiel é esta palavra: se já morremos com ele (Cristo), também com ele viveremos: se

perseverarmos (com Ele), também reinaremos...por este motivo tudo suportar (2 Tm. 2:10-12).

"Se eles me perseguiram (a Jesus), também vos perseguirão...tudo isto vos farão por causa do meu nome" (Jo. 15:20,21).

- i.e. porque eles foram batizados no nome de Jesus (Atos 2:38; 8:16).

Diante de versos como estes, somos levados a raciocinar: "Se isto é o que significa estar associado com Jesus, a semente da mulher, eu prefiro o contrário". Mas é claro que nunca será esperado de nós que passemos por algo que não possamos suportar razoavelmente. Enquanto o auto-sacrifício seja definitivamente requerido para nos unir plenamente com Cristo, nossa associação com Ele vai resultar em uma recompensa tão gloriosa "que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada". E mesmo agora, Seu sacrifício faz com que nossas orações por ajuda, durante os traumas da vida, sejam especialmente poderosas perante Deus. E acrescente-se a esta, a seguinte certeza gloriosa, fortemente enfatizada em muitas traduções da Bíblia:-

"E fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis resistir; antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar". (1 Co. 10:13)

"Disse-vos estas coisas para que em mim tenhais paz. No mundo tereis aflições. Mas tende bom ânimo! Eu venci o mundo." (Jo. 16:33)

"Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm. 8:31)

3:3 A Promessa a Noé

A medida que a história humana prosseguiu, depois da época de Adão e Eva, a iniquidade humana tornou-se crescente. As coisas chegaram a um estágio em que a civilização estava tão moralmente desesperada que Deus decidiu destruir aquele sistema de coisas, com exceção a Noé e sua família (Gn. 6:5-8). Foi-lhe dito para fazer uma arca na qual ele e os

representantes de todos os animais viveriam durante o tempo em que o mundo estava sendo destruído pela inundação. Prosseguindo, existe muita explicação científica para acreditar que esta enorme inundação literalmente ocorreu, à parte das claras declarações das Escrituras! Observe que a terra (i.e. este planeta, no sentido literal) não foi destruída, apenas a forma humana que estava nela: "Pecceram todos os seres vivos que se moviam sobre a terra" (Gn. 7:21). Tanto Jesus (Mt. 24:37) como Pedro (2 Pedro 3:6-12) viram o julgamento sobre o mundo de Noé como algo semelhante ao que vai acontecer na segunda vinda de Cristo. Assim, a terrível iniquidade do homem nos dias de Noé compara-se ao nosso mundo atual, o qual está próximo de ser punido na volta de Cristo.

Devido a enorme pecaminosidade do homem e o programa de auto-destruição no qual este planeta embarcou, tem se levantado uma crença, mesmo entre os cristãos, de que esta terra será destruída. Esta idéia demonstra claramente uma completa falta de reconhecimento da mensagem básica da Bíblia - que Deus ESTÁ ativamente tratando das questões deste planeta, e que brevemente Jesus Cristo vai voltar para estabelecer o Reino de Deus aqui sobre a terra. Se for permitido ao homem destruir este planeta, então estas promessas simplesmente não podem ser mantidas. Evidência considerável de que o Reino de Deus *estará* sobre a terra encontra-se no Estudo 4.7 e Estudo 5. Enquanto isto, os seguintes textos deveriam ser prova suficiente de que a terra e o sistema solar não serão destruídos:-

- "A terra que fundou para sempre" (Sl. 78:69).
- "A terra permanece para sempre" (Ec. 1:4).
- "Sol e lua...estrelas...céus...Ele os estabeleceu para sempre, e lhes deu uma lei que não passará" (Sl. 148:3-6).
- "A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Is. 11:9; Nm. 14:21) - isto seria difícil, se Deus deixasse a terra se auto-destruir. Esta promessa ainda não foi cumprida.
- "Deus, foi ele que formou a terra, e a fez, ele a estabeleceu, ele não a criou para ser vazia, mas a formou para que fosse habitada" (Is. 45:18). Se Deus tivesse feito a terra somente para vê-la destruída, então o seu trabalho seria em vão.

Mas, de volta ao Gênesis, Deus prometeu tudo isso a Noé. Quando ele começou a viver, novamente, no novo mundo criado depois da inundação, talvez Noé temesse que pudesse haver outra destruição total. Quando começava a chover, depois do dilúvio, este pensamento devia vir à sua mente. E por isso Deus fez uma aliança (uma série de promessas) que isso não voltaria a acontecer:-

"Agora estabeleço a minha aliança convosco...estabeleço convosco a minha aliança: (observe a ênfase na pessoa que fala - a *maravilha* de Deus escolher fazer promessas ao homem mortal!); Não mais será destruído tudo o que tem vida pelas águas do dilúvio; não haverá mais dilúvio para destruir a terra" (Gn. 9:9-12).

Esta aliança foi confirmada pelo arco-íris:-

"Sempre que eu trazer nuvens (de chuva) sobre a terra, e aparecer o arco nas nuvens, eu me lembrarei da minha aliança...que está entre mim e vós...a aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de todas as espécies, que estão sobre a terra...Este (arco-íris) é o sinal da aliança" (Gn. 9:13-17).

Como esta é uma aliança eterna entre Deus e o povo e os animais da terra, segue-se que a terra deve ter pessoas e animais vivendo sobre ela para sempre. Isto, em si mesmo, é prova de que o Reino de Deus será sobre a terra e não sobre os céus.

Por isso a promessa a Noé é uma base do Evangelho do Reino; ela demonstra como a atenção de Deus se focaliza neste planeta, e como Ele tem um propósito eterno para ele. Mesmo na ira Ele se lembra da misericórdia (Hc. 3:2), e tal é o seu amor que Ele até mesmo cuida da sua criação animal (1 Co. 9:9 cf. Jonas 4:11).

3.4 A Promessa a Abraão

O Evangelho ensinado por Jesus e os apóstolos não era, fundamentalmente, diferente daquele entendido por Abraão. Deus, através das Escrituras, "Anunciou primeiro o Evangelho a Abraão" (Gl. 3:8). Tão cruciais são

estas promessas que Pedro começou e terminou sua proclamação pública do Evangelho com referência a elas (Atos 3: 13,25). Se pudermos entender o que foi ensinado a Abraão, então teremos um quadro bem básico do Evangelho cristão. Existem outras indicações de que "o evangelho" não é algo que apenas começou na época de Jesus:-

- "E nós vos anunciamos (o Evangelho), que a promessa feita aos pais (judeus), Deus a cumpriu" (Atos 13: 32,33).
- "O evangelho de Deus, o qual antes havia prometido pelos seus profetas (por exemplo, Abraão, Gn. 20:7) nas santas Escrituras" (Rm. 1:1,2).
- "Pois é por isto que foi pregado o evangelho até aos mortos" (1 Pedro 4:6) - i.e. crentes que viveram e morreram antes do primeiro século.
- "Pois também a nós foram anunciadas as boas-novas, como a eles" (Hb. 4:2) - i.e. Israel no deserto.

A promessa a Abraão tem dois temas básicos:

- (1) coisas sobre a semente de Abraão (descendente especial) e
- (2) coisas sobre a terra que foi prometida a Abraão.

Estas promessas são comentadas no Novo Testamento, e, mantendo o nosso método de deixar que a Bíblia explique-se a si mesma, vamos combinar os ensinamentos dos dois Testamentos para nos dar um quadro completo da aliança feita com Abraão.

Originalmente Abraão viveu em Ur, uma cidade próspera, onde agora é o Iraque. A arqueologia moderna revela um alto nível de civilização que foi alcançado na época de Abraão. Havia um sistema bancário, departamentos do governo e infra-estrutura relacionada. Sem conhecer algo diferente, Abraão viveu nesta cidade; tanto quanto sabemos, um homem do mundo. Mas, então, o chamado extraordinário de Deus veio até ele - para abandonar aquela vida sofisticada e embarcar em uma viagem para uma terra prometida. Exatamente onde e exatamente o quê, não estava completamente claro. Incluindo tudo, tornou-se uma viagem de 2.400 quilômetros. A terra era Canaã - a moderna Israel.

Ocasionalmente, durante a sua vida, Deus apareceu a Abraão e repetiu e ampliou a sua promessa a ele. Aquelas promessas são a base do Evangelho de Cristo, assim, como a verdadeiros cristãos, aquele mesmo chamado vem a nós, como foi a Abraão, para abandonar as coisas transitórias desta vida e prosseguir em uma vida de fé, considerando as promessas de Deus com valor nominal, vivendo de acordo com Sua Palavra. Nós bem podemos imaginar como Abraão meditou nestas promessas durante a viagem. "Pela fé Abraão, sendo chamado (de Ur) para um lugar (Canaã) que havia de receber por herança, obedeceu e saiu, sem saber para onde ia" (Hb. 11:8).

Como consideramos as promessas de Deus pela primeira vez, nós, também, podemos sentir que não sabemos, exatamente, como será a terra prometida do Reino de Deus. Mas a nossa fé na Palavra de Deus deveria ser tal que também nós a obedecêssemos prontamente.

Abraão não vagueava como nômade, sem nada melhor para fazer do que arriscar nestas promessas. Ele tinha uma história que, em termos fundamentais, é muito parecida com a nossa. As decisões complexas e agonizantes que ele enfrentou foram semelhantes àquelas que nós, talvez, tenhamos que enfrentar, se considerarmos aceitar e agir de acordo com as promessas de Deus - o olhar estranho dos colegas de trabalho, o olhar zombeteiro dos vizinhos ("Ele virou religioso!")...Abraão conhecia estas coisas. A motivação que Abraão precisava para enfrentar isto tudo deveria ser tremenda. A única coisa que proporcionava aquela motivação, durante os seus longos anos de viagem, foi a palavra da promessa. Ele deve ter memorizado aquelas palavras e meditado diariamente sobre o que elas, realmente, significavam para ele.

Ao demonstrar semelhante fé, e a ação em conformidade a ela, nós podemos ter as mesmas honras que Abraão - ser chamados amigos de Deus (Is. 41:8), encontrar o conhecimento de Deus (Gn. 18:17) e ter uma segura esperança de vida eterna no Reino. Mais uma vez enfatizamos que o Evangelho de Cristo baseia-se nestas promessas a Abraão. Para acreditar, verdadeiramente na mensagem cristã, nós, também, devemos conhecer firmemente as promessas feitas a Abraão. Sem elas a nossa fé não é fé. Nós deveríamos ler e reler os diálogos entre Deus e Abraão com olhos ávidos.

A TERRA

- 1) "Sai da tua terra...para a terra que eu te mostrarei" (Gn. 12:1).
- 2) Abraão "fez as suas jornadas...até Betel (no centro de Israel) Disse o Senhor a Abrão...levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o norte, para o sul, para o oriente, e para o ocidente. Toda esta terra que vês, hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre...percorre a terra...pois eu a darei a ti" (Gn. 13:3,14-17).
- 3) "Fez o Senhor uma aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates" (Gn. 15:18.)
- 4) "Darei a ti e à tua descendência depois de ti a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em perpétua possessão" (Gn. 17:8).
- 5) "A promessa de que (Abraão) havia de ser herdeiro do mundo" (Rm. 4:13).

Aqui nós vemos uma revelação progressiva feita a Abraão:-

- 1) "Existe uma terra, para a qual eu gostaria que você fosse".
- 2) "Agora você chegou na área. Você e seus filhos vão viver aqui para sempre". Observe como esta promessa de vida eterna não está registrada com glamour ou ênfase; sem dúvida, um autor humano iria animá-la.
- 3) A área da terra prometida foi definida mais especificamente.
- 4) Abraão não deveria esperar receber o cumprimento da promessa nesta vida - ele deveria ser um "estranho" na terra, embora, mais tarde, ele fosse viver ali para sempre. A implicação disto é que ele morreria e mais tarde ressuscitaria para ser capaz de receber esta promessa.
- 5) Paulo, sob inspiração, viu evidentemente que as promessas a Abraão significavam a sua herança de toda a terra.

As Escrituras explicam isto de forma esmerada, lembrando-nos que Abraão não recebeu o cumprimento destas promessas na sua vida:-

"Pela fé ele peregrinou (implicando um estilo de vida temporário) na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em tendas" (Hb. 11:9).

Ele viveu como um estrangeiro na terra, talvez com o mesmo sentido clandestino de insegurança e inadequação que um refugiado experimenta. Dificilmente ele estava vivendo com a sua semente na sua própria terra. Junto com os seus descendentes, Isaque e Jacó, (aos quais a promessa foi repetida), eles "morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as (eles) e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra" (Hb. 11:13, Edição Revista e Corrigida). Observe os quatro estágios:-

- Conhecendo as promessas - como estamos fazendo através deste estudo.
- Sendo "persuadidos por elas" - se foi necessário um processo de persuasão para Abraão, quanto mais para nós?
- Abraçando-as - pelo batismo em Cristo (Gl. 3:27-29).
- Confessando ao mundo, pelo nosso modo de viver, que este mundo não é o nosso lar verdadeiro, mas nós estamos vivendo na esperança daquela era futura por vir sobre a terra.

Abraão torna-se o nosso grande herói e exemplo, se nós avaliarmos estas coisas. O reconhecimento final de que o cumprimento das promessas está no futuro veio para o velho homem cansado quando a sua mulher morreu; ele, realmente, teve que comprar parte da terra prometida para enterrá-la (Atos 7:16). Deus verdadeiramente "não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé. Mas prometeu que lhe daria a posse dela" (Atos 7:5). A atual semente de Abraão pode sentir a mesma incongruência ao comprar ou alugar uma propriedade - na terra que lhes foi prometida como herança pessoal e eterna!

Mas Deus guarda as suas promessas. Virá um dia quando Abraão e todos aqueles a quem foram feitas promessas, serão recompensados. Hb. 11:13,39,40 esclarece:-

"Todos estes morreram na fé. Não alcançaram as promessas. Deus havia provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados".

Assim, todos os verdadeiros crentes serão recompensados na mesma hora, i.e. perante o trono do juízo no último dia (2 Tm. 4:1,8; Mt. 25:31-34; 1 Pedro 5:4). Segue-se que, para ter existência, a fim de ser julgado, Abraão e outros que conheciam estas promessas, devem ressuscitar imediatamente antes do juízo. Se eles não receberam as promessas ainda, e só farão isto após a ressurreição e juízo na volta de Cristo, não há alternativa, a não ser aceitar que os que são semelhantes a Abraão presentemente estão inconscientes, aguardando a vinda de Cristo; apesar de que, por toda Europa, janelas adornadas com mosaico nas igrejas sejam conhecidas por mostrar Abraão agora nos céus, desfrutando da recompensa prometida por uma vida de fé. Milhares de pessoas por centenas de anos desfilaram diante daquelas figuras, aceitando religiosamente tais idéias. Com base na Bíblia você teria coragem para se comportar de forma diferente?

A SEMENTE

Como foi explicado no Estudo 3:2, a promessa de uma semente aplica-se, primeiramente, a Jesus e, secundariamente, àqueles que estão "em Cristo" e que, por isso, também são contados como semente de Abraão.:-

- 1) "Farei de ti uma grande nação, e te abençoarei...e em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn. 12:2,3).
- 2) "Farei a tua descendência como o pó da terra, de modo que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada...toda esta terra que vês, hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre" (Gn. 13:15,16).
- 3) "Olha agora para o céu, e conta as estrelas, se as podes contar...Assim será a tua descendência...À tua descendência dei esta terra" (Gn. 15:5,18).
- 4) "Darei à ti e à tua descendência depois de ti...toda a terra de Canaã, em perpétua possessão; e serei o seu Deus" (Gn. 17:8).
- 5) "Grandemente multiplicarei a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar. A tua descendência tomará posse das cidades dos seus inimigos; e em

tua descendência serão benditas todas as nações da terra" (Gn. 22:17,18).

Novamente, o entendimento de Abraão sobre a "semente" foi progressivamente ampliado:-

- 1) Em primeiro lugar foi-lhe dito que, de alguma maneira, ele teria um número extraordinário de descendentes, e que através da sua "semente" toda a terra seria abençoada.
- 2) Mais tarde foi-lhe dito que ele teria uma semente que viria a incluir muitas pessoas. Estas pessoas passariam a vida eterna junto com ele, naquela terra onde ele havia chegado, i.e. Canaã.
- 3) Foi-lhe dito que esta semente se tornaria tão numerosa como as estrelas no céu. Isto pode ter-lhe sugerido que ele teria muitos descendentes espirituais (estrelas no céu) bem como naturais (como "o pó da terra").
- 4) As promessas anteriores foram enfatizadas com a garantia adicional de que as muitas pessoas que se tornariam parte da semente poderiam ter um relacionamento pessoal com Deus.
- 5) Esta semente teria vitória sobre os seus inimigos.

Observe que a semente deveria trazer "bênçãos" que estariam disponíveis às pessoas de toda a terra. A idéia de bênção na Bíblia está freqüentemente ligada ao perdão dos pecados. Além disso, esta é a maior bênção que uma pessoa que ama a Deus poderia desejar. Assim, nós lemos textos como: "Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada" (Sl. 32:1); "O cálice de bênção" (1 Co. 10:16), descrevendo o cálice de vinho que representa o sangue de Cristo, através do qual o perdão é possível.

O único descendente de Abraão que trouxe perdão de pecados ao mundo é, obviamente, Jesus, e o comentário do Novo Testamento sobre as promessas a Abraão oferece sólida confirmação disto:-

"A Escritura (Deus) não diz: E a seus descendentes, como falando de muitos (i.e. no plural), mas como de um só (no singular): E a teu descendente, que é Cristo" (Gl. 3:16).

"...da aliança que Deus fez com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão

benditos todos os povos da terra. Ressuscitando Deus a seu Filho Jesus (i.e. a semente), primeiro o enviou a vós...ao desviar-se, cada um, das suas maldades" (Atos 3:25,26).

Observe aqui como Pedro cita e interpreta Gn. 22:18:-

A semente = Jesus

A bênção = perdão de pecados.

A promessa de que Jesus, a semente, teria vitória sobre os seus inimigos, agora se encaixa no devido lugar, se isto for lido com referência à sua vitória sobre o pecado - o maior inimigo do povo de Deus, e, por isso, também de Jesus.

UNINDO-SE À SEMENTE

Neste ponto deveria estar claro que os elementos básicos do Evangelho cristão eram compreendidos por Abraão. Mas estas promessas vitais foram feitas para Abraão e a sua semente, Jesus. E sobre os demais? Mesmo os descendentes físicos de Abraão não fariam, automaticamente, parte daquela semente específica (João 8:39; Rm. 9:7). De alguma forma devemos nos tornar intimamente parte de Jesus, de tal maneira que as promessas feitas à semente são compartilhadas, da mesma forma, com todos nós. Isto ocorre através do batismo em Jesus (Rm. 6:3-5); freqüentemente lemos do batismo *em* seu nome (Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5). Gl. 3:27-29 não poderia deixar este ponto mais claro do que isto:-

"Pois todos vós (i.e. somente aqueles!) que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Desta forma não há judeu nem grego (gentio), não há servo nem livre, não há macho nem fêmea, pois todos vós sois um em (estando na condição de) Cristo Jesus (pelo batismo). E, se sois de Cristo (pelo batismo nEle), então sois descendentes de Abraão, e herdeiros conforme a promessa."

- A promessa da vida eterna na terra, ao receber a " bênção " do perdão por Jesus. É através do batismo em Cristo, a semente, que nós compartilhamos as promessas feitas a ele; e assim Rm. 8:17 nos chama "co-herdeiros com Cristo".

Lembre-se que a bênção devia vir sobre as pessoas de todas as partes da terra, através da semente; e a semente devia se tornar um grupo de pessoas de todo o mundo, como a areia das praias e as estrelas do céu. Segue-se que isto se deve ao fato de terem recebido primeiro a bênção, de tal maneira que eles possam se tornar a semente. Assim a semente (singular) "falará do Senhor às gerações futuras" (i.e. muitas pessoas; Sl. 22:30).

Podemos resumir as duas linhas das promessas dadas a Abraão:-

(1) A TERRA

Abraão e sua semente, Jesus, e aqueles que estão nEle, herdariam a terra de Canaã e por extensão toda a terra, e viveriam para sempre. Eles não a receberiam nesta vida, mas fariam isto no último dia, quando Jesus voltar.

(2) A SEMENTE

Primeiramente esta foi Jesus. Através dEle, os pecados ("inimigos") da humanidade seriam vencidos, para que as bênçãos do perdão estivessem disponíveis a todo o mundo.

Pelo batismo no nome de Jesus nós nos tornamos parte da semente.

Estas mesmas duas linhas ocorrem na pregação do Novo Testamento, e, sem surpreender, geralmente está relatado que quando as pessoas ouviram os seus ensinamentos, foram, então, batizadas. Isto era, e é, a forma como estas promessas podem ser feitas a nós. Agora podemos entender porquê, como um homem idoso diante da morte, Paulo podia definir a sua esperança como "a esperança de Israel" (Atos 28:20): a verdadeira esperança cristã é a esperança judaica original. Cristo comenta que "a salvação vem dos judeus" (João 4:22), o que também se refere à necessidade de nos tornar judeus espirituais, para que possamos nos beneficiar das promessas da salvação através de Cristo, que foram feitas aos patriarcas judeus.

Lemos que os primeiros cristãos pregavam:-

- 1) "As coisas concernentes ao Reino de Deus e
- 2) o nome de Jesus Cristo" (Atos 8:12).

Estas foram, exatamente, as duas coisas explicadas a Abraão sob títulos um pouco diferentes:-

- 1) Promessas sobre a terra e
- 2) Promessas sobre a semente.

Continuando, observe que "as coisas" (plural) sobre o Reino e Jesus são resumidas como "pregar a Cristo" (Atos 8:5 cf. v. 12). Com frequência isto tem significado dizer: "Jesus te ama! Apenas diga que você acredita que Ele morreu por você e você é um homem salvo!" No entanto, a expressão "Cristo" resume claramente o ensino de várias coisas sobre Ele e a vinda do Seu Reino. As boas-novas sobre o Seu Reino, que foram pregadas a Abraão, tiveram uma grande parte nos primeiros ensinamentos do Evangelho.

Em Corinto, Paulo estava "falando ousadamente por três meses, discutindo e persuadindo acerca do reino de Deus" (Atos 19:8); em Éfeso ele "pregava o reino de Deus" (Atos 20:25), e a sua última obra em Roma era a mesma, "Explicava com bom testemunho o reino de Deus, e procurava persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés, como pelos profetas" (Atos 28:23,31). Havia tanto para se falar, mostrando que a mensagem básica do Evangelho sobre o Reino e Jesus não era apenas uma questão de dizer "Creia em Jesus". A revelação de Deus a Abraão era mais detalhada que isso, e as coisas prometidas a ele são a base do verdadeiro Evangelho cristão.

Nós mostramos que o batismo em Jesus nos faz parte da semente e, por isto, capazes de herdar as promessas (Gl. 3:27-29), mas o batismo sozinho não é suficiente para nos assegurar a salvação prometida. Devemos permanecer na semente, em Cristo, se formos receber as promessas feitas à semente. Assim, o batismo é apenas o começo; entramos em uma corrida onde precisamos correr. Não esqueça que, apenas tecnicamente, ser a semente de Abraão não significa que sejamos aceitáveis a Deus. De alguma forma os israelitas são semente de Abraão, mas isto não significa que eles possam ser salvos sem ser batizados e moldarem suas vidas em conformidade com Cristo e o exemplo de Abraão (Rm. 9:7,8; 4:13,14). Jesus disse aos judeus: "Sei que sois descendentes de Abraão. Contudo, procurais matar-me...Se fôsseis filhos de Abraão, praticaríeis as obras de Abraão" (João 8:37,39), que queria dizer, viver uma vida de fé em Deus e Cristo, a semente prometida (João 6:29).

A "semente" deve ter as características do seu ancestral. Se nós formos a verdadeira semente de Abraão devemos, não apenas, ser batizados, mas também ter uma fé real nas promessas de Deus, assim como Abraão teve. Por isso ele é chamado "o pai de todos os que crêem...que também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão" (Rm. 4:11,12). "Sabei, pois (i.e. realmente confiai!) que os da fé é que são filhos de Abraão" (Gl. 3:7).

A fé verdadeira deve se manifestar em algum tipo de ação, de outra forma, aos olhos de Deus, ela não é fé (Tiago 2:17). Demonstramos nossa crença nestas promessas que estudamos, primeiro, sendo batizados, para que elas sejam, pessoalmente, aplicadas a nós (Gl. 3:27-19). Então, você realmente acredita nas promessas de Deus? Esta é uma pergunta que devemos fazer continuamente, a nós mesmos, durante toda a nossa vida.

A VELHA E A NOVA ALIANÇA

Deveria estar evidente neste ponto de que as promessas feitas a Abraão resumem o Evangelho de Cristo. O outro grande grupo de promessas que Deus fez foi aos judeus no contexto da lei de Moisés. Estas declaram que se os judeus fossem obedientes a esta lei, então seriam fisicamente abençoados nesta vida (Dt. 28). Não havia promessa direta de vida eterna nesta série de promessas, ou "aliança". Então, vemos que foram feitas duas "alianças":-

- 1) Com Abraão e sua semente, prometendo perdão e vida eterna no reino de Deus quando Cristo voltar. Esta promessa também foi feita no Éden e para Davi.
- 2) Com o povo judeu na época de Moisés, prometendo paz e felicidade na vida presente se eles obedecessem a lei que Deus deu a Moisés.

Deus prometeu a Abraão o perdão e a vida eterna, mas isto só foi possível através do sacrifício de Jesus. Por esta razão nós lemos que a morte de Cristo sobre a cruz confirmou as promessas a Abraão (Gl. 3:17; Rm. 15:8; Dn. 9:27; 2 Co. 1:20), por isso o seu sangue é chamado o "sangue do novo testamento" (aliança, Mt. 26:28). É para lembrar disto que Jesus nos disse para, regularmente, tomar o cálice de vinho, simbolizando seu sangue, para nos lembrar destas coisas (ver 1 Co. 11:25): "Este cálice é o novo testamento (aliança) no meu sangue." (Lc. 22:20) Não há significado em

"partir o pão" em memória de Jesus e sua obra, a menos que nós entendamos estas coisas.

O sacrifício de Jesus tornou o perdão e a vida eterna possíveis no Reino de Deus; por isto ele tornou certas as promessas a Abraão; ele era "fiador de melhor aliança". (Hb. 7:22) Hebreus 10:9 fala de Jesus "tirando a primeira (aliança), para estabelecer a segunda". Isto mostra que quando Jesus confirmou as promessas a Abraão, ele aboliu a outra aliança, que foi a aliança dada por Moisés. Os versos já citados sobre Jesus confirmam uma nova aliança pela sua morte, implicando que havia uma aliança antiga, a qual ele aboliu (Hb. 8:13).

Isto significa que, embora a aliança com respeito a Cristo tenha sido feita primeiro, ela não entrou totalmente em operação até a sua morte, por isso é chamada a "nova" aliança. O propósito da "velha" aliança feita através de Moisés era apontar adiante à obra de Jesus, e enfatizar a importância da fé nas promessas, com respeito a Cristo (Gl. 3:19,21). Contrariamente, fé em Cristo confirma a verdade da lei dada a Moisés (Rm. 3:31). De modo singular Paulo resume: "a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, a fim de que pela fé fôssemos justificados" (Gl. 3:24). É para este propósito que a lei através de Moisés foi preservada, e ainda é benéfica para o nosso estudo.

Estas coisas não são simples de entender em uma primeira leitura; mas podemos resumir como segue:-

Promessas com respeito a Cristo, feitas a Abraão -
Nova Aliança.

Promessas a Israel, associadas com a lei, dadas a
Moisés - Antiga Aliança.

Morte de Cristo. Fim da Antiga Aliança (Cl.
2:14-17). Começa a vigorar a Nova Aliança.

Por esta razão coisas como o dízimo, guardar o sábado etc., que eram parte da Velha Aliança, agora não são necessárias - ver Estudo 9.5. A Nova Aliança será feita com o Israel natural quando eles se arrependem e aceitam a Cristo (Jr. 31:31,32; Rm. 9:26,27; Ez. 16:62; 37:26), embora, é claro, qualquer judeu que faz isto agora e é batizado em Jesus, pode, imediatamente, entrar na Nova Aliança (na qual não existe discriminação judeu/gentio - Gl. 3:27-29).

Avaliar estas coisas honestamente nos faz entender a certeza das promessas de Deus. Os cétricos acusaram injustamente os primeiros pregadores cristãos de não darem uma mensagem positiva. Paulo respondeu dizendo que por causa da confirmação de Deus, das suas promessas com respeito à morte de Cristo, a esperança da qual eles falaram não era uma questão incerta, mas uma oferta garantida: "Como Deus é fiel, nossa palavra (de pregação) para convosco não é sim e não. Pois o Filho de Deus, Jesus Cristo, que entre vós foi pregado por nós...não foi sim e não, mas nele houve sim. Pois quantas promessas há de Deus, têm nele o sim, e por ele o amém." (2 Co. 1:17-20)

Com certeza isto bombardeia a atitude de quem diz: "Bem, eu imagino que *pode* ter algo de verdade nisso..."?

3.5 A Promessa a Davi

Davi, como Abraão, e muitos outros recipientes das promessas de Deus, não teve uma vida fácil. Ele cresceu como o filho mais novo de uma grande família, a qual, no Israel de 1.000 A. C., significava ter que cuidar das ovelhas e levar recados aos seus irmãos mais velhos, que eram um tanto mandões (1 Sm. 15-17). Durante esta época ele aprendeu um nível de fé em Deus a que poucos homens tinham chegado.

Chegou o dia quando Israel se defrontou com o último desafio dos seus vizinhos agressivos, os filisteus; eles foram desafiados a deixar que um dos seus homens lutasse com o gigante Golias, o defensor dos filisteus, tendo acertado que quem vencesse aquela luta reinaria sobre os perdedores. Com a ajuda de Deus, Davi derrotou Golias usando uma pedra em uma funda, o que lhe garantiu ainda mais popularidade do que o seu rei (Saul). "Duro como a sepultura é o ciúme" (Cânticos. 8:6), palavras que foram comprovadas como verdadeiras pela perseguição que Saul fez a Davi nos 20 anos que se seguiram, perseguindo-o como a um rato no deserto do sul de Israel.

Finalmente Davi tornou-se rei, e para mostrar sua apreciação pelo amor de Deus para com ele durante o deserto da sua vida, ele decidiu construir um templo para Deus. A resposta de Deus foi que o filho de Davi, Salomão, iria construir o templo, e que Deus queria construir uma casa para *Davi* (2 Sm. 7:4-13). Então se seguiu uma promessa detalhada que repete muito do que foi dito a Abraão, e que também preenche outros detalhes:-

"Quando os teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e estabelecerei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho. Se vier a fazer o que é errado, castigá-lo-ei com varas de homens, e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade não retirarei dele, como a retirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de mim; o teu trono será estabelecido para sempre." (v.12-16)

Dos nossos estudos anteriores podemos esperar que a "semente" seja Jesus. Sua descrição como o Filho de Deus (2 Sm. 7:14) confirma isto, como fazem outras referências em outras partes da Bíblia:-

- "Eu sou a...geração de Davi", disse Jesus. (Ap. 22:16).
- "(Jesus), nasceu da descendência de Davi segundo a carne" (Rm. 1:3).
- "Da descendência deste (de Davi), conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para salvador de Israel" (Atos 13:23).
- O Anjo disse à virgem Maria, com respeito a seu filho, Jesus: "O Senhor lhe dará o trono de Davi, (ancestral)...e o seu reinado não terá fim" (Lucas 1:32,33). Isto se aplica para a promessa à semente de Davi em 2 Sm. 7:13, para Jesus.

Com a semente firmemente identificada como Jesus, diversos detalhes se tornam, agora, significativos:-

-1) A SEMENTE

"Teu descendente...que sairá das tuas entranhas...Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho." "...do fruto das tuas entranhas porei sobre o teu trono" (2 Sm. 7:12,14; Sl. 132:10,11). Jesus, a semente, seria um descendente literal e físico de Davi, e ainda teria Deus como seu Pai. Isto só poderia ser alcançado pelo nascimento virginal, como foi descrito no Novo

Testamento; a mãe de Jesus foi Maria, uma descendente de Davi (Lucas 1:32), mas ele não tinha pai humano. Deus agiu milagrosamente no útero de Maria, pelo Espírito Santo, para fazê-la conceber Jesus, e assim o Anjo comentou, "Por isso o ente santo que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35). O "nascimento virginal" foi a única maneira em que esta promessa a Davi poderia ser adequadamente cumprida.

-2) A CASA

"Este edificará uma casa ao meu nome" (2 Sm. 7:13) mostra que Jesus vai edificar um templo para Deus - tanto literal como espiritual. Ezequiel 40-48 descreve como no Milênio (os primeiros 1.000 anos do Reino de Deus depois que Jesus retornar à terra) será construído um templo em Jerusalém. A "casa" de Deus é onde Ele deseja morar, e Is. 66:1,2 nos fala que Ele virá para morar nos corações dos seres humanos que forem humildes à Sua palavra. Jesus está, assim, construindo um templo espiritual para Deus habitar, feito de crentes verdadeiros. Descrições de Jesus como a pedra fundamental do templo de Deus (1 Pedro 2:4-8) e dos cristãos como as pedras do templo (1 Pedro 2:5) agora se encaixam.

-3) O TRONO

"Estabelecerei o trono do seu (de Cristo) reino para sempre...tua (de Davi) casa e o teu reino...o teu trono será estabelecido para sempre (2 Sm. 7:13,16 cf. Is. 9:6,7)". Assim, o Reino de Cristo será baseado no reino de Davi em Israel; isto significa que o Reino de Deus por vir será um re-estabelecimento do reino de Israel - ver Estudo 5.3 para mais detalhes sobre isto. Para cumprir esta promessa, Cristo deve reinar no "trono" de Davi, ou no lugar de governo. Literalmente este foi em Jerusalém. Esta é uma outra prova de que o reino deve ser estabelecido aqui na terra para cumprir estas promessas.

-4) O REINO

"Tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de mim" (2 Sm. 7:16) sugere que Davi testemunharia o estabelecimento do Reino eterno de Cristo. Assim, esta era uma promessa indireta de que ele ressuscitaria no retorno de Cristo, para que pudesse ver com seus próprios olhos o reino sendo estabelecido mundialmente, com Jesus reinando de Jerusalém.

É absolutamente vital que se entendam estas coisas que foram prometidas a Davi. Alegrementemente Davi fala destas coisas como "uma aliança eterna...toda a minha salvação e todo o meu desejo." (2 Sm. 23:5) Estas

coisas também se relacionam à nossa salvação; da mesma forma o nosso desejo deveria ser de nos alegrar nelas. Então, novamente, enfatiza-se que estas doutrinas são importantes. É uma tragédia que a cristandade ensine doutrinas que, declaradamente, contradizem estas verdades maravilhosas:-

- Se Jesus "pré-existiu" fisicamente, i.e. ele existiu como uma pessoa antes de ter nascido, então estas promessas de que Jesus seria a "semente" ou descendente de Davi não fazem sentido.
- Se o reino de Deus for no céu, então Jesus não pode re-estabelecer o reino de Davi em Israel, nem ele pode reinar do "trono" de Davi ou do lugar de reinado. Literalmente estas coisas foram sobre a terra, então o seu re-estabelecimento deve ser no mesmo lugar.

CUMPRIMENTO EM SALOMÃO?

O filho literal de Davi, Salomão, cumpriu algumas partes das promessas feitas a Davi. Ele literalmente construiu um templo para Deus (1 Reis 5-8), e teve um reinado muito próspero. Todas as nações ao seu redor enviaram representantes para honrarem Salomão (1 Reis 10), e houve grande bênção espiritual no uso do templo. Por isso o reinado de Salomão apontava ao maior cumprimento das promessas feitas a Davi, que vão ser vistas no reinado de Cristo.

Alguns declaram que as promessas feitas a Davi foram totalmente cumpridas em Salomão, mas as seguintes declarações não permitem que se reconheça tal coisa:-

- Grande evidência neotestamentária mostra que a "semente" foi Cristo, não Salomão.
- Davi parece ter conectado as promessas de Deus feitas a ele com aquelas feitas a Abraão (1 Cr. 17:27 = Gn. 22:17,18).
- O reino da "semente" seria eterno - o de Salomão não seria.
- Davi reconheceu que as promessas eram com respeito à vida eterna, o que excluía qualquer referência à sua família imediata: "Não está assim com Deus a minha casa; não estabeleceu ele comigo uma aliança eterna?" (2 Sm. 23:5).
- A semente de Davi é o Messias, o Salvador do pecado (Is. 9:6,7; 22:22; Jr. 33:5,6,15; Jo. 7:42). Mas mais tarde Salomão afasta-se de Deus (1 Reis 11:1-13; Ne. 13:26) devido

aos seus casamentos com aquelas que não compartilhavam da
esperança de Israel.

ESTUDO 3: Perguntas

1. Qual das promessas de Deus prediz uma luta constante entre o pecado e a justiça?
 - a) A promessa a Noé
 - b) A promessa no Éden
 - c) A promessa a Davi
 - d) A promessa a Abraão

2. Qual das seguintes declarações é verdadeira com respeito à promessa no Éden?
 - a) A semente da serpente é Lucifer
 - b) Cristo e os justos são a semente da mulher
 - c) A semente da serpente foi temporariamente ferida por Cristo
 - d) A semente da mulher foi ferida pela morte de Cristo.

3. Onde a semente de Abraão viveria para sempre?
 - a) Nos céus
 - b) Na cidades de Jerusalém
 - c) Sobre a terra
 - d) Alguns nos céus e alguns na terra.

4. Qual das seguintes foi prometida a Davi?
 - a) Que o seu grande descendente reinaria para sempre
 - b) Que a sua "semente" teria um reino nos céus
 - c) Que a semente seria o filho de Deus
 - d) Que a sua semente, Jesus, viveria no céu antes do nascimento sobre a terra.

4.1 A Natureza do Homem

A maioria dos seres humanos parece gastar pouco tempo meditando sobre a morte, ou mesmo sobre a sua própria natureza, que é a causa fundamental da morte. Tal falta de auto-exame leva à falta de auto-conhecimento, e por isso as pessoas andam errantes pela vida, tomando suas decisões de acordo com o que ditam os seus próprios desejos naturais. Há uma recusa - embora fortemente mascarada - de admitir o fato de que a vida é tão curta e

que logo a fatalidade da morte virá sobre nós. "Pois, o que é a vida? É um vapor que aparece por um pouco, e logo se desvanece". "Certamente morreremos, e seremos como águas derramadas na terra, que não podem ajuntar mais". "São como a erva que cresce; de madrugada (nossa juventude) cresce e floresce, e à tarde corta-se e seca" (Tiago 4:14; 2 Sm. 14:14; Sl. 90:5,6). Moisés, um verdadeiro pensador, reconheceu isto, e suplicou a Deus: "Ensina-nos a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos coração sábio" (Sl. 90:12). Por isto, tendo em vista a brevidade da vida, adquirir a sabedoria deve ser a nossa prioridade número um.

As respostas do homem à inevitabilidade da morte variam. Algumas culturas tentaram fazer da morte e dos funerais algo que é parte da vida, para reduzir o sentido de perda e fatalidade. A maioria daqueles que carregam o nome de "cristão" concluíram que o homem tem uma "alma imortal", ou algum elemento de imortalidade dentro dele, que sobrevive à morte, indo, posteriormente, para algum lugar de recompensa ou punição. Sendo a morte o problema mais fundamental e trágico da experiência humana, espera-se que a mente do homem tenha se exercitado para diminuir o seu impacto mental; assim, toda uma gama de teorias falsas têm se levantado com respeito à morte e à própria natureza do homem. Como sempre, estas devem ser testadas à luz da Bíblia, para se descobrir a verdade real sobre este assunto vital. Deve-se lembrar que a primeira mentira relatada na Bíblia é aquela da serpente no jardim do Éden. Contrária a declaração absoluta de Deus de que o homem "com certeza morreria" se ele pecasse (Gn. 2:17), a serpente afirmou: "Certamente não morreréis" (Gn. 3:4). Esta tentativa de negar a inevitabilidade e totalidade da morte tornou-se uma característica de todas as falsas religiões. É evidente que especialmente nesta área, uma doutrina falsa leva a outra, e outra, e outra. Ao contrário, um elemento de verdade leva a outro, como se mostra em 1 Co. 15:13-17. Aqui Paulo salta de uma verdade para outra (observe "se...se...se...").

Para entender nossa verdadeira natureza, precisamos considerar o que a Bíblia diz sobre a criação do homem. O relato está em linguagem clara, a qual, se tomada literalmente, deixa-nos sem dúvida sobre exatamente o que nós somos por natureza (ver Digressão 18 com respeito à literalidade do Gênesis). "Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra...dela (da terra) foste (Adão) tomado; pois és pó, e ao pó tornarás" (Gn. 2:7; 3:19). Absolutamente aqui não há sugestão de que o homem tem qualquer imortalidade inerente; não há parte dele que continue a viver após a morte.

Existe uma notável ênfase bíblica no fato de que o homem é, fundamentalmente, composto apenas de pó: "Nós somos o barro" (Is. 64:8); "homem sendo da terra, terreno" (1 Co. 15:47); "cujo fundamento está no pó" (Jó 4:19); "e o homem voltaria ao pó" (Jó 34:14,15). Abraão admitiu que ele era "pó e cinza" (Gn. 18:27). Imediatamente depois de desobedecer a ordem de Deus no Éden, Deus "lançou fora o homem...para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente" (Gn. 3:24,22). Se naturalmente o homem tivesse um elemento imortal dentro dele, isto não seria necessário.

IMORTALIDADE CONDICIONAL

A mensagem, constantemente repetida no Evangelho, é que o homem pode encontrar uma forma de ganhar a vida eterna e a imortalidade através da obra de Cristo. Sendo este o único tipo de imortalidade do qual a Bíblia fala, segue-se que a idéia de eternidade da consciência sofredora pelos feitos errados não tem qualquer apoio bíblico. A única forma de alcançar a imortalidade é através da obediência aos mandamentos de Deus, e aqueles que forem obedientes desta forma vão passar a imortalidade em um estado de perfeição - a recompensa da justiça.

As seguintes passagens deveriam ser prova suficiente de que esta imortalidade é condicional, e não é algo que nós possuímos naturalmente:-

- "Cristo...trouxe a vida e a imortalidade pelo evangelho" (2 Tm. 1:10; 1 João 1:2).
- "Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos (i.e. "inerente em vós"). Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" - para lhe dar esta "vida eterna" (João 6:53,54). O argumento de Cristo em João cap. 6 é que ele é o "pão da vida", e que somente através da resposta certa dada a ele pode haver qualquer esperança de imortalidade (João 6:47,50,51,57,58).
- "Deus nos deu (aos crentes) a vida eterna, e esta vida está em seu Filho" (1 João 5:11). Não pode haver esperança de imortalidade para os que não estão "em Cristo". Somente através de Cristo a imortalidade tornou-se possível; Ele é o "autor da vida (eterna)" (Atos 3:15) - "o autor da eterna salvação para

todos os que lhe obedecem" (Hb. 5:9). Então, a imortalidade para os homens foi originada através da obra de Cristo.

- O verdadeiro crente busca a imortalidade, e será recompensado por isto com o dom da vida eterna - algo que ele não possui naturalmente (Rm. 2:7; 6:23; João 10:28). Nosso corpo mortal "deve se revestir da imortalidade" na volta de Cristo (1 Co. 15:53); assim, a imortalidade é algo prometido, não possuído agora (1 João 2:25).

- Apenas Deus tem imortalidade inerente (1 Tm. 6:16).

4.2 A Alma

À luz do que foi dito, é inconcebível que o homem tenha uma "alma imortal", ou qualquer elemento imortal naturalmente dentro dele. Agora vamos tentar esclarecer a confusão em torno da palavra "alma".

As palavras em grego e hebraico que são traduzidas como "alma" na Bíblia ("Nephesh" e "Psuche", respectivamente) também são traduzidas das seguintes maneiras:-

Corpo	
Respiração	
Criatura	Coração
Mente	Pessoa
O próprio	

Deste modo, a "alma" refere-se à pessoa, corpo ou eu. A famosa sigla S.O.S., "*Save Our Souls*" (Salve Nossas Almas) significa claramente "Salva-nos da morte!". A "alma" é, portanto, "você", ou a soma de todas as coisas que compõem uma pessoa. É compreensível, desta forma, que muitas versões modernas da Bíblia (por exemplo, a N.I.V. *New International Version*) raramente usem a palavra "alma", em vez disto, ela é traduzida como "você" ou "a pessoa". Os animais que Deus criou são chamados "todos os seres viventes" (Gn. 1:20,21). Em hebraico a palavra traduzida como "criatura" aqui é "nephesh", que também é traduzida como "alma"; por exemplo em Gn. 2:7: "...e o homem tornou-se alma vivente". Assim o homem é uma "alma", bem como os animais são "almas". A

única diferença entre a humanidade e os animais é que o homem é mentalmente superior a eles; ele é criado à imagem física de Deus (Gn. 1:26; ver Estudo 1.2), e alguns homens são chamados para conhecer o Evangelho através do qual a esperança da imortalidade se abre para eles (2 Tm. 1:10). Com respeito a nossa natureza fundamental e a natureza da nossa morte, não há diferença entre o homem e os animais:-

"O que acontece aos filhos dos homens, isso mesmo também acontece aos animais; a mesma coisa lhes acontece (observe a dupla ênfase). Como morre um, assim morre o outro...e nenhuma vantagem têm os homens sobre os animais...Todos (i.e. homens e animais) vão para o mesmo lugar (a sepultura); todos são pó, e todos ao pó tornarão" (Ec. 3:19,20). O escritor inspirado de Eclesiastes ora para que Deus ajude os homens a encarar este fato difícil, "que eles (os homens) possam ver que são em si mesmos como os animais" (Ec. 3:18). Assim, é de se esperar que achem difícil aceitar este fato; na verdade, pode ser humilhante admitir que, por natureza, somos apenas animais, vivendo os mesmos instintos de auto-preservação, sobrevivência do mais forte e procriação. A tradução de Almeida de Ec. 3:18 diz que Deus "prova" o homem ao fazê-lo ver que ele é apenas um animal; i.e. aqueles que forem humildes o suficiente para ser seu povo verdadeiro irão compreender esta realidade, mas aqueles que não forem, vão falhar nesta "prova". A filosofia do humanismo - a idéia de que os seres humanos são de suprema importância e valor - tem se difundido sutilmente através do mundo durante o século vinte. É uma tarefa considerável limpar o nosso pensamento da influência do humanismo. As palavras diretas do Sl. 39:5 nos servem de ajuda: "Todo homem é como um sopro". "Nem é do homem que caminha o dirigir os seus passos" (Jr. 10:23).

Uma das coisas mais básicas que sabemos é que todos os corpos humanos - na verdade, todas as "criaturas vivas" - vão finalmente morrer. Assim, a "alma" morre; isto é exatamente o oposto de algo que é imortal. Não é de surpreender que cerca de um terço de todos os usos das palavras traduzidas como "alma" na Bíblia estão associadas com a morte e destruição da alma. O próprio fato de que a palavra "alma" é usada desta maneira, mostra que não pode ser algo que é indestrutível e imortal:-

- "A alma que pecar, essa morrerá" (Ez. 18:4).

- Deus pode destruir a alma (Mt. 10:28). Outras referências a almas sendo destruídas são: Ez. 22:27; Pv. 6:32; Lv. 23:30.
- Todas as "almas" que estavam dentro da cidade de Hazor foram mortas pela espada (Js. 11:11; cf. Js. 10:30-39).
- "...Morreram todos os seres vivos" (Ap. 16:3; cf. Sl. 78:50).
- Frequentemente a Lei de Moisés ordenava que qualquer "alma" que desobedecesse certas leis deveria ser morta (por exemplo Nm. 15:27-31).
- Referências a alma sendo estrangulada ou enlaçada somente podem fazer sentido se for entendido que a alma pode morrer (Pv. 18:7; 22:25; Jó 7:15).
- "Os que não podem reter a própria vida" (Sl. 22:29).
- Cristo "derramou a sua alma na morte" de tal modo que a sua "alma", ou vida, foi feita como oferta pelo pecado (Is. 53:10,12).

A maioria dos versos em que a palavra ocorre, mostra que "alma" refere-se mais a pessoa ou corpo, do que a alguma fagulha imortal dentro de nós. Alguns exemplos óbvios são:-

- "O sangue das almas" (Jer. 2:34).
- "Quando alguém pecar, intimado a depor em juízo...não denunciar o que viu...quando alguma pessoa tocar em alguma coisa imunda...quando alguma pessoa jurar com os seus lábios" (Lv. 5:1-4).
- "Ó minha alma...tudo que há em mim...Bendize, ó minha alma, ao Senhor, ...É ele quem enche a tua boca de bens" (Sl. 103:1,2,5).

- "Quem quiser salvar a sua vida ("alma") perde-la-á; mas quem perder a sua vida ("alma") por causa de mim...esse a salvará" (Marcos 8:35).

Isto é prova suficiente de que alma não se refere a qualquer elemento espiritual dentro do homem; aqui, "alma" (no grego, "psuche") significa apenas a vida física de alguém, que é como se traduz neste ponto.

- Nm. 21:4 mostra que um grupo de pessoas pode ter uma "alma". A "alma", assim, não pode se referir a uma centelha de imortalidade pessoal dentro de cada um de nós.

4.3 O Espírito do Homem

Existe uma infeliz confusão na mente de muitas pessoas no que diz respeito a alma e o espírito. Isto é agravado pelo fato de que em alguns idiomas e traduções da Bíblia, as palavras "alma" e "espírito" têm somente um equivalente. Fundamentalmente a "alma", que se refere a todos os constituintes de uma pessoa, algumas vezes, também refere-se ao espírito. Contudo, na Bíblia, normalmente existe uma diferença de significado entre "alma" e "espírito"; alma e espírito podem ser "divididas em partes separadas" (Hb. 4:12).

As palavras em hebraico e grego para "espírito" ("Ruach" e "Pneuma", respectivamente) também são traduzidas das seguintes maneiras:-

Vida	Espírito
Mente	Vento
Respiração	

Nós vimos a idéia de "espírito" no Estudo 2.1. Deus usa o seu espírito para preservar a criação natural, incluindo o homem. O espírito do homem, que está dentro do homem, é, assim, a força vital dentro dele. "O corpo sem o espírito está morto" (Tiago 2:26). "Deus soprou-lhe (nas narinas de Adão) o fôlego (espírito) da vida; e o homem tornou-se alma vivente (criatura [Gn. 2:7])". Jó fala do "sopro de Deus" como estando "no meu nariz" (Jó 27:3 cf. Is. 2:22). O espírito da vida dentro de nós é, assim, dado ao nascer, e permanece tanto quanto nosso corpo estiver vivo. Quando o espírito de Deus é retirado de alguma coisa, isto parece imediatamente - o espírito é a

força da vida. Se Deus "retirasse o seu espírito e fôlego, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria ao pó. Se há em ti entendimento, ouve isto" (Jó 34:14-16). Novamente, a última sentença dá a entender que o homem acha muito difícil concordar com esta exposição da sua real natureza.

Quando Deus retira o Seu espírito de nós na morte, não somente o nosso corpo morre, mas cessa toda a nossa consciência. O reconhecimento de Davi sobre isto levou-o a acreditar mais em Deus do que em criaturas fracas, como os homens. O Salmo 146:3-5 é um forte oponente às declarações do humanismo: "Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó (o pó do qual somos feitos); nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios. Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio".

Na morte, "o pó volte à terra, como era; e o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec. 12:7). Anteriormente mostramos que Deus está presente em todos os lugares pelo Seu espírito. Neste sentido "Deus é Espírito" (João 4:24). Quando morremos, nós "damos o último suspiro", no sentido de que saiu o espírito que estava dentro de nós. Aquele espírito é absorvido pelo espírito de Deus que é tudo à nossa volta; então, na morte "o espírito volta a Deus".

Como o espírito de Deus sustenta toda a criação, este mesmo processo de morte ocorre nos animais. Homens e animais têm o mesmo espírito, ou força vital, dentro deles. "Porque o que acontece aos filhos dos homens, isso mesmo também acontece aos animais; a mesma coisa lhes acontece. Como morre um, assim morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego (espírito); e nenhuma vantagem têm os homens sobre os animais" (Ec. 3:19). O escritor continua dizendo que não há diferença discernível quanto a onde vão o espírito dos homens e dos animais (Ec. 3:21). Esta descrição dos homens e dos animais tendo o mesmo espírito e morrendo a mesma morte parece aludir, de volta, à descrição do quanto os dois, homens e animais, que têm o espírito de vida de Deus (Gn. 2:7; 7:15), foram destruídos pela mesma morte no dilúvio: "Pereceram todos os seres viventes que se moviam sobre a terra, tanto de ave como de gado e de animais selvagens, e de todo réptil que se arrasta sobre a terra, e todo homem. Tudo o que tinha fôlego (espírito) de vida...morreu...Assim foram exterminados todos os seres" (Gn. 7:21-23). Prosseguindo, observe como o Sl. 90:5 se assemelha à morte no dilúvio. O relato em Gênesis 7 mostra claramente que, em

termos fundamentais, o homem está na mesma categoria que "toda carne...toda substância viva". Isto se deve ao fato deles terem o mesmo espírito de vida dentro de si.

4.4 Morte é Inconsciência

Do que aprendemos até aqui sobre alma e espírito, deve seguir que enquanto morta, uma pessoa é totalmente inconsciente. Embora as ações daqueles responsáveis perante Deus sejam lembradas por Ele (Mt. 3:16; Ap. 20:12; Hb. 6:10), não há nada na Bíblia para sugerir que nós temos qualquer consciência durante o estado de morte. É difícil argumentar contra as claras declarações seguintes, concernentes a isto:-

- "Sai-lhes (do homem) o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia (momento) perecem todos os seus desígnios" (Sl. 146:4).
- "Os mortos não sabem coisa nenhuma...O seu amor, o seu ódio e a sua inveja já pereceram" (Ec. 9:5,6). Não há "sabedoria na sepultura" (Ec. 9:10) - não há pensamento e, por isso, não há consciência.
- Jó dizia que na morte, ele seria "como se nunca houvera sido" (Jó 10:18); ele viu a morte como o esquecimento, inconsciência e ausência total de existência que nós temos antes de nascer.
- O homem morre como os animais (Ec. 3:18); se, de alguma forma, o homem sobrevive conscientemente à morte, da mesma forma deveriam eles sobreviver, embora a Escritura e a ciência silenciem sobre isto.
- Deus "se lembra de que somos pó. Quanto ao homem, os seus dias são como a erva, e como a flor do campo, assim floresce;...se vai, e o seu lugar não se conhece mais" (Sl. 103:14-16).

Que a morte é verdadeira inconsciência, mesmo para o justo, está demonstrado pelos pedidos repetidos dos servos de Deus para permitir que suas vidas sejam prolongadas, porque eles sabiam que depois da morte

seriam incapazes de louvar e glorificar a Deus, entendendo que a morte era um estado de inconsciência. Ezequias (Is. 38:17-19) e Davi (Sl. 6:4,5; 30:9; 39:13; 115:17) são bons exemplos disto. Repetidas vezes a morte é referida como sono ou descanso, tanto para o justo como para o ímpio (Jó 3:11,13,17; Dn. 12:13).

Existe evidência suficiente para declararmos com franqueza que o ir a um estado de deleite e recompensa no céu, diretamente após a morte, como noção popular de justiça, simplesmente não se encontra na Bíblia. A verdadeira doutrina da morte e da natureza do homem traz um grande senso de paz. Depois de todos os traumas e dores da vida do homem, a sepultura é o lugar de total esquecimento. Para aqueles que não têm conhecimento dos requisitos de Deus, este esquecimento vai durar para sempre. Jamais, novamente, os antigos registros desta vida natural trágica e sem realização; as esperanças fúteis e os temores da mente natural humana serão percebidos, lembrados ou representarão uma ameaça.

No estudo da Bíblia existe um sistema de verdade para ser descoberto; entretanto, tristemente, também existe um sistema de erro no pensamento religioso dos homens, devido à falta de atenção à Bíblia. Os esforços desesperados do homem para aliviar a fatalidade da morte o têm levado a acreditar na "alma imortal". Uma vez que se aceite que tal elemento imortal existe dentro do homem, torna-se necessário pensar que ele deve ir a algum lugar após a morte. Isto faz considerar que na morte deve haver alguma diferença entre o destino do justo e do ímpio. Para acomodar isto, tem se concluído que deve haver um lugar para as "boas almas imortais" irem, o chamado Céu, e um outro lugar para as "almas imortais ruins" irem, o chamado inferno. Nós mostramos anteriormente que uma "alma imortal" é impossível biblicamente. As outras idéias falsas inerentes ao pensamento popular serão analisadas agora:-

1. Que a recompensa para as nossas vidas é dada na morte em forma da designação da nossa "alma imortal" a um certo lugar.
2. Que a separação entre o justo e o ímpio ocorre na morte.
3. Que a recompensa do justo é ir para o céu.
4. Que, se todos têm uma "alma imortal", então todos devem ir

para o céu ou para o inferno.

5. Que as "almas" dos ímpios irão para um lugar de punição chamado inferno.

O propósito da nossa análise não é apenas negativo; ao considerar estes pontos em detalhes; cremos que vamos expressar muitos elementos da verdade bíblica que são partes vitais do verdadeiro quadro com respeito à natureza do homem.

4.5 A Ressurreição

A Bíblia enfatiza que a recompensa do justo será na ressurreição, na vinda de Cristo (1 Ts. 4:16). A ressurreição dos mortos responsáveis (ver Estudo 4.8) será a primeira coisa que Cristo fará; isto será seguido pelo juízo. Se a "alma" fosse ao céu na morte, não haveria necessidade da ressurreição. Paulo diz que se não há ressurreição, então, todo o esforço para ser obediente a Deus não tem significado (1 Co. 15:32). Com certeza ele não teria pensado assim, se acreditasse que ele também seria recompensado com esta "alma" indo para o céu na morte? A indicação é que ele acreditava que a ressurreição do corpo seria a única forma de recompensa. Cristo nos encorajou com a expectativa de que a recompensa de uma vida fiel agora seria na "ressurreição" (Lucas 14:14).

Mais uma vez deve-se perceber que a Bíblia não ensina qualquer forma de existência à parte da forma corpórea - isto se aplica a Deus, a Cristo, aos Anjos e ao homem. No seu retorno, Cristo "transformará nosso corpo de humilhação, para ser conforme o seu corpo glorioso" (Fl. 3:20,21). Como ele tem, agora, literalmente, uma forma corpórea, puramente energizada pelo espírito em vez de sangue, do mesmo modo vamos nós compartilhar uma recompensa semelhante. No julgamento vamos receber uma recompensa pelo modo como vivemos esta vida na forma corpórea (2 Co. 5:10). Aqueles que viveram uma vida carnal serão deixados com o seu atual corpo mortal, que então vai apodrecer e voltar ao pó; enquanto que aqueles que, nas suas vidas tentaram vencer a mente da carne com aquela do Espírito, "do Espírito ceifarão a vida eterna" (Gl. 6:8) na forma de um corpo preenchido pelo Espírito.

Existe ampla evidência de que a recompensa do justo será na forma corpórea. Uma vez que se aceite isto, deve estar evidente a importância vital da ressurreição. Nosso corpo presente cessa claramente de existir na morte; se nós só pudermos experimentar a vida eterna e a imortalidade na forma corpórea, segue-se que a morte deve ser um estado de inconsciência, até a hora em que nosso corpo é recriado e então recebe a natureza de Deus.

O texto todo de 1 Coríntios 15 fala da ressurreição em detalhes; e sempre irá recompensar uma leitura cuidadosa. 1 Co. 15:35-44 explica que assim como uma semente é semeada e depois emerge do solo para receber um corpo por Deus, da mesma forma os mortos vão se levantar, para serem recompensados por um corpo. Assim como Cristo levantou do túmulo e teve seu corpo mortal transformado em um corpo imortalizado, também o verdadeiro crente vai compartilhar sua recompensa (Fl. 3:21). Através do batismo nos associamos com a morte de Cristo e sua ressurreição, mostrando nossa crença de que nós, também, vamos compartilhar a recompensa que ele recebeu através da sua ressurreição (Rm. 6:3-5). Ao compartilhar agora dos seus sofrimentos, também vamos compartilhar da sua recompensa: "Levando sempre (agora) por toda parte o morrer do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos" (2 Co. 4:10). "Aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo Jesus vivificará também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita" (Rm. 8:11). Com esta esperança, assim nós aguardamos a "redenção do nosso *corpo*" (Rm. 8:23), através da imortalidade daquele corpo.

Esta esperança de uma literal recompensa corpórea foi entendida pelo povo de Deus desde os primeiros tempos. Foi prometido a Abraão que ele, pessoalmente, herdaria a terra de Canaã para sempre, com tanta certeza como ele a percorreu (Gn. 13:17; ver Estudo 3.4). Para que isto fosse possível, sua fé naquelas promessas precisava da sua crença de que este corpo iria, de algum modo, em uma data futura, reviver e tornar-se imortal.

Jó claramente expressa o seu entendimento de como, apesar do seu corpo ser comido por vermes na sepultura, ele iria, em uma forma corpórea, receber a sua recompensa: "O meu redentor vive, e *por fim* se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ("depois que a minha pele for destruída"), ainda em minha carne (ou forma corpórea) verei a Deus. Ve-lo-ei por mim mesmo, com meus próprios olhos, eu, e não outros. Como

o meu coração anseia dentro em mim!" (Jó 19:25-27). A esperança de Isaías era idêntica: "Os teus mortos...ressuscitarão" (Is. 26:19).

Palavras muito semelhantes se encontram no registro da morte de Lázaro, um amigo pessoal de Jesus. Em vez de confortar as irmãs do homem dizendo que a sua alma tinha ido ao céu, o Senhor Jesus falou do dia da ressurreição: "Teu irmão ressurgirá". A resposta imediata de Marta, a irmã de Lázaro, mostra como os primeiros cristãos entendiam isto muito bem: "Respondeu Marta: Eu sei que ressurgirá na ressurreição, no último dia" (João 11:23,24). Como Jó, ela não entendia a morte como o portão de entrada a uma vida de glória no céu, mas, em vez disto, esperava uma ressurreição "no último dia" (cf. o "último dia" de Jó). O Senhor promete: "Todo aquele que ouve o Pai, e aprende dele...Eu o ressuscitarei no último dia" (João 6:44,45).

4.6 O Julgamento

O ensino bíblico com respeito ao julgamento é um dos princípios da fé, que deve ser claramente compreendido antes do batismo (Atos 24:25; Hb. 6:2). Frequentemente as Escrituras falam do "dia do julgamento" (por exemplo, 2 Pe. 2:9; 3:7; 1 João 4:17; Judas 6), uma época em que aqueles a quem foi dado o conhecimento de Deus vão receber a sua recompensa. Todos estes devem "comparecer perante o tribunal de Cristo" (Rm. 14:10); nós "devemos comparecer perante o tribunal de Cristo" (2 Co. 5:10) para receber uma recompensa das nossas vidas na forma corpórea.

Com respeito a segunda vinda de Cristo, as visões de Daniel incluíam este assento de julgamento na forma de trono (Dn. 7:9-14). As parábolas ajudam a adicionar alguns detalhes. A dos talentos compara o retorno de um patrão, que chama os seus servos e avalia de que maneira eles usaram o dinheiro que ele os deixou (Mt. 25:14-29). A parábola dos pescadores compara a chamada do evangelho a uma rede de pesca, ajuntando todos os tipos de pessoas; então o homem se assentou (cf. o assento no juízo) e separou os peixes bons dos maus (Mt. 13:47-49). A interpretação é clara: "Virão os anjos e separarão os maus dentre os justos".

Do que nós vimos até aqui, é razoável presumir que depois da volta do Senhor e da ressurreição, haverá um ajuntamento de todos que foram chamados pelo Evangelho a um certo lugar em uma certa hora, quando vão encontrar Cristo. Eles vão ter que prestar contas, e ele vai indicar se eles

são ou não aceitáveis para receber a recompensa de entrar no Reino. É apenas neste ponto que os justos receberão sua recompensa. Tudo isto é reunido na parábola das ovelhas e dos bodes: "Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória (o trono de Davi em Jerusalém, Lucas 1:32,33). Todas as nações se reunirão diante dele (i.e. pessoas de todas as nações, cf. Mt. 28:19), e ele apartará uns dos outros, como um pastor aparta dos bodes as ovelhas. Ele porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado" (Mt. 25:31-34).

Herdar o Reino de Deus, receber as promessas feitas a Abraão relativas a ele, é a recompensa do justo. No entanto, isto será apenas após o julgamento, que será na volta de Cristo. Assim, é impossível receber a recompensa prometida de um corpo imortalizado antes da volta de Cristo; por isso nós precisamos concluir que, da hora da morte até a ressurreição, o crente não tem nenhuma existência consciente, visto que é impossível existir em uma forma sem ter um corpo.

Um princípio bíblico que se repete é que *quando* Cristo voltar, *então* haverá a recompensa - e não antes:-

- "E *quando* se manifestar o Sumo Pastor (Jesus), receberéis a imarcescível coroa da glória" (1 Pe. 5:4 cf. 1:13).
- "Cristo Jesus...que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino...a coroa da justiça,... a qual o Senhor, justo juiz, me dará *naquele dia*" (2 Tm. 4:1,8).
- No retorno do Messias nos últimos dias, "muitos daqueles que dormem no pó da terra (cf. Gn. 3:19) ...ressurgirão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha" (Dn. 12:2).
- Quando Cristo vier em juízo, aqueles "que estão nos sepulcros...sairão; os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que praticaram o mal, para a ressurreição da condenação" (João 5:25-29).
- "Eis que cedo venho (Jesus)! A minha recompensa está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra" (Ap. 22:12).

Nós não iremos ao céu para obter a recompensa - Cristo a trará dos céus para nós.

Jesus trazendo nossa recompensa com ele, faz supor que ela foi preparada para nós no céu, mas será trazida para nós na terra na segunda vinda; nossa "herança" da terra prometida a Abraão está, neste sentido, "guardada nos céus para vós, que pelo poder de Deus sois guardados mediante a fé, para a salvação preparada para se revelar no último dia" da vinda de Cristo (1 Pedro 1:4,5).

Avaliar isto capacita-nos a interpretar corretamente uma passagem muito mal entendida em João 14:2,3: "Vou (Jesus) preparar-vos lugar. E se eu for e vos preparar lugar (cf. a recompensa "reservada no céu"), virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde estou estejais vós também". Em outro lugar Jesus diz que ele voltará novamente para nos dar nossas recompensas (Ap. 22:12), e nós vimos que estas nos serão dadas no seu trono de juízo. Ele vai reinar no trono de Davi em Jerusalém "para sempre" (Lucas 1:32,33). Ele vai passar a eternidade aqui sobre a terra, e onde ele vai estar - no Reino de Deus sobre a terra - ali nós também estaremos. Sua promessa de "nos receber para si mesmo" pode, assim, ser lida como uma descrição da nossa aceitação por ele no juízo. Em grego a frase "receber para si mesmo" também ocorre em Mt. 1:20 com respeito a José "tomando para si mesmo" a Maria como sua esposa. Assim, ela não se refere, necessariamente, ao movimento físico em direção a Jesus.

Como a recompensa será apenas dada no juízo na volta de Cristo, segue-se que o justo e o ímpio vão para o mesmo lugar quando morrem, i.e. a sepultura. Não há diferenciação entre eles nas suas mortes. O seguinte é prova positiva disto:-

- Jônatas era justo, mas Saul era ímpio, entretanto "na sua morte não se separaram" (2 Sm. 1:23).
- Saul, Jônatas e Samuel todos foram ao mesmo lugar na morte (1 Sm. 28:19).
- O justo Abraão foi "reunido ao seu povo", ou ancestrais, na morte; e eles eram idólatras (Gn. 25:8; Js. 24:2).
- O espiritualmente sábio e o tolo experimentam a mesma morte (Ec.

2:15,16).

Tudo isto está em forte contraste com as declarações do "cristianismo" popular. O seu ensino de que o justo vai imediatamente para o céu ao morrer destrói a necessidade de uma ressurreição e juízo. Entretanto, nós vimos que estes são eventos vitais no plano de salvação de Deus, e por isso estão na mensagem do Evangelho. A idéia popular sugere que uma pessoa justa morre e é recompensada por ir ao céu, sendo seguida por outros no dia seguinte, no mês seguinte, no ano seguinte. Isto contrasta acentuadamente com o ensino bíblico de que *todos* os justos serão recompensados *juntos*, na mesma hora:-

- No juízo as ovelhas estão separadas dos bodes, uma a uma. Assim que termine o julgamento, Cristo dirá a *todas* as ovelhas reunidas à sua mão direita:

"Vinde, benditos de meu Pai, possui por herança o Reino que vos está preparado" (Mt. 25:34). Assim, todas as ovelhas herdaram o Reino ao mesmo tempo (cf. 1 Co. 15:52).

- Na "colheita" do retorno e julgamento de Cristo, todos aqueles que labutaram no Evangelho irão "alegrar-se *juntos*" (João 4:35,36 cf. Mt. 13:39).

- Ap. 11:18 define "o tempo de serem julgados os mortos" como o tempo quando Deus irá "dar recompensa...aos santos...que temem teu nome" - i.e. todos os crentes reunidos.

- Hebreus 11 é um capítulo que relaciona muitos dos homens justos do Velho Testamento. O verso 13 comenta: "Todos estes morreram na fé. Não alcançaram as promessas" feitas a Abraão sobre a salvação quanto a entrar no Reino de Deus (Hb. 11:8-12). Segue-se que na sua morte, aqueles homens não foram, um a um, para o céu receber a recompensa. A razão disto está dada nos versos 39,40: Eles "não receberam a promessa. Deus havia provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados". A demora em dar-lhes a recompensa prometida foi porque era plano de Deus que todos os fiéis "fossem aperfeiçoados" juntos, no mesmo momento. Isto será no juízo, no retorno de Cristo.

4.7 O Lugar da Recompensa: Céu ou Terra?

À parte das razões acima, qualquer pessoa que ainda sente que o céu, em vez da terra, será o lugar do Reino de Deus, i.e. a recompensa prometida, também precisa explicar os seguintes pontos:-

- A "Oração do Pai Nosso" pede que venha o Reino de Deus (i.e. orando pela volta de Cristo), onde os desejos de Deus serão cumpridos na terra como são no céu (Mt. 6:10). Assim, estamos orando para que o Reino de Deus venha sobre a terra. É uma tragédia que milhares de pessoas oram todo dia sem pensar nestas palavras, enquanto ainda acreditam que o Reino de Deus está totalmente estabelecido agora nos céus, e que a terra será destruída.
- "Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a terra" (Mt. 5:5) - e não "...porque as suas almas irão para os céus". Isto faz alusão ao Salmo 37, que no todo enfatiza que a recompensa final do justo será sobre a terra. Exatamente no mesmo lugar onde o ímpio desfrutou sua supremacia temporária, o justo será recompensado com a vida eterna, e possuirá esta mesma terra que uma vez foi dominada pelo ímpio (Sl. 37:34,35). "Os mansos herdarão a terra...aqueles que ele abençoa herdarão a terra...os justos herdarão a terra, e habitarão nela para sempre" (Sl. 37:11,22,29). O morar *na terra/na* terra prometida para sempre significa que a vida eterna no céu é uma impossibilidade.
- "Davi...morreu e foi sepultado...Davi não subiu aos céus" (Atos 2:29,34). Em lugar disto, Pedro explicou que a sua esperança estava na ressurreição dos mortos na volta de Cristo (Atos 2:22-36).
- A terra é o lugar das operações de Deus com a humanidade: "Os mais altos céus são do Senhor, mas a terra deu-a ele aos filhos dos homens" (Sl. 115:16).
- Ap. 5:9,10 relata uma visão do que os justos irão dizer quando forem aceitos perante o trono do juízo: "(Cristo) os fizeste reino e sacerdotes, e eles reinarão sobre a terra". Este quadro da vigência do Reino de Deus sobre a terra é praticamente

removido na vaga concepção de que vamos desfrutar da "glória" em algum lugar no céu.

- As profecias de Daniel capítulos 2 e 7 relatam uma sucessão de poderes políticos, que finalmente serão suplantados pelo Reino de Deus no retorno de Cristo. O domínio do reino seria "*abaixo* de todo o céu", e cobriria "*toda a terra*" (Dn. 7:27; 2:35 cf. v. 44). Este Reino eterno "será dado ao povo dos santos do Altíssimo" (Dn. 7:27); assim, a sua recompensa é vida eterna no seu Reino que se localiza sobre a terra, *abaixo* dos céus.

4.8 Responsabilidade para com Deus

Se o homem tem "naturalmente" uma alma imortal, ele é forçado a ter um destino eterno em algum lugar - seja em um lugar de recompensa ou castigo. Isto indica que todos são responsáveis perante Deus. Em contraste a isto, nós mostramos como a Bíblia ensina que, por natureza, o homem é como os animais, sem qualquer imortalidade inerente. Contudo, para alguns homens é oferecida a perspectiva da vida eterna no Reino de Deus. Deveria ser evidente que nem todos que já viveram irão ressuscitar; como os animais, o homem vive e morre, para se decompor no pó. Entretanto, como vai haver um julgamento, com alguns sendo condenados e outros recompensados com a vida eterna, nós temos que concluir que haverá uma certa categoria entre a humanidade, quanto aos que ressuscitarão para serem julgados e recompensados.

Se alguém será ressuscitado ou não depende de ser considerado responsável no julgamento. A base do nosso julgamento será como respondemos ao conhecimento da palavra de Deus. Cristo explicou: "Quem me rejeita, e não recebe as minhas palavras, já tem quem o julgue: a própria palavra que tenho proferido, essa há de julgá-lo no último dia" (João 12:48). Aqueles que não conheceram ou entenderam a palavra de Cristo, e por isso não têm oportunidade de aceitá-lo ou rejeitá-lo, não serão responsáveis no julgamento. "Todos os que sem lei (sem conhecer a lei de Deus) pecaram, sem lei também perecerão, e todos os que sob a lei pecaram (i.e. conhecendo-a), pela lei serão julgados" (Rm. 2:12). Assim, aqueles que não conhecerem os requisitos de Deus vão perecer como os animais; enquanto que aqueles que conhecendo, quebraram a lei de Deus, precisam ser julgados, e por isso ressuscitados para enfrentar o julgamento.

À vista de Deus "o pecado não é imputado não havendo lei"; "pecado é a transgressão da lei (de Deus)"; "pela lei vem o conhecimento do pecado" (Rm. 5:13; 1 João 3:4; Rm. 3:20). Sem conhecer as leis de Deus como revelada na Sua Palavra, "o pecado não é imputado" a uma pessoa, e por isso ela não será julgada ou ressuscitada. Aqueles que não conhecem a Palavra de Deus irão, assim, permanecer mortos, como irão os animais e as plantas, visto que eles estão na mesma posição. "Homem...sem entendimento, é semelhante aos animais que perecem" (Sl. 49:20). "Como ovelhas são destinados à sepultura" (Sl. 49:14).

Ter o conhecimento dos caminhos de Deus nos faz responsáveis perante Ele, com relação às nossas ações, e para isto precisamos ser ressuscitados e comparecer perante o trono do juízo. Deste modo deve-se entender que não é somente o justo ou aqueles batizados que vão ressurgir, mas todos que são responsáveis perante Deus, devido ao seu conhecimento dEle. Este tema é freqüentemente repetido nas Escrituras:-

- João 15:22 mostra que o conhecimento da Palavra traz responsabilidade: "Se eu (Jesus) não tivesse vindo e falado a eles, eles não teriam pecado: mas agora eles não têm desculpa ("cobertura") do seu pecado". Romanos 1:20-21 igualmente diz que o conhecimento de Deus deixa o homem "inescusável".
- "Todo aquele que ouve o Pai, e aprende dele...eu (Cristo) o ressuscitarei no último dia" (João 6:44,45).
- Deus somente "faz vista grossa" das ações daqueles que são genuinamente ignorantes dos seus caminhos. Ele observa e espera uma resposta daqueles que conhecem os Seus caminhos, (Atos 17:30).
- "O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites. Mas o que não a soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado (por exemplo, permanecendo morto). A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e *ao que* muito se lhe confiou, muito se lhe pedirá" (Lucas 12:47,48) - e quanto mais *Deus*?
- "Aquele, pois, que sabe o bem que deve fazer e não o faz, comete pecado" (Tiago 4:17).

- A responsabilidade especial de Israel perante Deus estava relacionada com as Suas revelações de Si mesmo a este povo (Amós 3:2).

- Por causa desta doutrina da responsabilidade, "melhor lhes fora (aqueles que acabam se afastando de Deus) não terem conhecido o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado" (2 Pe. 2:21). Outras passagens relevantes incluem: João 9:41; 3:19; 1 Tm. 1:13; Os. 4:14; Dt. 1:39.

O conhecimento de Deus nos faz responsáveis perante o trono do juízo, decorrendo que aqueles sem conhecimento não ressuscitarão, uma vez que eles não precisam ser julgados, e que a sua falta de conhecimento os faz "como os animais que perecem" (Sl. 49:20). Existem muitas indicações de que nem todos que já viveram vão ressuscitar:-

- As pessoas da antiga nação da Babilônia "não acordarão" após a sua morte porque ignoravam a verdade de Deus (Jr. 51:39; Is. 43:17).

- Isaías encorajou a si mesmo: "Ó Senhor nosso Deus (de Israel), outros senhores têm tido domínio sobre nós (por exemplo os filisteus e babilônios)...Morrendo eles, não tornarão a viver (de novo); falecendo, não ressuscitarão...apagaste toda a sua memória". (Is. 26: .13,14). Observe a ênfase tripla aqui quanto a não serem ressuscitados: "Não tornarão a viver (de novo)...não ressuscitarão...apagaste toda a sua memória". Em contraste, Israel tem a perspectiva da ressurreição por conta do seu conhecimento do Deus verdadeiro: "Os teus mortos (de Israel) viverão, ...a terra lançará de si os mortos" (Is. 26:19).

- Falando sobre o povo de Israel, nos é dito que no retorno de Cristo, "muitos dos que dormem no pó da terra ressurgirão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desprezo eterno" (Dn. 12:2). Assim "muitos", mas não todos, dos judeus serão ressuscitados, devido a sua responsabilidade para com Deus como seu povo escolhido. Aqueles que forem totalmente ignorantes do seu Deus verdadeiro "cairão, e não se levantarão mais", visto que eles são incapazes de encontrar "a palavra do Senhor" (Amós 8:12,14).

AGORA APRENDEMOS QUE:-

- 1. O conhecimento da Palavra de Deus traz responsabilidade perante Ele.**
- 2. Somente os responsáveis ressuscitarão e serão julgados.**
- 3. Aqueles que não conhecem o Deus verdadeiro irão, assim, permanecer mortos como os animais.**

As implicações destas conclusões batem forte no orgulho humano e o que, naturalmente, nós preferíamos acreditar: os milhões de pessoas, tanto agora como ao longo da história, que têm estado ignorantes quanto a verdade do Evangelho; os doentes mentais severos, que são incapazes de compreender a mensagem da Bíblia; bebês e crianças pequenas que morreram antes de ter idade suficiente para entender o Evangelho; todos estes grupos se incluem na categoria daqueles que não tiveram o verdadeiro conhecimento de Deus, e por isso não são responsáveis perante Ele. Isto significa que eles não ressuscitarão, apesar do status espiritual dos seus pais. Isto corre completamente a contragosto do humanismo e todos os nossos desejos e sentimentos naturais; entretanto, uma humildade à verdade final da Palavra de Deus, acoplada a uma igualmente modesta opinião sobre a nossa própria natureza, vão nos levar a aceitar esta realidade. Um exame sincero dos fatos da experiência humana, mesmo sem a direção da Escritura, também vão levar à conclusão de que não pode haver esperança da vida futura para os grupos mencionados acima.

Nosso questionamento dos caminhos de Deus nestes assuntos está grosseiramente fora de ordem: "Ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" (Rm. 9:20). Podemos admitir incompreensão, mas nunca devemos acusar Deus de injustiça ou iniquidade. A suposição de que Deus pode ser, de algum modo, não amoroso ou errado, abre a horrível possibilidade de um Deus todo-poderoso, Pai e Criador que trata Suas criaturas de um modo não razoável e injusto. A leitura do relato do rei Davi perdendo o seu filho, ainda bebê, pode ajudar; 2 Sm. 12:15-24 relata como Davi orou muito pela criança enquanto ela vivia, mas ele aceitou realisticamente a definição da sua morte: "Vivendo ainda a criança, jejei e chorei, porque pensava: Quem sabe se o Senhor se compadecerá de mim, de modo que viva a criança? Mas agora que é morta, por que jejuaria eu?"

Poderei eu fazê-la voltar?.. Ela não voltará para mim". Então Davi confortou sua esposa, e teve outro filho tão cedo quanto possível.

Finalmente, deve-se dizer que muitas pessoas, ao captar este princípio de responsabilidade para com Deus, sentem que não querem ter mais conhecimento dEle, para o caso de se tornarem responsáveis perante Ele e serem julgadas. Em algum grau é possível que estas pessoas já sejam responsáveis perante Deus, visto que o seu conhecimento da Palavra de Deus os faz conscientes do fato de que Deus está trabalhando nas suas vidas, oferecendo-lhes um relacionamento real com Ele. Sempre deve ser lembrado que "Deus É amor", Ele "não quer que ninguém se perca", e "deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (1 João 4:8; 2 Pedro 3:9; João 3:16). Deus quer que estejamos no Seu Reino.

Tal honra e privilégio inevitavelmente traz responsabilidades. Entretanto, estas não estão planejadas para serem pesadas ou onerosas demais para nós; se realmente amamos a Deus, nós vamos apreciar o fato de que sua oferta de salvação não é uma recompensa automática por certas obras, mas um desejo amoroso da Sua parte para fazer tudo que Ele pode para Seus filhos, para lhes assegurar uma vida eterna de felicidade, pela sua consideração ao Seu caráter maravilhoso.

À medida que valorizarmos e ouvirmos o chamado de Deus para nós através da Sua Palavra, vamos entender que enquanto andamos entre as multidões, Deus está nos vendo com uma intensidade especial, buscando ansiosamente sinais da nossa resposta ao Seu amor, em vez de esperar que falhemos ao viver de acordo com nossas responsabilidades. Aquele olhar de amor nunca está fora de nós; nunca podemos esquecer ou desfazer o nosso conhecimento dEle para perdoar a carne, livres da responsabilidade perante Deus. Em vez disso, nós podemos e devemos nos alegrar na proximidade especial que temos com Deus, e assim acreditar na grandeza do seu amor; que sempre busquemos conhecer mais dEle em vez de menos. Nosso amor pelos caminhos de Deus e desejo de conhecê-lo, para que possamos, com mais precisão, copiá-lo, devem exceder nosso temor natural da Sua suprema santidade.

4.9 Inferno

A concepção popular de inferno é de um lugar de castigo para as "almas imortais" ímpias direto após a morte, ou o lugar de tormento para aqueles que são rejeitados no juízo. É nossa convicção que a Bíblia ensina que o inferno é a sepultura, onde todos os homens vão ao morrer.

Quanto a palavra em si, o termo original no hebraico "sheol", traduzido como "inferno", significa "um lugar coberto". "Inferno" é a versão aportuguesada de "sheol"; assim, quando nós lemos de "inferno" não estamos lendo uma palavra que foi totalmente traduzida. Biblicamente, este "lugar coberto", ou "inferno", é a sepultura. Existem muitos exemplos onde a palavra original "sheol" é traduzida como "sepultura". De fato, algumas versões modernas da Bíblia poucas vezes usam a palavra "inferno", traduzindo-a mais apropriadamente como "sepultura". Alguns exemplos de onde esta palavra "sheol" é traduzida como "sepultura" já fazem cair por terra a concepção popular de inferno como um lugar de fogo e tormento para os ímpios:-

- "Deixa que os ímpios...emudeçam na sepultura" (sheol [Sl. 31:17]) - eles não vão gritar em agonia.
- "Deus remirá minha alma do poder da morte" (sheol [Sl. 49:15]) - i.e. a "alma" ou corpo de Davi seriam ressuscitados da sepultura, ou "inferno".

A crença de que o inferno é um lugar de punição para os ímpios, do qual eles não podem escapar, simplesmente não se enquadra nisto; um homem justo pode ir ao inferno (a sepultura) e voltar. Os. 13:14 confirma isto: "Eu os remirei (o povo de Deus) da violência do inferno (sheol), e os resgatarei da morte". Isto está citado em 1 Co. 15:55 e aplicado à ressurreição na volta de Cristo. Da mesma forma na visão da segunda ressurreição (ver Estudo 5.5), "a morte e o além deram os mortos que nele havia" (Ap. 20:13). Observe o paralelo entre a morte, i.e. a sepultura, e o inferno (ver também Sl. 6:5).

As palavras de Ana em 1 Sm. 2:6 são muito claras: "O Senhor é o que tira a vida, e a dá (através da ressurreição); faz descer à sepultura (sheol), e faz subir".

Visto que "inferno" é a sepultura, espera-se que os justos serão salvos dela através da sua ressurreição para a vida eterna. Assim, é um tanto possível entrar no "inferno", ou sepultura, e depois sair dele através da ressurreição.

O exemplo supremo é o de Jesus, cuja "alma não foi deixada na morte, nem a sua carne viu corrupção" (Atos 2:31) porque ele ressuscitou. Observe o paralelo entre a "alma" de Cristo e a sua "carne" ou corpo. Que o seu corpo "não foi *deixado* na morte" implica que ele esteve lá por um período, i.e. os três dias em que seu corpo esteve na sepultura. Que Cristo foi ao "inferno" deveria ser prova suficiente de que lá não é um lugar onde só os ímpios vão.

Tanto as pessoas boas como as más vão para o "inferno", i.e. a sepultura. Assim a Jesus, "deram-lhe a sepultura com os ímpios" (Is. 53:9). Alinhado a isto, existem outros exemplos de homens justos indo ao inferno, i.e. à sepultura. Jacó disse que ele "desceria até a sepultura (inferno)...com choro" pelo seu filho José (Gn. 37:35).

É um princípio de Deus que o castigo pelo pecado é a morte (Rm. 6:23; 8:13; Tiago 1:15). Anteriormente nós mostramos que a morte é um estado de completa inconsciência. O pecado resulta em destruição total, não tormento eterno (Mt. 21:41; 22:7; Marcos 12:9; Tiago 4:12), tão certo como as pessoas foram destruídas pelo Dilúvio (Lucas 17:27,29), e os israelitas morreram no deserto (1 Co. 10:10). Nestas duas ocasiões os pecadores *morreram* em vez de serem atormentados eternamente. Então é impossível que os ímpios sejam castigados com uma consciência eterna de tormento e sofrimento.

Nós também vimos que Deus não atribui o pecado - ou o inclui em nosso registro - se formos ignorantes da Sua palavra (Rm. 5:13). Aqueles que estão nesta posição vão permanecer mortos. Aqueles que reconhecem os requisitos de Deus vão ressuscitar e ser julgados na volta de Cristo. Se ímpios, o castigo que vão receber será a morte, porque este é o julgamento pelo pecado. Assim, antes de comparecer perante o trono do júízo de Cristo, eles serão punidos e vão morrer de novo, para permanecer mortos para sempre. Esta será "a *segunda* morte", mencionada em Ap. 2:11; 20:6. Estas pessoas terão morrido uma vez, uma morte de total inconsciência. Eles serão ressuscitados e julgados na volta de Cristo, e depois punidos com uma segunda morte, a qual, como a sua primeira morte, será inconsciência total. Esta vai durar para sempre.

É neste sentido que o castigo do pecado é "eterno", uma vez que não haverá fim à morte. Permanecer morto para sempre é um castigo eterno. Um exemplo da Bíblia usando este tipo de expressão encontra-se em Dt. 11:4. Este texto descreve como eterna a destruição definitiva do exército de Faraó

por Deus no Mar Vermelho, destruição surpreendente pela qual aquele exército nunca mais causaria problemas a Israel: "Fazendo passar sobre eles as águas do Mar Vermelho...o Senhor os destruiu até o dia de hoje".

Mesmo nos primeiros tempos do Velho Testamento os crentes entendiam que haveria uma ressurreição no último dia, depois da qual os ímpios responsáveis voltariam à sepultura. Jó 21:30,32 é muito claro: "Os maus...serão trazidos (i.e. ressuscitados) no dia do furor...Ele é levado (então) à sepultura". Uma das parábolas sobre a volta de Cristo e o juízo fala do ímpio sendo "morto" na sua presença (Lucas 19:27). Isto dificilmente se encaixa na idéia de que o ímpio existe para sempre em um estado de consciência, recebendo constante tortura. De qualquer forma, este seria um castigo não aceitável - tortura *eterna* por coisas feitas em 70 anos. Deus não tem prazer no castigo dos ímpios; assim, espera-se que Ele não vai infligir punição sobre eles por toda eternidade (Ez. 18:23,32; 33:11 cf. 2 Pedro 3:9).

A cristandade apóstata geralmente associa "inferno" com a idéia de fogo e tormento. Isto contrasta com o ensino bíblico sobre inferno (a sepultura). "Como ovelhas são destinados à sepultura (inferno); e a morte se alimentará deles" (Sl. 49:14) faz supor que a sepultura é um lugar de esquecimento pacífico. Apesar da alma de Cristo, ou corpo, ter estado no inferno por três dias, ela não sofreu corrupção (Atos 2:31). Isto seria impossível se o inferno fosse um lugar de fogo. Ez. 32:26-30 dá um quadro dos poderosos guerreiros das nações em volta, deitados em paz nas suas sepulturas: "Os valentes que caíram (na batalha)...os quais desceram ao sepulcro com as suas armas de guerra, e puseram as suas espadas debaixo das suas cabeças?...Estes jazem...com os que desceram à cova". Isto se refere ao costume de enterrar os guerreiros com as suas armas, e descansar a cabeça do defunto sobre a espada. Entretanto esta é uma descrição do "inferno" - a sepultura. Estes homens poderosos deitados, parados no inferno (i.e. suas sepulturas), dificilmente sustentam a idéia de que o inferno seja um lugar de fogo. As coisas materiais (por exemplo, espadas) vão para o mesmo "inferno" que as pessoas, mostrando que o inferno não é uma área de tormento espiritual. Assim Pedro disse a um homem ímpio: "O teu dinheiro seja contigo para perdição" (Atos 8:20). O relato das experiências de Jonas também contradiz isto. Ao ser engolido por um grande peixe, "Jonas orou ao Senhor, seu Deus, das entranhas do peixe. Disse ele:...clamei ao Senhor...Das profundezas da sepultura gritei" (Jonas 2:1,2). Isto faz paralelo entre " profundezas do inferno " e as entranhas do peixe. As entranhas do peixe eram, de fato, um "lugar

coberto", que é o significado fundamental da palavra "sheol", traduzida como "inferno". Obviamente, não era um lugar de fogo, e Jonas saiu "das entranhas do inferno" quando o peixe o vomitou. Isto aponta adiante, para a ressurreição de Cristo do "inferno" (a sepultura) - ver Mt. 12:40.

FOGO FIGURATIVO

Entretanto, freqüentemente a Bíblia usa a imagem de fogo eterno para representar a ira de Deus contra o pecado, que vai resultar em destruição total do pecador na sepultura. Sodoma foi punida com "fogo eterno" (Judas v. 7), i.e. foi totalmente destruída devido a impiedade dos seus habitantes. Hoje aquela cidade está em ruínas, submersa abaixo das águas do Mar Morto; de modo algum está agora em chamas, o que seria necessário se fôssemos entender "fogo eterno" literalmente. Da mesma forma Jerusalém foi ameaçada com o fogo eterno da ira de Deus, devido aos pecados de Israel: "Então acenderei fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém, e não se apagará" (Jr. 17:27). Sendo Jerusalém a capital profetizada do futuro reino (Is. 2:2-4; Sl. 48:2), Deus não quer dizer que leiamos isto em sentido literal. As grandes casas de Jerusalém foram queimadas com fogo (2 Reis 25:9), mas aquele fogo não continua eternamente.

Similarmente, Deus puniu a terra da Iduméia com fogo que "nem de noite nem de dia se apagará; para sempre a sua fumaça subirá. De geração em geração será assolada...O corujão e a coruja o possuirão...Nos seus palácios crescerão espinhos" (Is. 34:9-15). Visto que os animais e as plantas deviam existir na terra arruinada da Iduméia, a linguagem de fogo eterno deve se referir à ira de Deus e Sua destruição total do lugar, em vez de serem tomados literalmente.

As frases no hebraico e no grego que são traduzidas "para sempre" significam exatamente "para a época". Algumas vezes isto se refere a um infinito literal, por exemplo, a era do reino, mas nem sempre. Ez. 32:14,15 é um exemplo: "Os fortes e torres serão cavernas para sempre...até que o espírito seja derramado sobre nós". Esta é uma forma de entender "eternidade" ou "fogo eterno".

Houve vezes em que a ira de Deus com os pecados de Jerusalém e Israel foi comparada ao fogo: "A minha ira e o meu furor se derramarão sobre este lugar (Jerusalém)...se acenderá, e não se apagará" (Jr. 7:20; outros exemplos incluem Lm. 4:11 e 2 Reis 22:17).

Fogo está associado com o julgamento de Deus pelo pecado, especialmente na volta de Cristo: "Certamente aquele dia vem; arderá como fornalha. Todos os soberbos e todos os que cometem impiedade, serão como o restolho, e o dia que está para vir os abrasará" (Mt. 4:1). Quando restolho, ou mesmo um corpo humano, é queimado pelo fogo, ele volta ao pó. É impossível a qualquer substância, especialmente carne humana, literalmente queimar para sempre. Assim, a linguagem do "fogo eterno" não pode se referir literalmente ao tormento eterno. Um fogo não pode durar para sempre se não há o que queimar. Deveria ser notado que "inferno" é "lançar no lago de fogo" (Ap. 20:14). Isto indica que o inferno não é o mesmo que "o lago de fogo"; mas representa destruição completa. Na maneira simbólica do livro de Apocalipse, nos é dito que a sepultura deve ser totalmente destruída, porque ao fim do Milênio não haverá mais morte.

GEENA

No Novo Testamento há duas palavras gregas traduzidas como "inferno". "Hades" é o equivalente ao "sheol" hebraico, que nós discutimos anteriormente. "Geena" é o nome do monte de refúgio que ficava fora de Jerusalém, onde se queimava o lixo da cidade. Estes montes de lixo são típicos em muitas cidades de países em desenvolvimento hoje (por exemplo, "Smoky Mountain", a *Montanha de Fumaça*, na periferia de Manila, nas Filipinas.) Como um substantivo próprio - i.e. o nome de um lugar de verdade - ele deveria ter sido deixado sem tradução "Geena", em vez de ser traduzido como "inferno". "Geena" é o equivalente aramaico do hebraico "Ge-ben-Hinnon". Este se localizava perto de Jerusalém (Js. 15:8), e na época de Cristo era o depósito de lixo da cidade. Corpos de criminosos mortos eram jogados no fogo que estava sempre queimando ali, de tal modo que Geena tornou-se símbolo de destruição e rejeição total.

Mais uma vez deve-se compreender que aquilo que era jogado no fogo não permanecia lá para sempre - os corpos decompostos em pó. "Nosso Deus (será) um fogo *consumidor*" (Hb. 12:29) no dia do julgamento; o fogo da Sua ira com o pecado vai consumir os pecadores para destruí-los, em vez de deixá-los apenas ser chamuscados por ele e assim sobreviver. Na época dos julgamentos anteriores do povo de Deus, Israel, na mão dos babilônios, Geena ficou cheio de corpos mortos dos pecadores dentre o povo de Deus (Jr. 7:32,33).

Deste modo magistral, o Senhor Jesus reúne todas estas idéias do Velho Testamento no seu uso da palavra "Geena". Ele geralmente diz que

aqueles que eram rejeitados pelo trono do juízo na sua volta iriam "para Geena (i.e. "inferno"), para o fogo que nunca se apaga; onde o seu verme não morre" (Marcos 9:43,44). Geena iria levantar na mente judia as idéias de rejeição e destruição do corpo, e nós vimos que fogo eterno é uma expressão idiomática representando a ira de Deus contra o pecado, e a destruição eterna dos pecadores pela morte.

A referência "onde o seu verme não morre", é, evidentemente, parte da mesma expressão de destruição total - é inconcebível que haja literalmente vermes que nunca morrem. O fato de que Geena era o local dos antigos castigos dos ímpios entre o povo de Deus, mostra depois a propriedade com que Cristo usa a figura de Geena.

ESTUDO 4: Perguntas

1. O que acontece depois da morte?
 - a) A alma vai para o Céu
 - b) Nós ficamos inconscientes
 - c) A alma é guardada em algum lugar até o juízo
 - d) As almas ímpias vão para o inferno e as boas vão para o Céu.

2. O que é alma?
 - a) Uma parte imortal do nosso ser
 - b) Uma palavra que significa "corpo, pessoa, criatura"
 - c) Exatamente o mesmo que espírito
 - d) Algo que vai para o Céu ou inferno depois da morte.

3. Morte é um estado de inconsciência?
 - a) Sim
 - b) Não

4. O que é inferno?
 - a) Um lugar para pessoas ímpias
 - b) Sofrimento nesta vida
 - c) A sepultura

5.1 Definindo o Reino

Nossos estudos anteriores demonstraram que é o propósito de Deus recompensar o Seu povo fiel com a vida eterna no retorno de Cristo. Esta vida eterna será passada sobre a terra; as repetidas promessas de Deus, com respeito a isto, nunca implicaram que o fiel iria para o céu. "O Evangelho (boas novas) do reino de Deus" (Mt. 4:23) foi pregado a Abraão na forma das promessas de Deus com respeito à vida eterna sobre a terra (Gl. 3:8). O "reino de Deus" é, assim, a época após o retorno de Cristo quando estas promessas serão cumpridas. Embora Deus seja o supremo Rei de toda Sua criação mesmo agora, Ele deu ao homem livre arbítrio para governar o mundo e sua própria vida como quiser. Assim, no presente, o mundo abrange o "reino dos homens" (Dn. 4:17).

Na volta de Cristo, "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Ap. 11:15). Então a vontade e os desejos de Deus serão completa e abertamente realizados nesta terra. Daqui Jesus nos ordenou a orar: "Venha o teu reino (que) seja feita a tua vontade sobre a terra, como é (agora) no céu" (Mt. 6:10). Por causa disto, o "reino de Deus" é uma frase intercambiável com "o reino dos céus" (Mt. 13:11 cf. Marcos 4:11). Observe que nós nunca lemos sobre "o reino *no* céu"; é o reino *do* céu que será estabelecido por Cristo na terra na sua volta. Como a vontade de Deus é completamente obedecida pelos anjos no céu (Sl. 103:19-21), assim será no futuro Reino de Deus, quando a terra somente será habitada pelos justos, que então serão "iguais aos anjos" (Lucas 20:36).

Para entrar no reino de Deus na volta de Cristo e, assim, obter o resultado final de todo nosso empenho cristão nesta vida (Mt. 25:34; Atos 14:22), é absolutamente vital ter uma compreensão correta do reino. A pregação de Filipe sobre "Cristo" é definida como "ensinar-lhes acerca do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo" (Atos 8:5,12). Passagem após passagem nos lembra como "o reino de Deus" era a carga principal da pregação de Paulo (Atos 19:8; 20:25; 28:23,31). Assim, é da máxima importância que entendamos completamente a doutrina do Reino de Deus, visto que ela forma uma parte vital da mensagem do Evangelho. "Por muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus" (Atos 14:22); é a luz no fim do túnel desta vida, e assim, a motivação para fazermos os sacrifícios que envolvem uma verdadeira vida cristã.

Nabucodonosor, rei da Babilônia, queria conhecer o futuro do mundo (ver Dn. 2). Foi-lhe dada uma visão de uma grande estátua, composta de diferentes metais. Daniel interpretou a cabeça de ouro representando o rei da Babilônia (Dn. 2:38). Depois dele houve uma sucessão de grandes impérios na região em volta de Israel, concluindo com uma situação na qual "como os dedos dos pés eram em parte de ferro, e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil" (Dn. 2:42).

O atual equilíbrio de poder no mundo está dividido entre muitas nações, algumas fortes e algumas fracas. Então Daniel viu uma pequena pedra bater nos pés da imagem, destruindo-a, e crescendo até uma grande montanha que enchia toda a terra (Dn. 2:34,35). Esta pedra representava Jesus (Mt. 21:42; Atos 4:11; Ef. 2:20; 1 Pedro 2:4-8). A "montanha" que Ele irá criar sobre toda a terra representa o Reino eterno de Deus, que será estabelecido na sua segunda vinda. Em si mesma esta profecia prova que o reino será sobre a terra, não no céu.

Como tema de outras passagens temos que o reino só será completamente estabelecido na volta de Cristo. Paulo fala de Jesus julgando os vivos e os mortos "na sua vinda e no seu reino" (2 Tm. 4:1). Miquéias 4:1 toma a idéia de Daniel sobre o reino de Deus como uma enorme montanha: "Mas nos últimos dias o monte da casa do Senhor será estabelecido"; depois, então, segue-se uma descrição de como este reino será sobre a terra (Mq. 4:1-4). Deus dará a Jesus o trono de Davi em Jerusalém: "Ele reinará eternamente...e o seu reinado não terá fim" (Lucas 1:32,33). Isto requer que haja um certo ponto no qual Jesus começa a reinar sobre o trono de Davi, e o seu reino se inicia. Isto será na volta de Cristo. "O seu reino não terá fim" conecta com Dn. 2:44: "O Deus do céu levantará um reino que jamais será destruído. Este reino não passará a outro povo". Ap. 11:15 usa uma linguagem similar para descrever como que na segunda vinda, "Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do seu Cristo; e ele reinará *para todo o sempre*". Mais uma vez, deve haver um tempo específico quando o reino e o reinado de Cristo começam sobre a terra; isto será na sua volta.

5:2 O Reino Não É Estabelecido Agora

Há um entendimento disseminado de que o Reino de Deus existe plenamente agora, sendo compreendido pelos crentes atuais - "a igreja". Enquanto que, em perspectiva, os verdadeiros crentes foram "salvos" e receberam lugares em potencial no Reino, não pode haver dúvida de que agora nós não podemos estar totalmente no Reino, uma vez que Cristo ainda não veio para estabelecê-lo.

Deveria ser óbvio, do que nós estudamos até aqui, "que carne e sangue não podem *herdar* o reino de Deus" (1 Co. 15:50). Nós somos "*herdeiros* do reino que prometeu aos que o amam" (Tiago 2:5), visto que o batismo nos torna herdeiros das promessas feitas a Abraão - cujas promessas compreendem basicamente o Evangelho do Reino (Mt. 4:23; Gl. 3:8,27-29). Assim, é comum encontrar promessas de *herança* do reino na volta de Cristo, quando serão cumpridas as promessas feitas a Abraão (Mt. 25:34; 1 Co. 6:9,10; 15:50; Gl. 5:21; Ef. 5:5). O próprio uso desta expressão de herança futura mostra que o reino não é posse atual dos crentes.

Jesus contou uma parábola para corrigir aqueles que pensavam "que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente. Disse ele: Certo homem

nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e depois voltar". Enquanto isto, ele deixou certas responsabilidades para os seus servos. "Voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos", e julgou-os (Lucas 19:11-27).

O homem nobre representa Cristo partindo para a "terra remota" dos céus para receber o reino, com o qual ele retorna na hora do julgamento, i.e. a segunda vinda. Assim é impossível que os "servos" devam possuir o reino agora, durante a época de ausência do seu Senhor.

O texto seguinte oferece prova adicional disto:-

- "Meu reino não é deste mundo (época)", Jesus declara abertamente (João 18:36). Contudo, mesmo naquela época, Ele podia dizer: "Eu sou um rei" (João 18:37), mostrando que o "reino" atual de Cristo não significa que o Seu Reino não está estabelecido agora. Mesmo os fiéis do primeiro século são descritos AGUARDANDO "pelo reino de Deus" (Mc. 15:43).
- Cristo disse aos seus discípulos que ele não beberia "do fruto da vide até que o beba de novo convosco no reino de meu Pai" (Mt. 26:29). Isto implica claramente que o reino estaria no futuro, que foi o que o povo entendeu da pregação de Cristo quanto "as boas-novas (i.e. proclamação antecipada) do reino de Deus" (Lucas 8:1). "bem-aventurado o que *comer* (no futuro) pão no reino de Deus", foi o seu comentário (Lucas 14:15).
- Lucas 22:29,30 continua este tema: "Eu *confio* o reino a vós para que comais e bebais à minha mesa no meu reino".
- Jesus explicou os sinais que anunciariam esta segunda vinda, e concluiu com o comentário: "Quando virdes estas cosas acontecerem, sabei que o reino de Deus está perto" (Lucas 21:31). Isto não faria sentido se o reino existisse agora, antes da segunda vinda.
- "Por muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus" (Atos 14:22). Não surpreende que todo crente sofredor ora intensamente para que *venha* o reino (Mt. 6:10).

- Deus "vos chamou ao seu reino" (1 Ts. 2:12); em resposta, devemos *buscar* a entrada àquele reino agora, através de uma vida espiritual (Mt. 6:33).

5.3 O Reino de Deus no Passado

O Reino de Deus é a recompensa futura para os crentes. Como tal, é motivação deles viver uma vida dedicada a imitar o exemplo de Cristo - algo que irá envolver breve sofrimento e desconforto. Assim, é de se esperar que todos os seus dias, eles serão consumidos por um desejo cada vez maior de entender e apreciar as maravilhas da era por vir. Será a colimação de todo seu empenho espiritual e a aclamação plena de Deus, que eles vieram a amar como seu Pai.

As Escrituras estão cheias de detalhes de como será o Reino, e você vai descobrir que é um trabalho exaustivo encontrar ao menos algumas delas. Uma maneira através da qual podemos entender alguns dos princípios básicos deste Reino futuro é perceber que o Reino de Deus existiu no passado, na forma da nação de Israel. Este reino deve ser restabelecido na volta de Cristo. Muito da Bíblia nos dá informação

com respeito à nação de Israel, de tal modo que podemos entender, em linhas gerais, como será organizado o futuro Reino de Deus.

Freqüentemente Deus é descrito como "o rei de Israel" (Is. 44:6 cf. Is. 41:27; 43:15; Sl. 48:2; 89:18; 149:2); segue-se que o povo de Israel era o Seu reino. Eles começaram a ser o reino de Deus ao fazer uma aliança com Ele no Monte Sinai, logo depois que eles escaparam do Egito através do Mar Vermelho. Em resposta ao seu desejo de manter esta aliança, eles seriam " (para Deus) reino...e nação santa" (Ex. 19:5,6). Assim, "quando Israel saiu do Egito...ficou sendo...seu domínio" ou reino (Sl. 114:1,2). Depois de fazer este acordo, Israel peregrinou pelo deserto do Sinai e se estabeleceu na terra prometida de Canaã. Como Deus era o seu Rei, eles foram governados por "Juizes" (por exemplo, Gideão e Sansão) em vez de reis. Estes juizes não eram reis, mas administradores divinamente guiados que governaram certas partes do país em vez de governar toda a terra. Freqüentemente eles eram levantados por Deus para propósitos específicos, por exemplo, guiar Israel ao arrependimento e livrá-los dos seus inimigos. Quando os israelitas pediram ao juiz Gideão para ser seu rei, ele replicou, "Não dominarei sobre vós...o Senhor sobre vós dominará" (Jz. 8:23).

O último juiz foi Samuel. Na sua época os israelitas pediram um rei humano para serem como as nações à sua volta (1 Sm. 8:5,6). Através da história, o verdadeiro povo de Deus tem sido tentado a subestimar a proximidade do seu relacionamento com Deus, e sacrificar isto por uma aparência de semelhança com o mundo à sua volta. Estas tentações são mais agudas em nosso mundo atual. Deus lamentou para Samuel: "Não rejeitaram a ti, mas a mim, para que eu não reine sobre eles" (1 Sm. 8:7). Entretanto, Deus lhes deu reis, começando com o ímpio Saul. Depois dele veio o justo Davi, e toda uma linhagem real descendeu dele. Os reis com mentes mais espirituais entendiam que Israel ainda era o reino de Deus, embora tivessem rejeitado o Seu reinado. Por isso eles reconheceram que estavam governando Israel em nome de Deus, em vez do seu direito próprio.

Compreender este princípio nos capacita a encontrar o sentido na descrição de Salomão, filho de Davi, reinando sobre o "trono (de Deus), para ser rei pelo Senhor teu Deus" (2 Cr. 9:8; 1 Cr. 28:5; 29:23). O reinado de Salomão, de grande paz e prosperidade, apontava para (ou era "típico" de)

o futuro Reino de Deus. Esta é a razão porque se enfatiza que ele era rei sobre Israel em nome de Deus, como Jesus também irá sentar no trono de Deus como Rei de Israel para Deus (Mt. 27:37,42; João 1:49; 12:13).

O JULGAMENTO DE DEUS

Como resultado da apostasia de Salomão, o reino de Israel foi dividido em dois; o filho de Salomão, Roboão, governaria sobre as tribos de Judá, Benjamin e a meia tribo de Manassés, enquanto que Jeroboão governaria sobre as outras dez tribos. Este reino de dez tribos foi chamado de Israel, ou Efraim, enquanto que as duas tribos eram chamadas de Judá. As pessoas de todas estas tribos, na maior parte, seguiram o mau exemplo de Salomão - eles declaravam crer no Deus verdadeiro, enquanto que, ao mesmo tempo, adoravam ídolos das nações vizinhas. Várias vezes Deus lhes rogou, através dos profetas, para se arrependerem, mas sem resultado. Por causa disto, Ele os puniu expulsando-os do reino de Israel para a terra dos seus inimigos. Isto ocorreu através das invasões dos assírios e babilônios em Israel e do cativeiro: "Por muitos anos (Deus) foste paciente com eles, e testemunhaste contra eles pelo teu Espírito (palavra), por intermédio dos teus profetas. Porém eles não deram ouvidos, pelo que os entregaste nas mãos dos povos das terras (ao redor)" (Ne. 9:30).

O reino das dez tribos de Israel não teve nenhum rei bom. Jeroboão, Acabe, Jeoacaz etc. estão todos registrados no livro dos Reis como adoradores de ídolos. O seu último rei foi Oséias, em cujo reinado Israel foi derrotado pela Assíria, e as dez tribos levadas cativas (2 Reis 17). Deste cativeiro eles nunca retornaram.

O reino das duas tribos de Judá teve alguns reis bons (por exemplo, Ezequias e Josias), embora a maioria foram maus. Devido aos pecados repetidos do povo, Deus depôs Judá como Seu reino no governo do seu último rei, Zedequias. Para isto eles foram invadidos pelos babilônios, que os levaram cativos para a Babilônia (2 Reis 25). Eles permaneceram na Babilônia por 70 anos, depois do que alguns retornaram a Israel sob a liderança de Esdras e Neemias. Nunca mais tiveram o seu próprio rei, sendo governados pelos babilônios, gregos e romanos. Jesus nasceu durante o período do reinado romano. Como Israel rejeitou a Jesus, os romanos invadiram seu território no ano 70 D.C. e os israelitas foram dispersados por todo o mundo. Somente nos últimos 100 anos eles começaram a voltar, anunciando, assim, o retorno de Cristo (ver Apêndice 3).

Ezequiel 21:25-27 profetiza este fim do reino de Deus como visto na nação de Israel: "Tu, ó profano e ímpio príncipe de Israel (i.e. Zedequias), cujo dia é chegado...assim diz o Senhor Deus: Tira o diadema, e remove a coroa (i.e. Zedequias deixaria de ser rei). Esta não será a mesma...Ruína! Ruína! Eu a reduzirei a ruínas, e ela não será mais, *até* que venha aquele a quem pertence de direito, e a ele a darei". Nos profetas, passagem após passagem lamenta o fim do reino de Deus (Os. 10:3; Lm. 5:16; Jr. 14:21; Dn. 8:12-14).

A "ruína" tripla de Ez. 21:25-27 refere-se às três invasões feitas por Nabucodonosor, rei da Babilônia. O aluno atento verá nestes versos outro exemplo de como o Reino de Deus e o seu rei podem ser tratados em paralelo; a ruína de Zedequias foi a ruína do Reino de Deus (ver Seção 5:2). Assim o reino de Deus como a nação de Israel terminou: "Farei cessar o reino da casa de Israel" (Os. 1:4). "Não será mais, *até*..." traz a implicação de que o reino reviveria quando "Deus lhe der o trono". Deus dará "(a Jesus) o trono de Davi, seu pai...e o seu reinado não terá fim" (Lucas 1:32,33) - na volta de Cristo. Isto, portanto, acontecerá quando for cumprida a promessa de restauração do reino.

RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

Existe um tema tremendo em todos os profetas do Velho Testamento: a *restauração* do Reino de Deus na volta do Messias. Os discípulos de Cristo estavam bem sintonizados com isto: "Aqueles que se haviam reunido perguntaram-lhe: Senhor, *restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" i.e. "Ezequiel 21:27 será cumprido agora?" Jesus replicou dizendo que eles nunca saberiam a hora exata desta segunda vinda, embora os anjos, imediatamente, lhes garantiram que ele, de fato, voltaria em uma certa hora (Atos 1:6-11).

A restauração do reino de Deus/Israel será, assim, na segunda vinda. Por isso Pedro pregava que Deus enviaria "Jesus Cristo...convém que o céu o contenha (i.e. ele deve permanecer lá) *até* os tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas" (Atos 3:20,21). A segunda vinda trará o restabelecimento do Reino de Deus como uma restauração do reino de Israel.

A restauração do reino de Deus é, na verdade, o tema de "todos os santos profetas (de Deus)":-

- "Um trono se firmará em amor sobre ele (Jesus) no tabernáculo de Davi se assentará (na segunda vinda - Lucas 1:32,33), um que julgue...e se apresse a fazer justiça" (Is. 16:5).
- "Naquele dia tornarei a levantar a tenda de Davi (i.e. o "trono" de Davi de Lucas 1:32,33) que está caída, e repararei os seus lugares quebrados; restaurarei as suas ruínas, e a edificarei como *nos dias da antiguidade*" (Amos 9:11). A última frase é claramente a linguagem da restauração.
- "Seus (de Israel) filhos serão como *na antiguidade*, e a sua congregação será confirmada perante o meu rosto" (Jr. 30:20).
- "O Senhor *ainda* escolherá a Jerusalém " (Zc. 2:12), fazendo-a a capital do seu Reino mundial (cf. Sl. 48:2; Is. 2:2-4).
- "Removerei o exílio de Judá e o exílio de Israel, e os edificarei *como no princípio...ainda* se ouvirá a voz de gozo...Pois restaurarei a sorte da terra, *como no princípio...ainda* neste lugar (Jerusalém)...haverá pastagens onde os pastores...farão repousar os seus rebanhos" (Jr. 33:7-13).

A volta de Cristo para estabelecer o Seu Reino é verdadeiramente "a esperança de Israel", com a qual devemos nos relacionar através do batismo.

5:4 O Reino de Deus no Futuro

As Seções 1 e 3 deste Estudo apresentaram considerável material sobre o quê seria este Reino. Nós vimos que foi prometido a Abraão que através da sua Semente pessoas de todas as partes do mundo seriam abençoadas; Rm. 4:13 estende isto para mostrar que toda a terra será herdada por aquelas pessoas que estão "na" Semente de Abraão, i.e. Cristo. A imagem profética de Dn. 2 explica como Cristo vai voltar como a pequena pedra, e depois, gradualmente, o Reino vai se expandir por todo o mundo (cf. Sl. 72:8). Isto significa que o Reino de Deus não vai se localizar apenas em Jerusalém ou na terra de Israel, como alguns sustentam, embora estas áreas, com certeza, serão a sua região central.

Aqueles que seguem a Cristo nesta vida serão "reis e sacerdotes; e reinarão sobre a terra" (Ap. 5:10). Vamos reinar sobre agrupamentos de vários

números e tamanhos; um governará sobre dez cidades, outro sobre cinco (Lucas 19:17). Cristo vai compartilhar do seu reinado sobre a terra conosco (Ap. 2:27; 2 Tm. 2:12). "Reinará um rei (Jesus) com justiça, e dominarão os príncipes (os crentes) segundo o juízo" (Is. 32:1; Sl. 45:16).

Cristo irá reinar para sempre no restabelecido trono de Davi (Lucas 1:32,33), i.e. ele terá o lugar e a posição de governo de Davi, que foi em Jerusalém. Como Cristo vai reinar de Jerusalém, esta será a capital do Reino futuro. Será nesta área que um templo será construído (Ez. 40-48). Enquanto as pessoas irão louvar a Deus em vários lugares por todo o mundo (Mt. 1:11), este templo será um ponto focal de adoração mundial. As nações "subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e celebrar a festa dos tabernáculos" ao redor do templo em Jerusalém (Zc. 14:16).

A peregrinação anual para Jerusalém também está profetizada em Is. 2:2,3: "Nos últimos dias se firmará o monte (reino - Dn. 2:35,44) da casa do Senhor (templo) no cume dos montes (i.e. o Reino de Deus e o templo serão exaltados acima dos reinos dos homens)...afluirão a ele todas as nações. Virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó; Ele nos ensinará o que concerne aos seus caminhos...De Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor". Este parece ser um quadro dos primeiros dias do Reino, enquanto as pessoas espalham o conhecimento do reinado de Cristo para as outras, e elas sobem à "montanha" do Reino de Deus, que vai se espalhando lentamente por todo o mundo. Aqui temos um quadro de verdadeiro entusiasmo de adoração religiosa.

Uma das maiores tragédias humanas de nossos dias é que a maioria das pessoas "adoram" a Deus por razões políticas, sociais, culturais ou emocionais, em vez de fazê-lo com base em uma verdadeira compreensão dEle como seu Pai e Criador. No Reino haverá um entusiasmo mundial para se aprender os caminhos de Deus; as pessoas estarão tão motivadas por este desejo que elas viajarão dos fins da terra até Jerusalém para obter mais conhecimento de Deus.

Em vez da confusão e injustiça criadas pelos sistemas legais humanos e administração do direito, haverá um código legal universal - "a lei e a palavra de Deus", que será pronunciada por Cristo, a partir de Jerusalém. "Todas as nações deverão *afluir* para" estas reuniões de ensino, sugerindo que este desejo comum de encontrar o verdadeiro conhecimento de Deus vai

reduzir a fricção natural entre as nações, como faz entre os indivíduos que se dedicam a obter tal conhecimento nesta vida.

Esta descrição de todas as nações *afluindo* para Jerusalém é semelhante ao quadro apresentado em Is. 60:5, onde os judeus "se ajuntam" com os gentios (não judeus) para adorar a Deus em Jerusalém. Isto conecta perfeitamente com a profecia do Reino de Zc. 8:20-23:-

"Ainda virão povos, e habitantes de muitas cidades, e os habitantes de uma cidade irão a outra, dizendo: Vamos depressa (continuamente, cf. Zc. 14:16 "ano após ano") suplicar o favor do Senhor, e buscar o Senhor dos Exércitos. Eu também irei. Assim virão muitos povos, e poderosas nações, buscar em Jerusalém...naquele dia pegarão dez homens de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla das vestes de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco".

Isto cria um quadro do povo judeu sendo "a cabeça, e não a cauda" das nações, devido ao seu arrependimento e obediência (Dt. 28:13); assim, a base judaica do plano de Deus de salvação será apreciada por todos. A ignorância disto entre o cristianismo contemporâneo irá cessar, então, abruptamente. Neste tempo as pessoas irão discutir estes assuntos entusiasmadamente, tal que eles poderão dizer aos judeus, "temos *ouvido* que Deus está convosco". As conversas, então, vão revolver em torno de coisas espirituais, em vez dos fantasmas vãos que preenchem o atual pensamento mundial.

Dado este grande compromisso com a santidade, não é de surpreender que Cristo "exercerá o seu juízo entre as nações...Estes converterão as suas espadas em arados, e as suas lanças em podadeiras. Não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerra" (Is. 2:4). A autoridade absoluta de Cristo e a justiça total do seu arbítrio nas disputas vão resultar em que as nações, voluntariamente, irão trocar o seu equipamento militar por máquinas agrícolas, e abandonar todo treinamento militar. "Nos seus dias florescerá o justo" (Sl. 72:7) - então, a espiritualidade será exaltada, e se respeitarão aqueles que refletem as características de Deus no amor, misericórdia, justiça etc. Contraste isto com a presente exaltação do orgulho, auto-segurança e ambição egoísta que existem.

A troca voluntária de "espadas em arados" será parte de uma mudança ainda maior na agricultura que vai ocorrer sobre a terra. Como resultado do pecado de Adão, o solo foi amaldiçoado (Gn. 3:17-19), conseqüentemente,

um grande esforço é atualmente necessário para se obter comida dele. No Reino "haverá abundância de cereal na terra; ondule sobre os cumes dos montes (antes estéreis). Como o Líbano floresça o seu fruto" (Sl. 72:16). "O que lavra alcançará o que sega, e o que pisa as uvas ao que lança a semente. Os montes destilarão vinho novo" (Amós 9:13), tal será o aumento de fertilidade da terra, e a redução da maldição sobre o solo, pronunciada no Éden.

Tal imenso empreendimento agrícola vai envolver muitas pessoas. As profecias do Reino dão a impressão de que as pessoas vão voltar a um estilo de vida agrícola auto-suficiente:-

"Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua figueira;
e não haverá quem os espante" (Mq. 4:4).

Esta auto-suficiência vai vencer os abusos inerentes a qualquer sistema de pagamento pelo emprego de trabalho. Passar a vida inteira trabalhando para fazer os outros ricos será coisa do passado.

"Edificarão casas e habitarão nelas (eles mesmos); plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros nelas habitem; nem plantarão para que outros comam...os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos. Não trabalharão debalde..." (Is. 65:21-23).

Isaías 35:1-7 contém uma profecia incomparável sobre quão fértil a terra vai se tornar, resultando em uma aura de alegria e felicidade quase vertente da terra, devido a forma de vida mais fácil e mais espiritual daqueles que nela trabalham: "O deserto...se alegrará...o ermo exultará, e florescerá como a rosa. Exultará de alegria e romperá em cânticos...Águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo. A terra seca se transformará em lagos". Mesmo a agressão natural entre os animais será removida: "o lobo e o cordeiro pastarão juntos", e as crianças poderão brincar com serpentes (Is. 65:25; 11:6-8).

Da mesma forma que a maldição que foi colocada sobre a criação natural vai diminuir muito, também aquela que foi colocada sobre a humanidade será reduzida. Assim, Ap. 20:2,3 fala em linguagem simbólica do maligno (pecado e seus efeitos) sendo "amarrado", ou restringido, durante o Milênio. A duração da vida aumentará, tal que se alguém morrer aos 100 anos de idade, será considerado como uma criança (Is. 65:20). Mulheres vão ter menos dor no parto (Is. 65:23). "Então os olhos dos cegos se abrirão, e os ouvidos dos surdos se desimpedirão. Então os coxos saltarão como o

cervo, e a língua dos mudos cantará" (Is. 35:5,6). Isto se deverá aos dons milagrosos do Espírito sendo novamente concedidos (cf. Hb. 6:5).

Nunca será demais enfatizar que o Reino de Deus não será visto como uma ilha tropical paradisíaca, que o justo vai desfrutar de modo semelhante ao homem que desfruta um banho de sol entre as glórias da natureza. O propósito fundamental do Reino de Deus é dar glória a Deus, até que a terra esteja cheia da sua glória "como as águas cobrem o mar" (Hb. 2:14). Este é o objetivo final de Deus, "Tão certo como eu vivo e que a glória do Senhor encherá toda a terra" (Nm. 14:21). Glória a Deus significa que os habitantes da terra vão apreciar, louvar e copiar Seus atributos de justiça; porque o mundo estará neste estado, Deus vai permitir que a terra física também reflita isto. Assim, "os mansos herdarão a terra (no Reino), e se deleitarão na abundância de paz (espiritual)" (Sl. 37:11), em vez de desfrutar de vida fácil. Aqueles "que têm fome e sede de justiça...serão fartos" disto no Reino (Mt. 5:6).

Tão somente a idéia de possuir vida eterna no Reino é freqüentemente usada como um "atrativo" para induzir as pessoas a se interessarem pelo cristianismo. Entretanto, a nossa posse dela no porvir, será quase acidental em comparação à verdadeira razão de estarmos no Reino - que é glorificar a Deus. No tempo que nos resta após o nosso batismo, nossa apreciação disto deve se desenvolver continuamente.

Para o escritor, apenas dez anos de vida na alegria da absoluta perfeição e boa consciência para com Deus valeria todo o trauma desta vida. O fato de que este estado glorioso vai durar para sempre, simplesmente produz um choque, levando-nos além dos limites da compreensão humana.

Mesmo quando visto em termos um pouco mais físicos, estar no Reino de Deus deveria ser nossa motivação suprema para desprezar as vantagens do mundo e o materialismo. Ao invés de dar excessiva atenção ao futuro imediato, Jesus aconselhou, "Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt. 6:30-34). Tudo o que nós podemos imaginar agora, e pelo que nos esforçar, é incomparável ao cumprimento final de estar no reino de Deus.

Precisamos buscar "a justiça (de Deus)", i.e. tentar desenvolver um amor pelo caráter de Deus que signifique que queremos estar no Reino de Deus porque a justiça será glorificada ali, porque nós queremos ser completamente moralmente perfeitos, e não porque nós, pessoalmente, queremos escapar da morte e ter uma vida fácil por toda eternidade.

Freqüentemente a esperança do Evangelho é apresentada de uma forma que apela ao egoísmo humano. Obviamente nossa motivação para estar no Reino varia tremendamente de um dia para outro. O que estamos sugerindo aqui é um ideal; nossa prioridade número um é aprender o Evangelho e mostrar nossa submissão a ele pelo batismo, devido a uma honrosa obediência a Deus. Nossa apreciação da esperança que Deus oferece, e nossas razões exatas para desejar estar no Reino, vão crescer e amadurecer depois do nosso batismo.

5.5 O Milênio

Nesse ponto do nosso estudo da vida no reino, provavelmente o leitor atento vai perguntar: "Este quadro do Reino de Deus não parece um tanto humano?" As pessoas no Reino ainda vão ter nenês (Is. 65:23) e mesmo morrer (Is. 65:20). Estas pessoas ainda vão ter disputas que Cristo irá resolver (Is. 2:4), e ainda terão que trabalhar na terra para sobreviver, embora isto seja muito mais fácil do que é atualmente. Tudo isto parece uma expressão distante das promessas de que o justo vai receber vida eterna, e uma natureza como a de Deus, feito igual aos anjos, os quais não casam ou reproduzem (Lucas 20:35,36). A resposta está no fato de que a primeira parte do Reino de Deus vai durar 1.000 anos - um "Milênio" (ver Ap. 20:2-7). Durante este Milênio haverá dois grupos de pessoas na terra:-

1 Os santos - aqueles de nós que seguiram a Cristo de modo aceitável nesta vida, que receberão vida eterna no trono do juízo. Observe: um "santo" significa uma pessoa "separada", e refere-se a qualquer crente verdadeiro.

2 As pessoas comuns, mortais que não conheceram o Evangelho até a época da vinda de Cristo - i.e. não eram responsáveis perante o trono do juízo.

Quando Cristo vier, dois homens estarão no campo, um será tomado (para o julgamento), e o outro deixado (Lc. 17:36); aqueles que forem "deixados" estarão neste segundo grupo.

Ao receber a natureza de Deus perante o trono do juízo, os santos não poderão mais morrer ou ter filhos. As descrições de pessoas experimentando estas coisas no Reino devem, então, se aplicar ao segundo grupo - aqueles que estiverem vivos na época do retorno de Cristo, mas que

não sabiam os requisitos de Deus. A recompensa dos justos é serem "reis e sacerdotes e todos vamos reinar sobre a terra" (Ap. 5:10). Reis devem reinar sobre alguém; aquelas pessoas que forem ignorantes ao Evangelho na época da segunda vinda serão, então, deixadas vivas, sobre as quais haverá o reino. Ao estar "em Cristo" vamos compartilhar Sua recompensa - a qual é ser rei do mundo, "Ao que vencer...eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com vara de ferro as regerá...assim como também (*eu*) recebi autoridade de meu Pai" (Ap. 2:26,27).

Agora a parábola de Cristo sobre os talentos se encaixa devidamente - os servos fiéis foram recompensados com dez ou cinco lugares para governar no Reino (Lucas 19:12-19). O conhecimento dos caminhos de Deus não vai se espalhar imediatamente, assim que Cristo seja declarado Rei em Jerusalém; as pessoas viajarão para Jerusalém para encontrar mais conhecimento sobre Deus (Is. 2:2,3). Lembre-se também, como a montanha de Dn. 2:35,44 (representando o Reino de Deus) gradualmente se espalha sobre a terra. Será tarefa dos santos disseminar o conhecimento de Deus, e portanto, do seu reino.

Quando Israel era, anteriormente, o Reino de Deus, a tarefa dos sacerdotes era ensinar o conhecimento de Deus (Ml. 2:5-7). Para este propósito eles foram colocados em vários lugares em Israel. No restabelecimento mais glorioso do Reino, os santos vão assumir o papel de sacerdotes (Ap. 5:10).

Se Cristo vier hoje:

1. Os mortos responsáveis se levantarão e, junto com os vivos responsáveis, serão levados perante o trono do juízo.
2. Os ímpios responsáveis serão punidos com a morte, e aos justos será dada vida eterna. As nações que resistem a Cristo também serão julgadas.
3. Os justos vão governar sobre aquelas pessoas que estiverem vivas, mas que não São responsáveis perante Deus; eles vão ensinar-lhes o Evangelho como "reis e sacerdotes" (Ap. 5:10).

4. Isto vai durar por 1.000 anos. Durante este tempo todas as pessoas mortais vão ouvir o Evangelho, e, portanto, ser responsáveis perante Deus. A vida destas pessoas será muito mais longa e feliz.
5. Ao fim do Milênio haverá uma rebelião contra Cristo e os santos, a qual Deus vai debelar (Ap. 20:8,9).
6. Ao fim dos 1.000 anos, todos os que morreram naquela época vão ressuscitar e ser julgados (Ap. 20:5,11-15).
7. Os ímpios entre eles serão destruídos, e os justos vão se unir a nós tendo vida eterna.

Então, o propósito de Deus para com a terra vai se completar. Ela será ocupada por seres imortais e justos. O Nome de Deus 'Yahweh Elohim' (que significa "Aquele que vai se revelar a um grupo de poderosos") se cumprirá. Nunca mais o pecado, e conseqüentemente a morte, serão experimentados sobre a terra; a promessa de que a semente da serpente seria totalmente destruída ao ter a cabeça esmagada, será, então, plenamente cumprida (Gn. 3:15). Durante o Milênio, Cristo reinará "até que haja posto a todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo que há de ser destruído é a morte...E quando todas as coisas lhe (a Deus) estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele (Deus) que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos" (1 Co. 15:25-28).

Isto é "o fim, quando ele (Cristo) tiver entregado o reino a Deus, o Pai" (1 Co. 15:24). O que se segue neste período quando Deus for "tudo em todos" não nos é dito; tudo o que sabemos é que vamos ter vida eterna, a natureza de Deus, e vamos viver para glorificar e agradar a Deus. É presunção inquirir adiante, sobre o que será o estado depois do Milênio.

Um entendimento do "evangelho do reino de Deus" é vital para a salvação de cada leitor destas palavras. Rogamos a você que releia este estudo e busque as passagens bíblicas citadas.

Deus quer que estejamos no Seu Reino. Todo o Seu plano foi elaborado para que tenhamos parte real nele, em vez de apenas expressar sua habilidade criadora. O batismo nos relaciona às promessas feitas sobre

este Reino. É difícil de acreditar que o batismo, seguido por alguns anos de humilde obediência à palavra de Deus, possa nos dar entrada a esta era gloriosa e eterna. Entretanto, nossa fé no vasto amor de Deus deve estar firme. Sejam quais forem nossos breves problemas, teríamos motivo considerável para resistir ao chamado de Deus?

"Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm. 8:31).

"Os sofrimentos do tempo presente não são para se comparar à glória que em nós há de ser revelada" (Rm. 8:18).

"Nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória" (2 Co. 4:17).

ESTUDO 5:Perguntas

1. Qual das seguintes é a época do estabelecimento do Reino de Deus?
 - a) Sempre esteve estabelecido
 - b) Na volta de Cristo
 - c) No dia de Pentecostes no primeiro século
 - d) Nos corações dos crentes na sua conversão.

2. O que é o Milênio?
 - a) Um reinado de graça em nossos corações
 - b) Um reinado de 1.000 anos dos crentes no Céu
 - c) Um reinado de .1000 anos de Satanás na terra
 - d) Os primeiros 1.000 anos do reino de Deus sobre a terra.

3. O que os atuais crentes farão no Milênio?
 - a) Reinarão sobre os mortais
 - b) Reinarão no Céu
 - c) Nós não sabemos
 - d) Viverão em outro planeta.

4. A mensagem sobre o Reino de Deus foi pregada:
 - a) Apenas no Novo Testamento
 - b) Apenas por Jesus e os apóstolos
 - c) Tanto no Novo como no Velho Testamentos
 - d) Apenas no Velho Testamento.

6.1 Deus e o Diabo

Muitas seitas da cristandade, junto com muitas outras religiões, acreditam que existe um monstro chamado Demônio ou Satanás que é o gerador dos problemas que existem no mundo e nas nossas vidas, e que é responsável pelo pecado que cometemos. A Bíblia ensina claramente que Deus é Todo-Poderoso. No Estudo 1.4 vimos que os Anjos não podem pecar. Se nós realmente acreditamos nestas coisas, então é impossível que haja qualquer ser sobrenatural em trabalho, operando neste universo, que se opõe ao Deus Todo-Poderoso. Se acreditamos que tal ser *realmente* existe, então, com certeza, estamos questionando a supremacia do Deus Todo-Poderoso. Esta questão é tão importante que o entendimento correto do Diabo e Satanás deve ser considerado uma doutrina vital. Está escrito em Hb. 2:14

que Jesus destruiu o diabo pela sua morte; assim, a menos que tenhamos um entendimento correto sobre o diabo, nós não entenderemos a obra ou a natureza de Jesus.

De um modo geral no mundo, especialmente no chamado mundo "cristão", existe a idéia de que as coisas boas na vida vêm de Deus e as coisas ruins do Diabo ou Satanás. Esta não é uma idéia nova; nem mesmo é uma idéia apenas limitada ao cristianismo apóstata. Os babilônios, por exemplo, acreditavam que havia dois deuses, um deus do bem e luz, e um deus do mal e trevas, e que estes dois travavam combate mortal. Ciro, o grande rei da Pérsia, acreditava exatamente nisso. Por isso Deus disse a ele, "*Eu sou o Senhor, e não há outro*, fora de mim não há Deus...Eu formo a luz, e crio as trevas, eu faço a paz, e crio o mal ("desastre" na versão inglesa *New International Version*); eu, o Senhor, faço todas estas coisas" (Is. 45:5-7, 22). Deus cria a paz e Ele cria o mal ou desastre. Neste sentido Deus é o autor, o criador do "mal". Assim, há uma diferença entre "mal" e pecado, que é uma falha do homem; e que entrou no mundo como resultado da ação do homem, não de Deus (Rm. 5:12).

Deus diz a Ciro e às pessoas da Babilônia que "não há (outro) Deus além de mim". A palavra hebraica '*el*' traduzida como "Deus" fundamentalmente significa "força ou fonte de poder". Deus está dizendo que não há uma fonte de poder que exista à parte dEle. Esta é a razão porque um verdadeiro crente em Deus não pode aceitar a idéia de um Diabo ou demônios sobrenaturais.

DEUS: O CRIADOR DO DESASTRE

A Bíblia está repleta de exemplos de Deus trazendo "mal" para as vidas das pessoas e para este mundo. Am. 3:6 diz que se há mal em uma cidade, Deus o fez. Se, por exemplo, ocorre um terremoto em uma cidade, geralmente se sente que o "diabo" tem projetos sobre aquela cidade, e causou aquela calamidade. Mas o crente verdadeiro deve entender que é *Deus* quem é responsável por isto. Assim, Mq. 1:12 diz que "desceu *do Senhor* o mal até a porta de Jerusalém". No livro de Jó lemos como Jó, um homem justo, perdeu as coisas que ele tinha na vida. O livro ensina que a experiência do "mal" na vida de uma pessoa não é diretamente proporcional à sua obediência ou desobediência a Deus. Jó reconheceu que "O Senhor deu, o Senhor o tomou" (Jó 1:21). Ele não diz: "O Senhor deu e Satanás tomou". Ele comenta à sua esposa: "Recebemos o bem de Deus e não receberemos (também) o mal?" (Jó 2:10). No fim do livro, os amigos de Jó o confortam quanto "a todo o mal *que o Senhor* trouxera sobre ele" (Jó 42:11 cf. 19:21;

8:4). Assim, Deus é a fonte do "mal", no sentido de ser aquele que permite os problemas que temos em nossas vidas.

"Porque o Senhor corrige a quem ama...Se suportais a correção...esta, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos que por ela têm sido exercitados" (Hb. 12:6-11), isto mostra que as provas que Deus nos faz passar, ao final, resultam em nosso crescimento espiritual. Dizer que o Diabo é um ser que nos força ao pecado é voltar a palavra de Deus contra si mesma e ser injusto, uma vez que ele espera trazer às nossas vidas os problemas que levam ao nosso desenvolvimento "o fruto pacífico de justiça". A idéia ortodoxa do Demônio enfrenta, aqui, sérios problemas. Especialmente sérias são as passagens que falam de entregar um homem a Satanás, "para que o espírito seja salvo" ou "para que aprenda a não blasfemar" (1 Co. 5:5; 1 Tm. 1:20). Se, realmente, Satanás é um ser propenso a fazer o homem pecar e autor de um efeito espiritual *negativo* sobre as pessoas, por que estas passagens falam de Satanás como uma luz *positiva*? A resposta está no fato de que um adversário, um "Satanás" ou uma dificuldade na vida, freqüentemente podem resultar em efeitos espirituais positivos no viver de um crente.

Se aceitarmos que o mal vem de Deus, então podemos orar a Deus para que Ele faça algo em relação aos problemas que temos, como por exemplo, removê-los. Se Ele não o faz, então sabemos que eles são enviados por Deus para nosso bem espiritual. Agora, se nós acreditamos que existe algum mal sendo chamado Diabo ou Satanás causando nossos problemas, então não há modo de se chegar a um acordo com eles, e assim, uma deficiência física, doença, morte súbita ou calamidade têm que ser apenas consideradas como má sorte. Se o Demônio é algo poderoso, um Anjo pecador, então ele será muito mais poderoso do que nós, e nós não teremos escolha, exceto sofrer na sua mão. Em contraste a isso, somos confortados pela idéia de que sob o controle de Deus, "todas as coisas (na vida) concorrem para o *bem*" dos crentes (Rm. 8:28). Assim, na vida de um crente, não existe uma coisa que se chama de "sorte".

A ORIGEM DO PECADO

Deve ser enfatizado que o *pecado* vem de dentro de nós. É por nossa falha que pecamos. É claro, seria bom acreditar que não é por culpa nossa que pecamos. Poderíamos pecar livremente e então nos desculpar com o pensamento de que, realmente, foi culpa do Diabo, e que a culpa do nosso pecado deve ser colocada inteiramente sobre ele. Não é incomum que em casos de um comportamento flagrantemente ímpio, a pessoa culpada suplica

misericórdia porque diz ter sido possuída pelo Diabo naquela hora e, por isso, não é responsável por si mesma. Mas, não é sem razão que desculpas fracas não são dignas de crédito e a pessoa está condenada.

Precisamos lembrar que "o salário do pecado é a morte" (Rm. 6:23); o pecado leva à morte. Se não é culpa nossa que pecamos, mas do Diabo, então um Deus justo deve punir ao Diabo e não a nós. Mas o fato de que somos julgados pelos nossos próprios pecados mostra que somos responsáveis pelos nossos pecados. A idéia de um Demônio sendo uma pessoa específica fora de nós, em oposição ao princípio de pecado *dentro* de nós, é uma tentativa para tirar de nós mesmos a responsabilidade dos nossos pecados. Este ainda é outro exemplo dos homens recusando entrar em acordo com o que a Bíblia ensina sobre a natureza do homem: que ele é fundamentalmente pecador.

" *Nada* há, fora do homem que, entrando nele o possa contaminar. Pois do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, ...soberba, loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem" (Mc. 7:15-23).

A idéia de que *existe* algo pecador fora de nós, que entra em nós, e leva-nos a pecar, é incompatível com o ensino direto de Jesus aqui. De *dentro*, a partir do coração do homem, vêm *todas* estas coisas más. Isto é porque, na época do dilúvio, Deus considerou que "a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice" (Gn. 8:21). Tiago 1:14 nos relata como somos tentados: "Cada um (é o mesmo processo para cada ser humano) é tentado, quando atraído pela sua própria concupiscência ("pelo seu próprio desejo mau", conforme a versão inglesa *New International Version*) e engodado". Somos tentados pelas nossas *próprias* luxúrias, nossos próprios desejos maus; não por alguma coisa fora de nós. "De onde vêm as guerras e contendas entre vós?", Tiago pergunta; "Não vêm disto, dos prazeres que nos *vossos membros* guerreiam?" (Tiago 4:1). Cada um de nós tem tentações específicas, pessoais. Por isso elas têm que ser geradas pelos nossos *próprios* desejos maus, porque elas são pessoais. Com verdade tem sido dito que o nosso pior inimigo somos nós mesmos.

O livro de Romanos trata amplamente do pecado, sua origem, e como vencê-lo. É muito significativo que raramente haja menção no livro ao Demônio e Satanás; no contexto de falar sobre a origem do pecado, Paulo não menciona o Demônio ou Satanás. Da mesma forma, "o Demônio" é um conceito do Novo Testamento. Se existe um ser externo que nos faz pecar, será que ele não teria sido mencionado exaustivamente no Velho

Testamento? Mas existe um profundo e significativo silêncio acerca disso. O relato do período dos Juizes, ou o período de Israel no deserto, mostra que naquela época Israel pecava bastante. Mas Deus não alerta o povo sobre nenhum ser com poder sobrenatural ou com força, que poderia entrar neles e fazê-los pecar. Em vez disso, Ele os encoraja a aplicarem-se à leitura da Sua Palavra, para que não caíssem nos caminhos da sua própria carne (por exemplo Dt. 27:9,10; Js. 22:5).

Paulo lamenta: "Em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum. Pois não faço o bem que quero...Se eu faço o que não quero, já não o faço eu, mas o pecado que habita em mim" (Rm. 7:18-21). Agora ele não culpa um ser externo, chamado Demônio, do seu pecar. Ele situou a sua própria natureza má como a verdadeira fonte de pecado: "Já não o faço eu, mas *o pecado que habita em mim*. Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal *está comigo* (i.e. dentro de mim)". Assim ele diz que a oposição ao ser espiritual vem de algo a que ele chama "pecado habitando em mim". Toda pessoa honesta, com uma consciência espiritual, chegará ao mesmo tipo de auto-conhecimento. Deve ser observado que mesmo um supremo cristão como Paulo não experimentou uma mudança de natureza depois da sua conversão, e nem mesmo foi colocado em uma posição em que não pecava e não podia pecar. O moderno movimento "evangélico" declara estar nesta posição, e por isso coloca Paulo como alguém bem classificado entre os "não salvos", por causa da sua declaração feita em Rm. 7:15-21. Estes versos provam ser uma grande dificuldade para as suas declarações. Davi, sem dúvida outro homem justo, comenta da mesma forma sobre a constante pecaminosidade da sua própria natureza: "Em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu minha mãe" (Sl. 51:5).

A Bíblia é bastante clara quando trata da natureza do homem, que é fundamentalmente fraca. Se isto for considerado, não há necessidade de criar uma pessoa imaginária, fora de nossas naturezas humanas, que seja responsável pelos nossos pecados. Jr. 17:9 diz que o coração do homem é tão desesperadamente ímpio e enganoso que não podemos, de fato, apreciar a grande extensão da sua pecaminosidade. Jesus também considerou a natureza humana fundamentalmente como má em Mt. 7:11. Ec. 9:3 (texto hebraico) não poderia ser mais direto: "O coração dos filhos dos homens está cheio de maldade". Ef. 4:18 dá a razão da alienação natural do homem de Deus como sendo "pela ignorância que há *neles*, pela dureza do seu *coração*". É por causa dos nossos corações espiritualmente cegos e ignorantes, o modo de pensar que está dentro de nós, que estamos distanciados de Deus. Nesta linha de raciocínio, Gl. 5:19 fala de nossos

pecados como "as obras da *carne*"; é nossa própria carne, nosso próprio ser e natureza, que nos fazem pecar. Nenhuma destas passagens explica a origem do pecado dentro de nós como sendo colocada ali pelo Demônio; as tendências pecaminosas são algo que todos temos, naturalmente, desde o nascimento; é uma parte fundamental da conformação humana.

6.2 O Demônio E Satanás

Algumas vezes as palavras originais do texto bíblico são deixadas sem tradução ("Mammon", em Mt. 6:24, é um exemplo disto no idioma aramaico). Como uma palavra, "satanás" é um termo hebraico não traduzido, que significa "adversário", enquanto que "demônio" é uma tradução da palavra grega "diabolos", que significa "mentiroso", um inimigo ou falso acusador. Se acreditarmos que Satanás e o Demônio são seres fora de nós, que são responsáveis pelo pecado, então quando encontramos estas palavras na Bíblia, temos que fazê-las se referir a estas pessoas malignas. O uso bíblico destas palavras mostra que elas podem ser aplicadas como adjetivos comuns, descrevendo pessoas comuns. Este fato torna impossível deduzir que as palavras Demônio e Satanás, como são usadas na Bíblia, por si mesmas, se referem a uma pessoa ou a seres muito perversos fora de nós.

A PALAVRA "SATANÁS" NA BÍBLIA

1 Reis 11:14 relata que "Levantou o Senhor um adversário (mesma palavra hebraica traduzida em outros lugares como "satanás") contra Salomão, Hadade, o edomita". "E Deus lhe levantou outro adversário (outro satanás)...Rezom...foi adversário (um satanás) de Israel" (1 Reis 11:23, 25). Isto não significa que Deus levantou uma pessoa sobrenatural ou um Anjo para ser um satanás/adversário de Salomão; Ele levantou um homem comum. Mt. 16:22, 23 dá outro exemplo. Pedro havia tentado dissuadir Jesus de subir a Jerusalém para morrer na cruz. Jesus volta-se e diz para *Pedro* "Para trás de mim, Satanás...não compreendes as coisas que são de Deus, e, sim, as que são dos homens". Assim Pedro foi chamado um satanás. O relato é muito claro de que Cristo não estava falando com um Anjo ou um monstro quando ele disse estas palavras; ele estava falando com Pedro.

Como a palavra "satanás" apenas significa um adversário, uma boa pessoa, mesmo o próprio Deus, pode ser chamado um "satanás". Em essência não há nada necessariamente pecaminoso quanto a palavra, em si mesma. As conotações pecaminosas que a palavra "satanás" tem são parcialmente

devidas ao fato de que nossa própria natureza pecaminosa é nosso maior "satanás" ou adversário, e também devido ao uso da palavra na linguagem do mundo para se referir a algo associado com pecado. O próprio Deus pode ser um satanás para nós, pelo fato de trazer provas às nossas vidas, ou bloquear uma direção de ação errada que nós poderíamos seguir. Mas o fato de que Deus pode ser chamado um "satanás" não significa que ele próprio seja um pecador.

Os livros de Samuel e Crônicas são relatos paralelos dos mesmos incidentes, como os quatro Evangelhos são relatos dos mesmos eventos, mas usando linguagens diferentes. 2 Sm. 24:1 relata: "O Senhor incitou a Davi contra eles" para fazê-lo calcular o censo de Israel. O relato paralelo em 1 Cr. 21:1 diz que "Satanás se levantou contra Israel, e incitou Davi" a fazer o censo. Em uma passagem Deus incita, na outra, Satanás o faz. A única conclusão é que Deus age como um "satanás" ou adversário de Davi. Ele fez o mesmo com Jó ao trazer provas à sua vida, tanto que Jó disse sobre Deus: "Com a força da tua mão me atacas" (Jó 30:21); "Tu ages como um 'satanás' contra mim", era o que Jó estava basicamente dizendo.

A PALAVRA "DEMÔNIO" NA BÍBLIA

Isto também ocorre com a palavra "demônio". Jesus disse: "Não vos escolhi doze (discípulos), e ainda um de vós é o demônio? Falava ele de Judas Iscariotes..." que era um homem comum e mortal. Ele não estava falando de um ser pessoal com chifres, ou um assim chamado "ser espiritual". Aqui a palavra "demônio" refere-se simplesmente a um homem ímpio. 1 Tm. 3:11 dá outro exemplo. As esposas dos anciãos da igreja não deveriam ser "maldizentes"; aqui a palavra grega original é "diabolos", que é a mesma palavra traduzida em outros lugares como "demônio". Assim Paulo alerta Tito de que as mulheres de idade na *ecclesia* não deveriam ser "falsas acusadoras" ou "demônios" (Tt. 2:3). E, da mesma forma, ele diz a Timóteo (2 Tm. 3:1, 3) que "Nos últimos dias...os homens serão...caluniadores (demônios)". Isto não significa que seres humanos vão se tornar seres super-humanos, mas que eles vão se tornar cada vez mais impiedosos. Com todos estes textos, deve ficar bem claro que as palavras "demônio" e "satanás" não se referem a um Anjo caído ou a uma criatura pecaminosa fora de nós.

PECADO, SATANÁS E O DEMÔNIO

As palavras "satanás" e "demônio" são usadas figurativamente para descrever as tendências naturais pecaminosas dentro de nós, das quais falamos no Estudo 6.1. Estas são nosso principal "satanás" ou adversário. Elas também são personificadas, e como tais, podem ser chamadas de "demônio" - nosso inimigo, um difamador da verdade. A isto é que o nosso "homem" natural se compara - o próprio Demônio. A conexão entre o Demônio e nossos maus desejos - o pecado dentro de nós - se torna explícita em várias passagens: "Visto que os filhos (nós mesmos) participam da carne e do sangue, também ele (Jesus) participou das mesmas coisas; para que pela (sua) morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Hb. 2:14). Aqui o diabo é descrito como sendo responsável pela morte. Mas "o salário do pecado é a morte" (Rm. 6:23). Assim, o pecado e o diabo devem estar em paralelo. Similarmente Tiago 1:14 diz que nossos desejos malignos nos tentam, levando-nos ao pecado, e, por consequência, à morte; mas Hebreus 2:14 diz que o diabo traz a morte. O mesmo verso diz que Jesus teve nossa natureza para destruir o diabo. Contraste isto com Rm. 8:3: "Deus, enviando seu Filho, em semelhança de carne do pecado (isto é, em nossa natureza humana) condenou o pecado na carne". Isto mostra que o demônio e as tendências pecaminosas que naturalmente estão dentro da natureza humana são, efetivamente, o mesmo. É vitalmente importante entender que Jesus foi tentado como nós. Entender mal a doutrina do demônio significa não podermos apreciar a natureza e a obra de Jesus. Foi somente porque Jesus teve a nossa natureza humana - o "demônio" dentro dele - que nós podemos ter a esperança da salvação (Hb. 2:14-18; 4:15). Ao vencer os desejos da sua própria natureza, o demônio que se lê na Bíblia, Jesus foi capaz de destruir o demônio na cruz (Hb. 2:14). Se o Demônio é um ser pessoal, então ele não deveria mais existir. Hb. 9:26 diz que Cristo foi manifesto "para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo". Hb. 2:14 completa isto com a declaração de que pela sua morte Cristo destruiu o demônio em si mesmo. Pela sua morte Jesus, sob um aspecto, destruiu "o corpo do pecado" (Rm. 6:6), i.e. a natureza humana, o pecado revelado (na forma de) nossos próprios corpos.

"Quem comete pecado é do diabo" (1 Jo. 3:8), porque o pecado resulta de dar lugar aos nossos próprios desejos naturais e maus (Tiago 1:14,15), que a Bíblia chama do "diabo". "Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do diabo" (1 Jo. 3:8). Se estamos corretos ao dizer que o diabo são os nossos desejos malignos, então, as obras dos nossos desejos malignos, i.e. aquilo em que eles resultam, são nossos pecados. Isto é confirmado por 1 Jo. 3:5: "Ele (Jesus) se manifestou para tirar nossos pecados". Isto confirma que "nossos pecados" e "as obras do diabo" são os

mesmos. Atos 5:3 dá outro exemplo desta conexão entre o diabo e nossos pecados. Pedro diz para Ananias: "Por que encheu Satanás o teu coração?" depois, no verso 4 Pedro diz: "Por que *formaste este desígnio em teu coração?*" Conceber algo ruim dentro do nosso coração é o mesmo que Satanás encher nosso coração. Se nós mesmos concebermos algo, por exemplo, um plano pecaminoso, então ele começa *dentro de nós*. Se uma mulher concebe uma criança, ela não existe fora dela; ela começa dentro dela. Tiago 1:14,15 usa a mesma figura ao descrever como nossa lascívia *concebe* e gera o pecado, que produz a morte. Sl. 109:6 faz paralelo de uma pessoa pecaminosa com "Satanás": "Suscita contra ele um ímpio, um acusador esteja à sua direita", i.e. com poder sobre ele (cf. Sl. 110:1).

PERSONIFICAÇÃO

Entretanto, você pode responder legitimamente: "Mas isto se refere ao demônio como se fosse uma pessoa!" Isto está inteiramente correto; Hb. 2:14 fala do "que tinha o império da morte, isto é, o diabo". Mesmo uma pequena porção de leitura bíblica mostra que com frequência ela usa personificação, falando de uma idéia abstrata como de uma pessoa. Assim, Pv. 9:1 fala de uma mulher chamada "Sabedoria" construindo uma casa, e Rm. 6:23 compara o pecado a um patrão dando os salários da morte. Esta característica será depois discutida na Digressão 5. Nosso diabo, o "diabolos", geralmente representa nossos maus desejos. Entretanto, você não pode ter diabolismo abstrato; o mau desejo que está no coração do homem não pode existir separadamente de um homem; por isto o "diabo" está personificado. Frequentemente o pecado é personificado como um patrão (por exemplo, Rm. 5:21; 6:6,17; 7:3). É compreensível, assim, que o "diabo" também seja personificado, visto que "demônio" também se refere ao pecado. Da mesma forma, Paulo fala de nós como tendo dois seres, como se estivessem dentro da nossa carne (Rm. 7:15-21): o homem na carne, o "demônio", luta com o homem no Espírito. Ainda, é evidente que não há literalmente dois seres pessoais lutando dentro de nós. Esta parte pecaminosa da nossa natureza é personificada como "o maligno" (Mt. 6:13 na tradução inglesa *Revised Version*) - o demônio no texto bíblico. A mesma frase em grego, traduzida como "maligno" aqui, é traduzida como "pessoa iníqua" em 1 Co. 5:13, mostrando que quando uma pessoa dá lugar ao pecado, o "maligno" - ele mesmo - torna-se um "maligno", ou um "demônio".

"DEMÔNIO" E "SATANÁS" EM UM CONTEXTO POLÍTICO

Estas palavras "demônio" e "satanás" também são usadas para descrever a ordem do mundo iníquo e pecaminoso em que nós vivemos. As hierarquias social, política e pseudo-religiosa da humanidade podem bem ser descritas em termos do "demônio". Geralmente o demônio e satanás no Novo Testamento se referem ao poder político e social dos sistemas judeu ou romano. Assim, lemos sobre o demônio lançando crentes na prisão (Ap. 2:10), com respeito às autoridades romanas prendendo os crentes. Neste mesmo contexto lemos sobre a igreja em Pérgamo sendo localizada onde estava o assento de Satanás, ou trono, - i.e. o lugar do governo de uma colônia romana em Pérgamo, onde também havia um grupo de crentes. Nós não podemos dizer que o próprio Satanás, se ele existe, teve pessoalmente um trono em Pérgamo.

O pecado individual é definido como uma transgressão à lei de Deus (1 Jo. 3:4). Mas o pecado expresso coletivamente como uma força política e social oposta a Deus é uma força mais poderosa que os indivíduos; é este poder coletivo que algumas vezes é personificado como um ser poderoso chamado o demônio. Neste sentido o Iran e outros poderes islâmicos têm chamado os Estados Unidos de "o grande Satanás" - i.e. o grande adversário da sua causa, em termos políticos e religiosos. É assim que as palavras demônio e satanás são usadas freqüentemente na Bíblia.

Em conclusão, provavelmente é verdade com respeito ao Demônio dizer-se que, neste assunto mais do que em qualquer outro, é vital basear nosso entendimento sobre uma visão equilibrada de *toda* a Bíblia, em vez de construir doutrinas massivas sobre poucos versos, contendo expressões populares que parecem se referir a crenças comuns. Quem fizer uma releitura cuidadosa e sob oração do Estudo 6.1 e desta seção vai ter sua compensação disso. A posição doutrinária exposta e esboçada ali é apenas uma forma de se ter uma compreensão razoável de *todas* as passagens que se referem ao diabo e satanás. Estas palavras podem ser usadas como adjetivos comuns ou como referência ao pecado em alguns lugares, sendo encontrados dentro da nossa própria natureza humana. Algumas das passagens mais mal entendidas, que estão citadas como apoio das idéias populares, estão consideradas na Digressão que acompanha este Estudo.

Aqueles que tiverem problemas em aceitar nossas conclusões precisam se perguntar: (1) O pecado é personificado? Claramente ele é. (2) É verdade que "satanás" pode ser usado apenas como um adjetivo? Sim, pode. Então, qual o verdadeiro problema que pode haver quanto ao pecado ser personificado como nosso inimigo/satanás? Geralmente o

mundo é personificado nas cartas de João e nos Evangelhos (conforme a versão inglesa *Revised Version*); qual o melhor título para esta personificação do que "Satanás" ou "o Diabo"?

ESTUDO 6: Perguntas

1. Quem finalmente é responsável por nossos problemas e provas?
 - a) Deus
 - b) Acaso
 - c) Um ser pecaminoso chamado Satanás
 - d) Seres pecaminosos chamados demônios

2. O que é responsável por nossa tentação para pecar?
 - a) Nossa própria natureza humana
 - b) Deus
 - c) Espíritos malignos
 - d) Um ser pecador chamado Satanás.

3. O que a palavra "diabo" significa?
 - a) Pecado
 - b) A serpente
 - c) Falso acusador/caluniador
 - d) Lúcifer

4. O que significa a palavra "satanás"?
 - a) Um pecador
 - b) Um adversário
 - c) Uma besta
 - d) Rei dos demônios

5. Figurativamente "satanás" e "demônio" podem se referir a quê?
 - a) Pecado e tentação
 - b) Forças malignas no espaço exterior
 - c) Um dragão

7. Como devemos entender as referências a "demônios" no Novo Testamento?
 - a) Anjos pecadores
 - b) Doenças
 - c) A linguagem usada naqueles dias para enfermidades, que as pessoas pensavam ser causadas por "demônios"
 - d) Seres espirituais

7.1 Profecias sobre Jesus no Velho Testamento

O Estudo 3 explicou como o propósito de salvação de Deus para o homem estava centrado em Jesus Cristo. Todas as promessas que Ele fez a Eva, Abraão e Davi falam literalmente sobre Jesus como seu descendente. De fato, todo o Velho Testamento aponta para e profetiza sobre Cristo. A Lei de Moisés, que Israel tinha que obedecer antes da época de Cristo, constantemente apontava para Jesus: "A lei nos serviu de aio para conduzir a Cristo" (Gl. 3:24). Assim, na festa da Páscoa, tinha que ser morto um cordeiro em perfeito estado (Ex. 12:3-6); isto representava o sacrifício de Jesus, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29; 1 Co. 5:7). A condição imaculável que era requerida de todo sacrifício animal apontava para o caráter perfeito de Jesus (Ex. 12:5 cf. 1 Pedro 1:19).

Entre os Salmos e profetas do Velho Testamento há incontáveis profecias sobre como seria o Messias. Eles focalizam, particularmente, na descrição de como ele morreria. A recusa do judaísmo em aceitar a idéia de um Messias que morre só pode ser devida à falta de consideração a estas profecias, algumas das quais são apresentadas a seguir:

Profecia do Velho Testamento	Cumprimento em Cristo
"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Sl. 22:1).	Jesus na cruz (Mt. 27:46).
"Eu sou desprezado do povo. Todos os que me vêem zombam de mim...meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no Senhor, que o livre" (Sl. 22:6-8).	Israel desprezou Jesus e zombou dele (Lucas 23:35; 8:53), eles balançaram suas cabeças (Mt. 27:39) e disseram: "que o Senhor o livre", quando foi pendurado na cruz (Mt. 27:43).
"A língua se me apegou ao paladar...trespassaram-me as mãos e os pés" (Sl. 22:15,16).	Isto se cumpriu em Cristo sobre a cruz (João 19:28). Ele sentiu sede, a perfuração das mãos e pés refere-se ao método de crucificação usado.
"Repartem entre si as minhas vestes, e lancem sortes sobre a minha túnica" (Sl. 22.18).	O cumprimento preciso disto se encontra em Mt. 27:35.

Observe que o Sl. 22:22 é especialmente mencionado referindo-se a Jesus em Hb. 2:12.

"Sou como estranho para meus irmãos, e um desconhecido para com os filhos da minha mãe; pois o zelo da tua casa me consome" (Sl. 69:8-9).	Isto bem descreve o sentimento de estranheza de Cristo em relação aos seus irmãos judeus e à sua própria família (João 7:3-5, Mt. 12:47-49). Isto foi citado em João 2:17.
---	--

"Deram-me fel por alimento, e na minha sede me deram a beber vinagre" (Sl. 69:21).	Isto aconteceu enquanto Cristo estava na cruz (Mt. 27:34).
--	--

Todo o capítulo de Isaías 53 é uma notável profecia da morte e ressurreição de Cristo, cada um dos seus versos teve cumprimento exato. Serão dados apenas dois exemplos:

"Perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca" (Is. 53:7).	Cristo, o Cordeiro de Deus, permaneceu em silêncio durante o seu julgamento (Mt. 12, 14).
--	---

"Deram-lhe sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte" (Is. 53:9).	Jesus foi crucificado junto a criminosos ímpios (Mt. 27:38), mas foi enterrado no túmulo de um homem rico (Mt. 27:57-60).
--	---

Não é de surpreender que o Novo Testamento nos lembra que a "lei e os profetas" do Velho Testamento são a base para o nosso entendimento de Cristo (Atos 26:22; 28:23; Rm. 1:2,3; 16:25, 26). O próprio Jesus alertou que se nós não entendermos "Moisés e os profetas" adequadamente, não poderemos entendê-lo (Lucas 16:31; João 5:46, 47).

A Lei de Moisés aponta para Cristo e os profetas profetizaram sobre ele, isto deveria ser prova suficiente de que Jesus não existiu fisicamente antes do seu nascimento. A falsa doutrina da "pré-existência" física de Cristo, antes do seu nascimento, não faz sentido diante das repetidas promessas de que ele seria a *semente* (descendente) de Eva, Abraão e Davi. Se ele já tivesse existido no céu na época destas promessas, Deus estaria errado em prometer a estas pessoas um descendente que *viria a ser* o Messias. As genealogias

de Jesus, registradas em Mt. 1 e Lucas 3, mostram como ele tinha uma linha de ancestrais que ia de volta àquelas pessoas a quem Deus tinha feito as promessas.

A promessa feita a Davi com respeito a Cristo não permite a sua existência física na época em que esta promessa foi feita: "*Farei levantar depois de ti o teu descendente, que sairá das tuas entranhas...Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho*" (2 Sm. 7:12,14). Observe que o tempo futuro é usado aqui. Visto que Deus *seria* o Pai de Cristo, é impossível que o Filho de Deus pudesse já ter existido na época quando a promessa foi feita. Esta semente "*que sairá das tuas entranhas*" mostra que ele seria literalmente um descendente físico de Davi. "O Senhor jurou a Davi...do fruto das tuas entranhas porei sobre o teu trono" (Sl. 132:11).

Salomão foi o primeiro cumprimento desta promessa, mas como ele já existia fisicamente na época em que ela foi feita (2 Sm. 5:14), o principal cumprimento desta promessa (quanto a Davi ter um descendente físico, que seria o filho de Deus) deve se referir a Cristo (Lucas 1:31-33). "*Levantarei a Davi um Renovo*" (Jr. 23:5) - i.e. o Messias.

Tempos futuros semelhantes são usados em outras profecias com respeito a Cristo. O texto de Dt. 18:18: "Eu lhes *suscitarei* (a Israel) um profeta semelhante a ti (Moisés)" é citado em Atos 3:22,23, e define o "Profeta" como Jesus. "A virgem (Maria) *conceberá e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel*" (Is. 7:14). Isto foi claramente cumprido no nascimento de Cristo (Mt. 1:23).

7.2 O Nascimento Virginal

O relato da concepção e nascimento de Cristo não permite a idéia de que ele existisse fisicamente antes disto. Aqueles que detêm a falsa doutrina da "Trindade" são levados à conclusão de que em um certo momento havia três pessoas no céu, e depois uma delas desapareceu e, de alguma forma, se tornou em feto no útero de Maria, deixando apenas dois seres no céu. Nós vimos que nas Escrituras toda a existência - inclusive a de Deus - é existência em uma forma física, corporal. Por isso somos levados à conclusão de que na crença da "pré-existência", Cristo, de alguma forma, desceu fisicamente do céu e entrou no útero de Maria. Toda esta complexa teologia está bastante fora do ensino da Escritura. O relato do princípio da vida de Cristo não dá qualquer motivo para se pensar que ele deixou fisicamente o céu e entrou em Maria. A falta de evidência disto é um grande

"elo perdido" no ensino trinitariano (O princípio do ensino sobre a trindade. N. da T.).

O anjo Gabriel apareceu a Maria com a mensagem de que "conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo...Disse Maria ao anjo: Como se fará isto, visto que não tenho relação com homem algum? (i.e. ela era uma virgem). Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso o ente santo que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:31-35).

Por duas vezes é enfatizado que Jesus *seria* o Filho de Deus no seu nascimento; evidentemente o Filho de Deus não existia antes do seu nascimento. Novamente, precisa ser notada a ocorrência de muitos tempos verbais no futuro - por exemplo "ele *será* grande". Se Jesus já existisse fisicamente enquanto o anjo falava estas palavras a Maria, ele já seria grande. Jesus era a "geração" de Davi (Ap. 22:16), a palavra grega "genos" implica que Jesus foi "gerado de" Davi.

A CONCEPÇÃO DE JESUS

Através do Espírito Santo (respiração/poder de Deus) agindo sobre ela, Maria foi capaz de conceber Jesus sem ter relação sexual com um homem. Assim, José não era o pai verdadeiro de Jesus. Deve-se entender que o Espírito Santo não é uma pessoa (ver Estudo 2); Jesus era o Filho de Deus, o Espírito Santo não era. Deus, usou o Espírito Santo sobre Maria, "*por isso* o ente santo" que nasceu dela era "chamado de Filho de Deus" (Lucas 1:35). O uso da expressão "por isso" implica que sem a ação do Espírito Santo sobre o útero de Maria, Jesus, o Filho de Deus, não poderia ter existência.

A "concepção" de Jesus no útero de Maria (Lucas 1:31) também é prova de que ele não poderia existir fisicamente antes daquela época. Se nós "concebemos" uma idéia, ela começa dentro de nós. Da mesma forma Jesus foi concebido dentro do útero de Maria - ele começou ali como um feto, exatamente como qualquer outro ser humano. João 3:16, o mais famoso verso da Bíblia, relata que Jesus foi o "Filho *unigênito*" de Deus. Milhões de pessoas que recitam este verso falham em meditar sobre o seu significado. Se Jesus era "*unigênito*", ele "começou" (uma palavra relacionada a "gerar") quando foi concebido no útero de Maria. Se Jesus

foi gerado por Deus, como seu Pai, isto é uma evidência clara de que seu Pai era mais velho do que ele - Deus não tem começo (Sl. 90:2) e por isso Jesus não pode ser o próprio Deus (o Estudo 8 desenvolve este ponto).

É significativo que Jesus foi "gerado" por Deus em vez de ser criado, como foi Adão, originalmente. Isto explica a proximidade da associação de Deus com Jesus - "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (2 Co. 5:19). O fato de que Cristo foi *gerado* por Deus, em vez de, apenas, criado do pó, também ajuda a explicar sua inclinação natural pelos caminhos de Deus, seu Pai.

Is. 49:5,6 contém uma profecia com respeito a luz do mundo, a qual ele cumpriu (João 8:12). Ele é descrito meditando sobre "o Senhor que me formou desde o ventre para ser seu servo". Assim, Cristo foi "formado" por Deus no útero de Maria, pelo poder do Seu Espírito Santo. Evidentemente o útero de Maria era o lugar da origem física de Cristo.

No Estudo 7.1 nós vimos que o Salmo 22 profetiza os pensamentos de Cristo sobre a cruz. Ele refletia: Deus "me tiraste do ventre...sobre ti fui lançado desde a madre; tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe" (Sl. 22:9,10). Nesta hora da morte, Cristo olha para trás, às suas origens - no útero da sua mãe, Maria, formado pelo poder de Deus. A própria descrição de Maria nos Evangelhos como a "*mãe*" de Cristo, por si mesma destrói a idéia de que ele existisse antes do seu nascimento de Maria.

Maria era um ser humano comum, com pais humanos normais. Isto se prova pelo fato de que tinha ela uma prima, que deu nascimento a João, o batista, um homem comum (Lucas 1:36). A idéia católica romana de que Maria não tinha uma natureza humana comum implica em que Cristo não poderia ser as duas coisas "filho do homem" e "filho de Deus". Estes são os seus títulos freqüentes por todo o Novo Testamento. Ele era "filho do homem" porque tinha uma mãe totalmente humana, e "filho de Deus" por causa da ação de Deus sobre Maria através do Espírito Santo (Lucas 1:35), significando que Deus era seu Pai. Este maravilhoso acerto ficaria nulo se Maria não fosse uma mulher comum.

"Quem do imundo tirará o puro? Ninguém!...Que é o homem, para que seja puro, ou o que nasce da mulher, para que seja justo?...Como seria puro aquele que nasce de mulher?" (Jó 14:4; 15:14; 25:4). Isto elimina qualquer idéia da possibilidade de uma concepção imaculada, quer de Maria ou de Jesus.

Sendo Maria "nascida de uma mulher", com pais humanos comuns, deveria ter nossa natureza humana, impura, a qual ela transmitiu a Jesus, que foi "nascido de mulher" (Gl. 4:4). A linguagem de ter "*nascido*" por meio de Maria é mais uma evidência de que ele não poderia ter existido fisicamente sem o seu nascimento através dela. A versão inglesa *Diaglott* traduz Gl. 4:4 assim: "Tendo *sido produzido* de uma mulher".

Os relatos do Evangelho freqüentemente indicam a humanidade de Maria. Cristo teve que repreendê-la pelo menos três vezes por falta de percepção espiritual (Lucas 2:49; João 2:4); ela falhou em entender tudo o que ele dizia (Lucas 2:50). Isto é exatamente o que nós esperaríamos de uma mulher com natureza humana, cujo filho era o Filho de Deus, e por isto, mais espiritualmente perceptivo do que ela, embora também ele compartilhasse a natureza humana. José teve relações sexuais com Maria depois do nascimento de Cristo (Mt. 1:25), e não há razão para pensar que eles não tiveram um relacionamento conjugal normal a partir de então.

Desta forma a menção da "mãe e irmãos" de Cristo em Mt. 12:46, 47 implica em que Maria teve outros filhos depois de Jesus, tendo sido ele, apenas, "seu *primogênito*". Os ensinamentos católicos de que Maria permaneceu virgem e depois ascendeu aos céus absolutamente não têm apoio bíblico. Como um ser humano de natureza mortal, Maria envelheceu e morreu; fora disto, nós lemos em João 3:13, "ninguém subiu ao céu". O fato de que Cristo tinha natureza humana (ver Hb. 2:14-18; Rm. 8:3) significa que a sua mãe também deve ter tido a mesma natureza, visto que o seu Pai não teve.

7.3 O Lugar de Cristo no Plano de Deus

Deus não decide sobre Seus planos irrefletidamente, divisando partes extra do Seu propósito a medida que a história humana se descortina. Deus tinha um plano completo formulado desde o começo da criação (João 1:1). Assim, seu desejo de ter um Filho estava no Seu plano desde o começo. Todo o Velho Testamento revela diferentes aspectos do plano de salvação de Deus em Cristo.

Com freqüência demonstramos que através das promessas, das profecias e dos tipos na lei de Moisés, o Velho Testamento revela constantemente o propósito de Deus em Cristo. A criação veio a existir por causa do conhecimento de Deus de que Ele teria um Filho. (Hb. 1:1, 2, texto grego;

na versão inglesa *Authorized Version* a palavra "por" é melhor traduzida como "por esta razão"). Por causa de Cristo as eras da história humana foram permitidas por Deus (Hb. 1:2 em grego). Segue-se que a revelação de Deus ao homem, ao longo dos anos, como registrada no Velho Testamento, está repleta de referências a Cristo.

É difícil para nós entender totalmente a supremacia de Cristo e sua enorme e fundamental importância para Deus. Por isto é verdadeiro dizer que Cristo existia na mente de Deus e no seu propósito desde o princípio, embora ele somente viesse a existir fisicamente através do nascimento, por meio de Maria. Os versos de Hb. 1:4-7, 13 e 14 enfatizam que Cristo não era um anjo; embora em sua vida mortal ele fosse menos que os anjos (Hb. 2:7), ele era exaltado a uma honra muito maior do que a deles, visto que ele era "*o filho unigênito*" de Deus (João 3:16). Anteriormente nós mostramos que a única forma de existência ensinada nas Escrituras é a existência em uma forma corpórea, por isso Cristo não existiu como um "espírito" antes do seu nascimento. 1 Pedro 1:20 resume a situação: Cristo "foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifesto nestes últimos tempos por amor de vós".

Jesus era o agente principal do Evangelho, que Deus "havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca do seu Filho... Jesus Cristo, nosso Senhor, ...que nasceu (criado por geração) da descendência de Davi segundo a carne, e foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos" (Rm. 1:1-4).

Isto resume a história de Cristo:

1. Prometido no Velho Testamento - i.e. no plano de Deus;
2. Criado como uma pessoa física através do nascimento virginal, como uma semente de Davi;
3. Com um caráter perfeito ("o Espírito de santidade"), mostrado durante sua vida mortal;
4. Ressuscitado, mais uma vez declarou publicamente ser Filho de Deus pela pregação espiritualmente dotada dos apóstolos.

A PRESCIÊNCIA DE DEUS

Será de grande ajuda para compreendermos que Cristo estava de modo pleno na mente de Deus desde o princípio, embora não existisse fisicamente, se concordarmos com o fato de que Deus conhece *todas* as coisas que vão acontecer no "futuro"; Ele tem completa "presciência". Assim, Deus pode falar e pensar sobre coisas que não existem, como se elas existissem. Tal é a totalidade do seu conhecimento do futuro. Deus "chama à existência coisas que não são como se já fossem" (Rm. 4:17). Por isso Ele pode declarar "o fim desde o princípio, desde a antigüidade as coisas que ainda não sucederam. Eu digo: O meu propósito subsistirá e farei toda a minha vontade" (Is. 46:10). Por causa disto, Deus pode falar dos mortos como se estivessem vivos, e pode falar dos homens como se eles estivessem vivos antes de nascer.

O "conselho" ou palavra de Deus profetizava de Cristo desde o começo; ele sempre esteve no propósito ou "vontade" de Deus. Por isto era certo que, em algum ponto da história, Cristo nasceria fisicamente; Deus cumpriria o Seu propósito declarado em Cristo. Desta forma a certeza da presciência de Deus é refletida na exatidão da Sua Palavra. O hebraico bíblico tem um tempo verbal que se chama "perfeito profético", que usa o tempo passado para descrever coisas futuras quanto ao que Deus prometeu. Assim Davi diz: "Esta é a casa do Senhor Deus" (1 Cr. 22:1), ainda quando o templo havia sido prometido por Deus. Tal era sua fé naquela palavra prometida que Davi usou o tempo presente para descrever coisas futuras. A Escritura está repleta de exemplos da presciência de Deus. Deus estava tão certo de que Ele cumpriria suas promessas a Abraão, que lhe disse: "À tua descendência *dei* esta terra..." (Gn. 15:18) em uma época em que Abraão nem sequer tinha semente. Neste mesmo período, antes que a semente (Isaque/Cristo) nascesse, Deus prometeu: "Por pai de muitas nações *te tenho posto*" (Gn. 17:5). Verdadeiramente, Deus "chamou aquelas coisas que não eram como se fossem".

Assim, durante o seu ministério, Cristo falou de como Deus "todas as coisas *confiou* às suas mãos (de Cristo)" (João 3:35), embora este ainda não fosse o caso. "Todas as coisas *lhe sujeitaste* debaixo dos pés (de Jesus)...Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele" (Hb. 2:8).

Deus falou sobre o Seu plano de salvação através de Jesus "pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo" (Lucas 1:70). Como eles estavam tão estreitamente associados com o plano de Deus, fala-se destes homens como se, literalmente, eles existissem no princípio, embora, evidentemente, este não fosse o caso. Em lugar disto podemos dizer que

os profetas estavam no plano de Deus desde o princípio. Jeremias é o melhor exemplo. Deus disse a ele: "Antes que eu te formasse no ventre, te conheci, e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta" (Jr. 1:5). Assim, Deus sabia tudo sobre Jeremias, mesmo antes da criação. Da mesma forma Deus podia falar sobre o rei Ciro da Pérsia antes do seu nascimento, usando uma linguagem que dá a entender que ele já existia (Is. 45:1-5). Hebreus 7:9, 10 é outro exemplo desta linguagem de existência usada sobre alguém que ainda não nascera.

Da mesma forma que é dito da existência de Jeremias e dos profetas, mesmo antes da criação, devido à sua parte no plano de Deus, assim se fala da existência dos verdadeiros crentes. É evidente que nós não existíamos fisicamente naquela época, exceto na mente de Deus. Deus "que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; ...mas segundo o seu próprio propósito e a graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos" (2 Tm. 1:9). Deus "nos elegeu nele (Cristo) antes da fundação do mundo...nos predestinou...segundo o beneplácito da sua vontade" (Ef. 1:4,5). Toda a idéia de indivíduos serem pré-conhecidos por Deus, desde o começo, e serem "marcados" ("predestinados") para a salvação, indica que eles existiram na mente de Deus no princípio (Rm. 8:27; 9:23).

À luz disto, não surpreende que se fale de Cristo, a essência do propósito de Deus, como existindo desde o princípio na mente e plano de Deus, embora fisicamente ele não fosse assim. Ele foi "o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap. 13:8). Jesus, literalmente, não morreu na fundação do mundo; ele foi o "Cordeiro de Deus" sacrificado cerca de 4.000 anos depois sobre a cruz (João 1:29; 1 Co. 5:7). Do mesmo modo como Jesus foi escolhido desde o princípio (1 Pedro 1:20), assim também foram os crentes (Ef. 1:4; a mesma palavra grega para "escolhido" é usada nestes versos). Nossa dificuldade em compreender tudo isto é porque não podemos imaginar com facilidade como Deus opera fora do conceito de tempo. "Fé" é a habilidade de ver as coisas do ponto-de-vista de Deus, sem as restrições do tempo.

7.4 "No Princípio Era o Verbo", João 1:1-3.

**"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus,
e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.**

Todas as coisas foram feitas por meio dele" (João 1:1-3).

Estes versos, quando entendidos adequadamente, confirmam e expandem as conclusões alcançadas na última seção. Contudo, esta é a passagem mais mal compreendida quando usada para ensinar que Jesus existia no céu antes do seu nascimento. Um entendimento correto destes versos está ligado à compreensão do que "o Verbo" significa neste contexto. Este termo não pode se referir diretamente a uma pessoa, porque uma pessoa não pode estar "com Deus" e ainda *ser* Deus ao mesmo tempo. A palavra grega "logos", que aqui é traduzida como "verbo", em si mesma não significa "Jesus". Geralmente ela é traduzida como "verbo", mas também é traduzida como:

Narração	Causa
Comunicação	Doutrina
Intenção	Pregação
Razão	Dizer
Notícias	

O "verbo" só é referido como "ele" porque "logos" em grego é um termo masculino. Mas isto não quer dizer que se refere ao homem, Jesus. A versão alemã de Lutero traduz "*das Wort*" (Gênero neutro; em alemão existem três gêneros gramaticais: masculino, feminino e neutro, que é o que se aplica aqui. N. da T.); a versão francesa de Segond traduz "*la parole*" como feminino, mostrando que "o verbo" não indica, necessariamente, um homem.

"NO PRINCÍPIO"

"Logos" pode se referir estritamente ao pensamento interior que ganha expressão externa em palavras e outras formas de comunicação. No princípio Deus tinha este "logos". Este propósito singular estava centrado em Cristo. Nós mostramos como o Espírito de Deus coloca Seus pensamentos internos em operação, uma vez que haja conexão entre o Seu Espírito e a Sua palavra (ver Seção 2.2). Como o Espírito de Deus executou o seu plano com os homens e inspirou a Sua palavra escrita desde o princípio, assim comunicou a idéia de Cristo em seu trabalho e palavras. Cristo era o "logos" de Deus, e assim o Espírito de Deus expressou o plano de Deus para Cristo em todas as suas operações. Isto explica porque tantos incidentes do Velho Testamento são tipos de Cristo. Entretanto, não seria exagero dizer que Cristo, em pessoa, não é "o verbo"; o plano de

salvação de Deus através de Cristo é que era "o verbo". Frequentemente "logos" ("o Verbo" ou a palavra) é usado com respeito ao Evangelho sobre Cristo - por exemplo "a *palavra* de Cristo" (Cl. 3:16; cf. Mt. 13:19; João 5:24; Atos 19:10; 1 Ts. 1:8 etc.). Observe que o "logos" fala *sobre* Cristo, em vez de ser ele, pessoalmente. Quando Cristo nasceu, este "verbo" tornou-se em forma de carne e sangue - "o Verbo se fez carne" (João 1:14). Pessoalmente Jesus era "o verbo feito carne" em vez de ser "o verbo"; ele tornou-se pessoalmente "o verbo" pelo seu nascimento de Maria, em vez de tê-lo feito em qualquer outra época anterior.

O plano ou mensagem sobre Cristo estava no princípio com Deus, mas foi abertamente revelado na pessoa de Cristo e na pregação do Evangelho sobre ele no primeiro século. Assim, Deus nos falou a Sua palavra através de Cristo (Hb. 1:1,2). Por várias vezes é enfatizado que Cristo pronunciou as palavras de Deus e fez milagres com a palavra de comando de Deus para nos revelar Deus (João 2:22; 3:34; 7:16; 10:32,38; 14:10,24).

Paulo obedeceu ao comando de Cristo para pregar o Evangelho sobre ele "a todas as nações": "A pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou...a todas as nações" (Rm. 16:25, 26 cf. 1 Co. 2:7). A vida eterna só se tornou possível para o homem através da obra de Cristo (João 3:16; 6:53); embora no começo Deus tinha o plano de oferecer ao homem vida eterna, sabendo, como lhe era possível, do sacrifício que Jesus faria. A plena revelação desta oferta veio somente depois do nascimento e morte de Jesus: "Vida eterna, a qual Deus...prometeu antes dos tempos eternos; e, em tempos próprios manifestou a sua palavra (da vida) pela pregação" (Tito 1:2,3). Nós vimos que se diz dos profetas de Deus como se sempre existissem (Lucas 1:70) no sentido de que "a palavra" que eles pronunciaram existia com Deus desde o princípio.

As parábolas de Jesus revelaram muitas destas coisas; desse modo ele cumpriu a profecia com respeito a si mesmo: "Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo" (Mt. 13:35). Foi nesse sentido que "o Verbo estava com Deus...no princípio", para se "tornar carne" no nascimento de Cristo.

"O VERBO ERA DEUS"

Agora estamos em condição de considerar em que sentido "o Verbo era Deus". Fundamentalmente nós somos nossos planos e pensamentos. "Eu

vou para Londres" é uma "palavra" ou comunicação que expressa um propósito, porque é meu objetivo. O plano de Deus em Cristo pode ser entendido da mesma forma. "Como (um homem) imaginou na sua alma, assim é" (Pv. 23:7), e como Deus pensa, assim Ele é. Deste modo a palavra ou pensamento de Deus é Deus: "o Verbo era Deus". Por causa disto, existe uma associação muito estreita entre Deus e a Sua palavra: paralelismos como Sl. 29:8 são comuns: "A voz do Senhor faz tremer o deserto; o Senhor faz tremer o deserto". Declarações como "Mas não me destes ouvidos, diz o Senhor" (Jr. 25:7) são comuns nos profetas. Efetivamente Deus quer dizer: "Vocês não ouviram *as minhas palavras* ditas pelos profetas". Davi tomou a palavra de Deus como a sua lâmpada e luz (Sl. 119:105), embora ele também refletisse: "*Tu*, Senhor, és a minha lâmpada; o Senhor ilumina as minhas trevas" (2 Sm. 22:29), mostrando o paralelo entre Deus e a Sua palavra. Por isso é de se compreender que a palavra de Deus é personificada como Ele próprio, i.e. fala-se dela como sendo uma pessoa, embora não seja (ver Digressão 5 "O Princípio da Personificação").

Deus é a própria verdade (João 3:33; 8:26; 1 João 5:10), e, por isso, a palavra de Deus também é a verdade (João 17:17). De um modo similar Jesus se identifica tanto com as suas palavras que ele personifica a sua palavra: "Quem me rejeita, e não recebe as minhas palavras, já tem quem o julgue: a própria palavra que tenho proferido, essa há de julgá-lo no último dia" (João 12:48). Jesus fala da sua palavra com se fosse uma verdadeira pessoa, i.e. ele próprio. Suas palavras são personificadas porque elas estavam estreitamente associadas com Jesus.

Da mesma forma a palavra de Deus é personificada em alguém, i.e. o próprio Deus, em João 1:1-3. Assim nos é dito com respeito ao Verbo: "Todas as coisas foram feitas por ele" (João 1:3). Entretanto "*Deus* criou" todas as coisas pela Sua palavra de comando (Gn. 1:1). Por causa disto, diz-se da palavra de Deus, que é como se fosse o próprio Deus. O ponto devocional para se observar nisto é que, devido a Palavra de Deus estar em nosso coração, Deus pode estar muito perto de nós.

A partir de Gn. 1 é evidente que Deus era o Criador, através da Sua Palavra, em vez da pessoa de Cristo. O *verbo* ou *palavra* é que foi descrito como fazendo todas as coisas, e não Cristo pessoalmente (João 1:1-3). "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles (i.e. as estrelas) pelo sopro da sua boca...ele falou, e tudo se fez" (Sl. 33:6,9). Mesmo agora, é pela sua palavra que a criação natural opera: "Envia o seu

mandamento à terra; a sua Palavra corre velozmente. Ele espalha a neve como lã...Manda a sua Palavra...e correm as águas" (Sl. 147:15-18).

Sendo a Palavra de Deus o seu poder criador, Ele a usou na geração de Jesus no útero de Maria. O Verbo, o plano de Deus colocado em operação pelo seu Espírito Santo (Lucas 1:35), levou a efeito a concepção de Cristo. Maria reconheceu isto na sua resposta à notícia sobre a concepção de Cristo que ainda iria acontecer: "Seja feito em mim conforme a tua *Palavra*" (Lucas 1:38).

Vimos que a Palavra/Espírito de Deus reflete o seu propósito, o que foi declarado por todo o Velho Testamento. Atos 13:27 mostra o grau em que isto é verdadeiro, quando fala de Jesus como um paralelo às palavras dos profetas do Velho Testamento: "Por não terem (os judeus) conhecido...cumprindo assim as vozes dos profetas". Quando Cristo nasceu, todo o Espírito/Palavra de Deus foi expresso na pessoa de Jesus Cristo. Sob inspiração, o apóstolo João exultou quanto à expressão do plano de Deus para a vida eterna em Cristo, a quem os discípulos podiam tocar e ver fisicamente. Agora ele reconheceu que eles haviam tocado o Verbo de Deus, todo o Seu plano de salvação, em Cristo (1 João 1:1-3). Embora não possamos ver Cristo fisicamente, nós também podemos nos regozijar, pois através de um verdadeiro entendimento dele podemos conhecer intimamente o propósito de Deus para conosco e assim ter certeza da vida eterna (1 Pedro 1:8, 9). Podemos nos perguntar: "Realmente eu *conheço* Cristo?" Apenas aceitar que um homem bom chamado Jesus existiu não é suficiente. Através de um contínuo estudo bíblico sob oração é possível, rapidamente, entendê-lo como seu Salvador pessoal e relacionar-se com ele através do batismo.

ESTUDO 7: Perguntas

1. Jesus existia fisicamente antes do seu nascimento?
 - a) Sim
 - b) Não

2. Em que sentido pode-se dizer que Jesus existia antes do seu nascimento?
 - a) Como um Anjo
 - b) Como parte da trindade
 - c) Como um espírito
 - d) Somente na mente e propósito de Deus

3. Quais das seguintes declarações são verdadeiras sobre Maria?
 - a) Ela era uma mulher perfeita, sem pecado
 - b) Ela era uma mulher comum
 - c) Ela engravidou de Jesus pelo Espírito Santo
 - d) Agora ela oferece nossas orações para Jesus

4. Jesus criou a terra?
 - a) Sim
 - b) Não

8:1 A Natureza de Jesus: Introdução

Uma das maiores tragédias do pensamento cristão deve ser que o Senhor Jesus Cristo não recebeu respeito e exaltação, que eram devidos a ele por causa da sua vitória sobre o pecado, através do desenvolvimento de um caráter perfeito. A doutrina amplamente sustentada da "trindade" faz de Jesus o próprio Deus. Visto que Deus não pode ser tentado (Tiago 1:13) e não tem possibilidade de pecar, isto significa que Cristo realmente não teve que lutar contra o pecado. Assim, sua vida na terra teria sido uma simulação, experimentando a existência humana, mas sem um sentimento real do dilema espiritual e físico da raça humana, visto que pessoalmente ele não seria afetado por isto.

No outro extremo, grupos como os Mórmons e Testemunhas de Jeová falham em considerar adequadamente a maravilha de Cristo ser o único

Filho de Deus. Como tal, ele não poderia ser um anjo ou um filho natural de José. Há quem tenha sugerido que durante a sua vida, a natureza de Cristo foi como a de Adão antes da queda. À parte da falta de evidência bíblica para esta visão, ela falha em considerar que Adão foi criado por Deus do pó, enquanto Jesus foi "criado" através da *geração* de Deus no útero de Maria. Assim, embora Jesus não tivesse um pai humano, ele foi concebido e nasceu como nós em relação a tudo o mais. Muitas pessoas não podem aceitar que um homem com a nossa natureza pecadora pudesse ter um caráter perfeito. Este fato é um obstáculo à real fé em Cristo.

Não é fácil acreditar que Jesus era da nossa natureza, mas não tinha pecado no seu caráter e *sempre* venceu suas tentações. Para chegar a um entendimento e fé firmes no Cristo verdadeiro é preciso muita reflexão sobre os relatos do Evangelho acerca da sua vida perfeita, associada a muitas passagens bíblicas que negam que ele era Deus. É muito mais fácil supor que ele era o próprio Deus, e por isso, automaticamente perfeito, embora esta visão reduza a grandeza da vitória que Jesus conquistou contra o pecado e a natureza humana.

Ele tinha natureza humana, ele compartilhou cada uma das nossas tendências pecaminosas (Hb. 4:15), no entanto, ele as venceu pela sua obediência aos caminhos de Deus e busca da Sua ajuda para vencer o pecado. Isto Deus deu de boa-vontade, ao ponto de "Deus estar em Cristo, reconciliando consigo o mundo" através do seu próprio Filho (2 Co. 5:19).

8.2 Diferenças Entre Deus e Jesus

Um cuidadoso equilíbrio deve ser estabelecido entre aquelas passagens que enfatizam o grau em que "Deus estava em Cristo", e aquelas que enfatizam sua humanidade. O último grupo de passagens tornam impossível justificar biblicamente a idéia de Jesus como o próprio Deus, "o Deus supremo", como erroneamente declara a doutrina da trindade. (A frase "o Deus supremo" foi usada no Conselho de Nicéia em 325 D.C., onde foi promulgada pela primeira vez a idéia de Deus como "trindade"; ela era desconhecida aos cristãos primitivos.) A palavra "trindade" nunca ocorre na Bíblia. Mais adiante, o Estudo 9 vai investigar sobre a vitória total de Cristo sobre o pecado e a parte de Deus nisso. Enquanto começamos estes estudos, vamos lembrar que a salvação depende de um entendimento correto do Jesus Cristo real (João 3:36; 6:53; 17:3). Uma vez que chegemos a

este entendimento verdadeiro da sua conquista sobre o pecado e a morte, podemos ser batizados nele para compartilhar da sua salvação.

Um dos resumos mais claros sobre a relação entre Deus e Jesus encontra-se em 1 Tm. 2:5: "Há **um só** Deus, e um só **mediador** entre Deus e os homens, Cristo Jesus, **homem**". Uma reflexão das palavras em negrito leva às seguintes conclusões:

- Havendo somente *um* Deus, é impossível que Jesus possa ser Deus; se o Pai é Deus e Jesus também é Deus, então há dois Deuses. "Para nós há um só Deus, o Pai" (1 Co. 8:6). "Deus, o Pai" é, assim, o único Deus. Logo, é impossível que possa haver um ser separado chamado "Filho de Deus", como declara a falsa doutrina da trindade. Da mesma forma o Velho Testamento retrata Yahweh, o único Deus, como o Pai (por exemplo, Is. 63:16; 64:8).
- Além deste único Deus, existe o mediador, o homem Cristo Jesus - "...e um mediador...". Aquela palavra "e" indica uma diferença entre Cristo e Deus.
- Sendo Cristo o "mediador" significa que ele é um intermediário. Um mediador entre o homem pecador e Deus sem pecado não pode ser o próprio Deus sem pecado; tem que ser um homem sem pecado, de natureza humana pecadora. "Jesus Cristo, homem" não nos deixa dúvida quanto a certeza desta explicação. Embora ele escrevesse depois da ascensão de Jesus, Paulo não fala de "Jesus Cristo, Deus".

Muitas vezes somos lembrados que "Deus não é homem" (Nm. 23:19; Os. 11:9); embora Cristo fosse claramente "o filho do homem", como freqüentemente ele é chamado no Novo Testamento, "o Jesus Cristo, homem". Ele era "o Filho do Altíssimo" (Lucas 1:32). Sendo Deus "O Altíssimo" isto indica que somente Ele tem grandeza final; sendo Jesus "o Filho do Altíssimo" mostra que ele não pode ser o próprio Deus em pessoa. A linguagem peculiar de Pai e Filho, que é usada sobre Deus e Jesus, torna óbvio que eles não São o mesmo. Enquanto um filho pode ter certas semelhanças com seu pai, ele não pode ser um e a mesma pessoa, nem ser tão idoso quanto seu pai.

De acordo com esta linha de pensamento, existem várias diferenças óbvias entre Deus e Jesus, que mostram claramente que Jesus não era o próprio Deus:

DEUS

JESUS

"Deus não pode ser tentado"(Tiago 1:13).	Cristo "em tudo foi tentado" (Hb. 4:15) como nós somos.
Deus não pode morrer. Ele é imortal por natureza (Sl. 90:2; 1 Tm. 6:16).	Cristo morreu por três dias (Mt. 12:40; 16:21)
Deus não pode ser visto pelo homem (1 Tm. 6:16; Ex. 33:20).	Homens viram Jesus e o tocaram (1 João 1:1 enfatiza isto).

Quando somos tentados, somos forçados a escolher entre o pecado e a obediência a Deus. Frequentemente escolhemos desobedecer a Deus; Cristo teve as mesmas escolhas, mas sempre preferiu ser obediente. Por isso Ele teve a possibilidade de pecar, embora, de fato, ele nunca o tivesse feito. É impensável que Deus tenha qualquer possibilidade de pecar. Nós mostramos que a semente de Davi prometida em 2 Sm. 7:12-16 era definitivamente Cristo. O verso 14 fala da possibilidade de Cristo pecar: "Se vier a fazer o que é errado, castigá-lo-ei."

8:3 A Natureza de Jesus

A palavra "natureza" refere-se àquilo que nós somos natural e fundamentalmente. No Estudo 1 mostramos que a Bíblia fala somente de duas naturezas - a de Deus e a do homem. Por natureza Deus não pode morrer, ser tentado, etc. É evidente que Cristo não tinha natureza de Deus durante a sua vida. Logo, ele era de natureza totalmente humana. Pela nossa definição de "natureza" deve estar claro que Cristo não poderia ter, simultaneamente, duas naturezas. Era vital que Cristo fosse tentado como nós (Hb. 4:15), para que através da sua perfeita vitória sobre a tentação, ele pudesse alcançar o perdão para nós. Os desejos errados que são a base das nossas tentações vêm de dentro de nós (Marcos 7:15-23), de dentro da natureza humana (Tiago 1:13-15). Logo, era necessário que Cristo tivesse uma natureza humana tal que ele pudesse experimentar e vencer estas tentações.

Hebreus 2:14-18 coloca tudo isto nas seguintes palavras:

"Visto que os filhos (nós) participam da carne e do sangue (natureza humana), também ele (Cristo) participou (i.e. "tomou parte", cf. a versão inglesa *Revised Standard Version*) das mesmas coisas (natureza); para que pela morte aniquilasse...o diabo...Pois na verdade ele não socorre a anjos; mas sim à descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante a seus irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote... a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados".

Esta passagem coloca extraordinária ênfase sobre o fato de que Jesus tinha natureza humana: "Ele *também das mesmas coisas*" tomou parte (Hb. 2:14). Esta frase usa três palavras, todas com o mesmo significado, apenas para esclarecer a idéia. Ele tomou parte "da *mesma*" natureza; o relato poderia ter dito "ele também tomou parte DELA", mas enfatiza: "ele tomou parte da *mesma*". Da mesma forma, Hb. 2:16 esclarece o fato que Cristo não tinha a natureza dos anjos, visto que ele era a semente de Abraão, que veio para trazer salvação à multidão de crentes que se tornariam semente de Abraão. Por causa disto era necessário que Cristo tivesse uma natureza humana. Em *tudo* ele devia "ser semelhante a seus irmãos" (Hb. 2:17) para que Deus pudesse nos assegurar perdão através do sacrifício de Cristo. Logo, dizer que Jesus não era totalmente de natureza humana, é ignorar os próprios princípios das boas-novas de Cristo.

Quando crentes batizados pecam, eles podem se chegar a Deus através de Cristo, confessar seus pecados em oração (1 João 1:9); Deus sabe que Cristo foi tentado a pecar exatamente como eles foram, mas que ele era perfeito, vencendo a mesma tentação em que eles caíram. Por causa disto, "Deus, em Cristo" pode nos perdoar (Ef. 4:32). Assim, é vital considerar como Cristo foi tentado exatamente como nós, e precisava ter a nossa natureza para que isto fosse possível. Hb. 2:14 declara claramente que Cristo tinha natureza de "carne e sangue" para que isto pudesse acontecer. "Deus é espírito" (João 4:24) por natureza e, embora Ele tenha um corpo material, como "Espírito" Ele não tem carne e sangue. Para Cristo ter uma natureza de "carne" significa que, de modo algum, ele tinha a natureza de Deus durante o tempo da sua vida.

Todas as tentativas anteriores dos homens para guardar a palavra de Deus, i.e. vencer totalmente a tentação, falharam. Por isso "Deus enviando seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa, e por um sacrifício pelo pecado, condenou o pecado na carne" (Rm. 8:3, cf. a versão inglesa *Authorized Version*).

"Pecado" refere-se à propensão natural para pecar que nós temos por natureza. Nós já demos lugar a isto, e continuamos a fazê-lo, e "o salário do pecado é a morte". Para sair deste apuro, o homem precisa de ajuda externa. Por si mesmo ele parece incapaz de alcançar a perfeição; não esteve e não está na carne o redimir a carne. Assim Deus interveio e nos deu Seu próprio Filho, que tinha a nossa "carne pecaminosa", com toda a tendência ao pecado que nós temos. Diferentemente de qualquer outro homem, Cristo venceu toda a tentação, embora ele tivesse a possibilidade de falhar e pecar da mesma forma que nós. Rm. 8:3 descreve a natureza humana como "carne do pecado". Alguns versos antes, Paulo fala de como na carne "não habita bem algum", e como a carne naturalmente milita contra a obediência a Deus (Rm. 7:18-23). Neste contexto é ainda mais maravilhoso ler que Cristo tinha "carne do pecado" em Rm. 8:3. Foi por causa disto, e da sua vitória sobre aquela carne, que temos uma forma de escapar da nossa carne; Jesus era profundamente consciente da pecaminosidade da sua própria natureza. Uma vez ele foi chamado de "Bom mestre", querendo dizer que ele era "bom" e perfeito por natureza. Ele respondeu: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um só, que é Deus" (Marcos 10:17, 18). Em outra ocasião, os homens começaram a dar testemunho da grandeza de Cristo devido a uma série de espantosos milagres que ele realizou. Jesus não tirou proveito disto, "porque ele sabia tudo e não precisava de que alguém lhe testificasse do homem: pois ele sabia o que estava no homem" (João 2:23-25, texto grego). Por causa do seu grande conhecimento da natureza humana ("ele sabia *tudo*" sobre isto), Cristo não queria que os homens o louvassem pessoalmente com reconhecimento, visto que ele sabia quão má era a própria natureza humana.

8.4 A Humanidade de Jesus

Os relatos dos Evangelhos dão muitos exemplos de como Jesus tinha uma natureza completamente humana. Está registrado que ele ficou cansado, teve que sentar e beber de um poço (João 4:6). "Jesus chorou" na morte de Lázaro (João 11:35). Acima de tudo, o registro dos seus últimos sofrimentos deveria ser prova suficiente da sua humanidade: "Agora o meu

coração está angustiado", ele admitiu enquanto orava a Deus para salvá-lo de ter que enfrentar a morte na cruz (João 12:27). Ele "orou dizendo: (sobre o sofrimento e a morte) passe de mim; não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt. 26:39). Isto indica que, em algumas formas, a "vontade" ou desejos de Cristo eram diferentes dos de Deus.

Durante toda a vida Cristo submeteu a sua vontade à de Deus em preparação para a sua prova final na cruz: "Eu não posso fazer nada de mim mesmo; como ouço, assim julgo, e o meu juízo é justo, pois não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou" (João 5:30). Esta diferença entre a vontade de Cristo e a de Deus é prova suficiente de que Jesus não era Deus.

Com as provas que experimentamos na vida, ao longo da nossa existência, esperamos crescer no conhecimento de Deus. Jesus foi nosso grande exemplo nisso. Ele não tinha conhecimento completo de Deus, brilhando mais nele do que em nós. Desde a infância "Jesus crescia em sabedoria, em estatura (i.e. maturidade espiritual, cf. Ef. 4:13), e em graça para com Deus e os homens" (Lucas 2:52). "O menino cresceu, e se fortalecia... (tornou-se) forte em espírito" (Lucas 2:40). Estes dois versos retratam o crescimento físico de Cristo como sendo paralelo ao seu desenvolvimento espiritual; o processo de crescimento nele ocorreu tanto natural como espiritualmente. Se "O Filho é Deus", como o Credo de Atanásio declara com respeito à "trindade", isto não seria possível. Mesmo no fim da sua vida, Cristo admitiu que ele não sabia a hora exata da sua segunda vinda, embora o Pai soubesse (Marcos 13:32).

A obediência à vontade de Deus é algo que todos nós temos que aprender durante um período. Cristo também teve que enfrentar este processo de aprendizado da obediência ao seu Pai, como qualquer filho faz. "Embora sendo Filho, aprendeu a obediência (i.e. obediência a Deus) por meio daquilo que sofreu; e tendo sido ele *aperfeiçoado* (i.e. espiritualmente amadurecido), veio a ser o autor da eterna salvação" como resultado do seu total e completo crescimento espiritual (Hb. 5:8,9). Fl. 2:7,8 (comentado posteriormente na Digressão 27) relata este mesmo processo de crescimento espiritual em Jesus, culminando na sua morte sobre a cruz. Ele "*a si mesmo se esvaziou, tomando a forma (conduta) de servo...humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até...a morte de cruz.*" A linguagem usada aqui ilustra como Jesus, de forma consciente, avançou rapidamente no seu desenvolvimento espiritual, tornando-se mais e mais humilde, tanto que, finalmente, ele "*tornou-se obediente*" ao desejo de Deus de que ele morresse

sobre a cruz. Assim ele foi "*aperfeiçoado*" ao responder corretamente ao seu sofrimento.

Disto é evidente que Jesus teve que fazer um esforço consciente e pessoal para ser justo; de modo algum ele foi forçado a ser assim por Deus, o que teria resultado no fato dele ser apenas um fantoche. Jesus verdadeiramente nos amou, e deu a sua vida na cruz por este motivo. A constante ênfase sobre o amor de Cristo por nós seria sem valor, se Deus o forçasse a morrer sobre a cruz (Ef. 5:2,25; Ap. 1:5; Gl. 2:20). Se Jesus era Deus, então ele não teria tido opção, exceto ser perfeito e então, morrer na cruz. O fato de que Jesus *teve* estas opções, nos capacita a valorizar o seu amor e estabelecer um relacionamento pessoal com ele.

Foi por causa da disposição de Cristo dar a sua vida voluntariamente, que Deus teve tanto prazer nele: "Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida...Ninguém a tira de mim, mas eu espontaneamente a dou" (João 10:17, 18). Se Jesus era Deus, é difícil de entender que Deus se agradasse tanto com o seu desejo de obedecer, experimentando uma forma humana como um tipo de associação política com o homem pecador (Mt. 3:17; 12:18; 17:5). Este relato do deleite do Pai na obediência do Filho, é prova suficiente que Cristo tinha a possibilidade de desobedecer, mas conscientemente escolheu ser obediente.

A NECESSIDADE DE SALVAÇÃO DE CRISTO

Por causa da sua natureza humana, Jesus experimentou pequenas enfermidades, cansaço, etc. da mesma forma como nós. Depreende-se disto que, se ele não tivesse morrido na cruz, teria morrido de alguma outra forma, por exemplo, de idade avançada. Em vista disso, Jesus precisava ser salvo da morte por Deus. Reconhecendo isto intensamente, Jesus "ofereceu orações e súplicas...com grande clamor e lágrimas...ao que o podia (Deus) livrar da morte, e foi ouvido por causa da sua piedade" (Hb. 5:7). O fato de que Cristo teve que suplicar a Deus para salvá-lo da morte elimina qualquer possibilidade de ele e Deus serem uma pessoa. Depois da ressurreição de Cristo, a morte "*não tinha mais* domínio sobre ele" (Rm. 6:9), implicando que anteriormente havia esse domínio.

Muitos dos Salmos são proféticos sobre Jesus; quando no Novo Testamento alguns versos de um Salmo são citados sobre Cristo, é razoável presumir que outros versos do Salmo também são sobre ele. Em várias ocasiões é enfatizada a necessidade de salvação de Cristo por Deus:

- **Sl. 91:11,12** é citado acerca de Jesus em Mt. 4:6. Sl. 91:16 profetiza como Deus daria salvação a Jesus: "dar-lhe-ei abundância de dias (i.e. vida eterna), e lhe mostrarei a minha salvação." Sl. 69:21 refere-se à crucificação de Cristo (Mt. 27:34); todo o salmo descreve os pensamentos de Cristo na cruz: "Livra-me, ó Deus...aproxima-te da minha alma, e resgata-a...proteja-me, ó Deus, a tua salvação" (vv. 1,18,29).

- **Sl. 89** é um comentário sobre a promessa de Deus a Davi com respeito a Cristo. Quanto a Jesus, o Sl. 89:26 profetiza: "Ele me invocará (a Deus) dizendo: Tu és meu pai, meu Deus, a rocha da minha *salvação*."

As orações que Cristo fez a Deus por salvação foram ouvidas; ele foi ouvido por causa da sua espiritualidade pessoal, não por causa de um lugar na "trindade" (Hb. 5:7). Um grande tema do Novo Testamento é que *Deus* ressuscitou a Jesus, glorificando-o com a imortalidade:

- "*Deus...ressuscitou a Jesus...Deus*, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador" (Atos 5:30,31).

- "*Deus...glorificou a seu filho Jesus...ao qual Deus ressuscitou dos mortos*" (Atos 3:13,15).

- "*Deus ressuscitou a este Jesus*" (Atos 2:24,32,33).

- O próprio Jesus reconheceu tudo isto quando ele pediu a *Deus* para glorificá-lo (João 17:5 cf. 13:32; 8:54).

Se Jesus era o próprio Deus, então toda esta ênfase estaria fora de lugar, visto que o próprio Deus não pode morrer. Jesus não precisaria de salvação se ele fosse Deus. A superioridade de Deus sobre ele é demonstrada no fato de que Deus exaltou Jesus e na separação entre Deus e Jesus. De modo algum Cristo poderia ter sido "o próprio e eterno Deus (com) duas...naturezas...Deidade e humanidade", como declara o primeiro dos 39 Artigos da Igreja da Inglaterra. Pelo próprio significado da palavra, um ser pode ter apenas uma natureza. Nós sugerimos que a evidência de que Cristo tinha natureza humana é esmagadora.

8.5 O Relacionamento de Deus com Jesus

A consideração de como Deus ressuscitou Jesus leva-nos a pensar sobre o relacionamento entre Deus e Jesus. Se eles são "co-iguais...co-eternos", como declara a doutrina da trindade, então nós esperaríamos que a sua relação fosse de igual para igual. Já vimos ampla evidência de que este não é o caso. A relação entre Deus e Cristo é semelhante àquele que existe entre marido e esposa: "Cristo é o cabeça de todo o homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo" (1 Co. 11:3). Como o marido é o cabeça da esposa, assim Deus é o cabeça de Cristo, embora eles tenham a mesma unidade de propósito que deveria existir entre marido e esposa. Assim, "Cristo é de Deus" (1 Co. 3:23), como a esposa pertence ao marido.

Deus, o Pai, é freqüentemente declarado como sendo o Deus de Cristo. O fato de que Deus é descrito como "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Pe. 1:3; Ef. 1:17), mesmo depois da ascensão de Cristo aos céus, mostra que *agora* este é o seu relacionamento, como foi durante a vida mortal de Cristo. Algumas vezes os trinitarianos discutem que se fala de Cristo como sendo menos do que Deus apenas na sua vida na terra. As cartas do Novo Testamento foram escritas alguns anos depois que Cristo ascendeu aos céus, entretanto, ainda se fala de Deus como o Deus e Pai de Cristo. Jesus ainda trata o Pai como seu Deus.

Apocalipse, o último livro do Novo Testamento, foi escrito pelo menos 30 anos depois da glorificação e ascensão de Cristo, e ainda fala de Deus como "seu (de Cristo) Deus e Pai" (Ap. 1:6). Neste livro, o Cristo ressurreto e glorificado transmitiu mensagens para os crentes. Ele fala do "templo do meu Deus...o nome do meu Deus...a cidade do meu Deus" (Ap. 3:12). Isto prova que Jesus, mesmo agora, pensa no Pai como seu Deus - e por isso ele (Jesus) não é Deus.

Durante sua vida mortal, Jesus relacionou-se com seu Pai de um modo similar. Ele falou da ascensão "ao meu Pai, e vosso Pai; meu Deus, e vosso Deus" (João 20:17). Sobre a cruz, Jesus demonstrou plenamente sua humanidade: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt. 27:46). Tais palavras são impossíveis de entender se ditas pelo próprio Deus. O próprio fato de que Jesus orou a Deus "com grande clamor e lágrimas" por si mesmo, indica a verdadeira natureza do seu relacionamento (Hb. 5:7; Lucas 6:12). Evidentemente Deus não pode

orar a si mesmo. Mesmo agora, Cristo ora a Deus por nós (Rm. 8:26,27 cf. 2 Cor. 3:18).

Aqui demonstramos que o relacionamento de Cristo com Deus durante sua vida mortal não era fundamentalmente diferente do que é agora. Cristo se relacionou com Deus como seu Pai e seu Deus, e orou a Ele; a mesma posição obtém agora, após a ressurreição e ascensão de Cristo. Durante a sua vida na terra, Cristo era o servo de Deus (Atos 3:13, 26 cf. a versão inglesa *New International Version*; Is. 42:1; 53:11). Um servo faz a vontade do seu senhor, e de modo algum é igual ao seu mestre (João 13:16). Cristo enfatiza que qualquer poder e autoridade que ele tinha eram de Deus, em vez do seu próprio direito: "Eu não posso fazer nada de mim mesmo...eu busco...a vontade do Pai que me enviou...o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma" (João 5:30,19).

ESTUDO 8: Perguntas

1. A Bíblia ensina que Deus é uma trindade?
 - a) Sim
 - b) Não

2. Em qual das seguintes maneiras Jesus era diferente de nós?
 - a) Ele nunca pecou
 - b) Ele era o próprio filho unigênito de Deus
 - c) Ele nunca poderia ter pecado
 - d) Ele foi forçado por Deus a ser justo

3. Em qual das seguintes maneiras Jesus era semelhante a Deus?
 - a) Ele tinha a natureza de Deus na sua vida sobre a terra
 - b) Ele tinha um caráter perfeito como Deus
 - c) Ele sabia tanto quanto Deus
 - d) Ele era diretamente igual a Deus

4. Em quais das seguintes maneiras Jesus era semelhante a nós?
 - a) Ele teve todas as nossas tentações e experiências humanas
 - b) Ele pecou enquanto era criança
 - c) Ele precisava de salvação
 - d) Ele tinha natureza humana

5. Quais das seguintes declarações é verdadeira?
 - a) Jesus tinha uma natureza perfeita e um caráter perfeito
 - b) Jesus tinha natureza pecaminosa mas caráter perfeito
 - c) Jesus era as duas coisas: verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem
 - d) Jesus tinha a natureza de Adão antes de pecar

9.1 A Importância Vital Do Batismo

Várias vezes em Estudos anteriores mencionamos a importância vital do batismo; é o primeiro passo de obediência à mensagem do Evangelho. Hb. 6:2 fala do batismo como uma das doutrinas mais básicas. Nós deixamos sua consideração até este estágio avançado do estudo porque o verdadeiro batismo só pode ocorrer depois de um entendimento correto das

verdades básicas que compreendem o Evangelho. Agora que completamos o nosso estudo dessas verdades; se você quer verdadeiramente se associar à grande esperança que a Bíblia oferece através de Jesus Cristo, então o batismo é uma necessidade absoluta.

"A salvação vem dos judeus" (João 4:22) no sentido de que as promessas com respeito a salvação foram feitas somente a Abraão e à sua semente. Estas promessas só podem ser feitas a nós se nos tornarmos *na* Semente, sendo batizados *em* Cristo (Gl. 3:22-29).

Por isso Jesus ordenou claramente aos seus seguidores: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho (que está contido nas promessas a Abraão - Gl. 3:8) a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo" (Marcos 16:16). Uma reflexão sobre esta palavra "e" revela que apenas a crença no Evangelho não pode nos salvar; o batismo não é apenas uma opção extra na vida cristã, é um pré-requisito vital para a salvação. Isto não quer dizer que apenas o ato do batismo vai nos salvar; ele deve ser seguido por toda uma vida de contínua obediência à Palavra de Deus. Jesus enfatizou isto: "Em verdade, em verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (João 3:5).

Este nascimento "da (do grego "saído da") água" refere-se a uma pessoa vindo para fora das águas do batismo; depois disto, ele deve nascer de novo do espírito. Este é um processo contínuo: "Tendo sido regenerados...pela palavra de Deus" (1 Pedro 1:23). Assim, é através da nossa resposta contínua ao Espírito da palavra que nos tornamos nascidos do espírito (ver Estudo 2.2).

Somos "batizados *em* Cristo" (Gl. 3:27), *no* seu nome (Atos 19:5; 8:16; Mt. 28:19). Observe que nós somos batizados *em* Cristo - não nos cristadelfios ou qualquer organização humana. Sem o batismo nós não estamos "em Cristo", e por isso não estamos cobertos pela sua obra salvadora (Atos 4:12). Pedro tece um poderosa parábola em torno deste fato: ele compara a raça do tempo de Noé com Cristo, mostrando que, como a arca salvou Noé e sua família do juízo que veio sobre os pecadores, também o batismo em Cristo vai salvar os crentes da morte eterna (1 Pedro 3:21). A entrada de Noé na arca é comparada à nossa entrada em Cristo através do batismo. Todos aqueles fora da arca foram destruídos pelo dilúvio; era irrelevante ficar perto da arca ou ser amigo de Noé. A única forma de salvação é, e foi, estar dentro de Cristo/arca. É evidente que a segunda vinda, a qual é tipificada pelo dilúvio (Lucas 17:26, 27), está próxima. Por

isso é da máxima urgência entrar em Cristo/arca pelo batismo. Realmente as palavras humanas falham para expressar este sentido de urgência; a tipologia bíblica de entrar na arca nos tempos de Noé é mais poderosa.

Os primeiros cristãos obedeceram à ordem de Cristo para viajar por todo o mundo pregando o Evangelho e batizando; o livro de Atos registra isto. A forma enfática deste registro, como as pessoas foram *imediatamente* batizadas depois de aceitar o Evangelho, é uma prova da importância vital do batismo (por exemplo Atos 8:12, 36-39; 9:18; 10:47; 16:15). Este destaque é compreensível uma vez que se considere que sem o batismo nosso aprendizado do Evangelho é vão; o batismo é um estágio essencial e necessário para se passar pela estrada da salvação. Em alguns casos o relato inspirado parece salientar como, apesar de muitas razões humanas para adiar o batismo, e muitas dificuldades para realizar o ato, é tão importante que as pessoas façam todo o esforço para vencer isto, com a ajuda de Deus.

O carcereiro em Filipos foi subitamente mergulhado na maior crise da sua vida, por um massivo terremoto, que destruiu completamente sua elevada e segura prisão. Os prisioneiros tinham toda a oportunidade de escapar - algo que teria custado a sua própria vida. Então a sua fé no Evangelho se tornou real, tanto que "naquela mesma hora da noite (ele) foi batizado...logo" (Atos 16:33). Se alguém tinha desculpa para adiar o batismo, era ele. O pior terremoto da Grécia em 3.000 anos, uma horda de prisioneiros maníacos a ponto de encenar a mais dramática abertura de presídio da história, e a ameaça de execução por negligência de tarefa pairando sobre sua cabeça, entretanto, ele viu claramente qual era o ato mais importante para ser feito em toda a sua vida e destino eterno. Assim, ele superou os problemas imediatos do mundo ao seu redor (i.e. o terremoto), as pressões diárias do seu emprego e o intenso trauma nervoso em que ele se encontrava - para ser batizado. Muitos candidatos hesitantes ao batismo podem receber verdadeira inspiração daquele homem. O fato dele poder fazer tal ato de fé é prova suficiente de que ele já tinha um conhecimento detalhado do Evangelho, visto que tal fé verdadeira somente é resultado de se ouvir a Palavra de Deus (Rm. 10:17 cf. Atos 17:11).

Atos 8:26-40 relata como um oficial etíope estava estudando sua Bíblia, enquanto andava em uma carruagem através do deserto. Ele encontra Filipe, que lhe explica extensamente o Evangelho, incluindo o requisito do batismo. Humanamente falando, parecia impossível obedecer à ordem de ser batizado naquele deserto sem água. Entretanto, Deus não daria uma

ordem que ele soubesse que as pessoas não podiam obedecer. "Indo eles caminhando, chegaram a um lugar onde havia água", i.e. um oásis, onde o batismo era possível (Atos 8:36). Este incidente responde à sugestão sem fundamento de que o batismo por imersão somente poderia ser feito em áreas onde havia muita água de fácil acesso. Deus sempre vai prover um modo realista para se obedecer às suas ordens.

O apóstolo Paulo recebeu uma visão dramática de Cristo que importunou tanto sua consciência que, assim que pode, ele "imediatamente...levantou-se, foi batizado" (Atos 9:18). Mais uma vez, deve ter sido uma tentação adiar o batismo, pensando sobre a sua proeminente posição social e audaciosa carreira traçada para ele no judaísmo. Mas esta estrela ascendente do mundo judeu tomou a decisão correta e imediata de ser batizado e renunciou abertamente ao seu estilo de vida anterior. Mais tarde ele pensou sobre a sua escolha de ser batizado: "Mas o que para mim era lucro, considerei-o perda por causa de Cristo...tenho por perda todas as coisas (i.e. as coisas que anteriormente ele via como "ganho"), e as considero como refugio, para que possa ganhar a Cristo...esquecendo-me das coisas que para trás ficam (as "coisas" da sua vida anterior como judeu), e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo" (Fl. 3:7, 8, 13, 14).

Esta é a linguagem de um atleta esforçando-se adiante para romper a linha de chegada. Tal concentração de esforço físico e mental deveria caracterizar nossas vidas depois do batismo. Deve se entender que o batismo é o começo de uma corrida em direção ao Reino de Deus; não é apenas questão de ter mudado de igreja e de crenças, nem é uma entrada passiva em uma vida cômoda e de fácil cumprimento a alguns vagos princípios cristãos. De modo contínuo o batismo nos associa à crucificação e ressurreição de Jesus (Rm. 6:3-5) - ocasiões plenas do maior dinamismo que possa existir.

Como um homem cansado e idoso, mas espiritualmente triunfante, Paulo podia se lembrar: "Não fui desobediente à visão celestial" (Atos 26:19). Assim como isto foi verdadeiro para Paulo, também é para todos que foram adequadamente batizados: o batismo é uma decisão da qual ninguém jamais vai se arrepender. Por toda a nossa vida saberemos que fizemos a escolha correta. De poucas decisões humanas podemos ter a mesma certeza. A pergunta tem que ser respondida seriamente: "Por que eu não devo ser batizado?"

9.2 Como Nós Devemos Ser Batizados?

Existe uma visão amplamente sustentada de que o batismo pode ser feito, especialmente para bebês, pela aspersão de água nas suas testas (i.e. "cerimônia de batismo"). Isto está em marcante contraste com o requisito bíblico de batismo.

A palavra grega "baptizo", que é traduzida como "batizar" na Bíblia em português, *não* significa aspergir; ela significa lavar completamente e imergir em um líquido (de acordo com as definições nas concordâncias inglesas de Robert Young e James Strong). Esta palavra é usada no grego clássico a respeito dos navios afundando e sendo "batizados" (i.e. submersos) em água. Ela também é usada com referência a um pedaço de pano sendo tingido de uma cor em outra pelo "batismo", ou mergulhar em uma tintura. Para mudar a cor do tecido, é evidente que ele tem que ser totalmente imerso dentro do líquido, em vez de ter a tintura respingada sobre ele. Os seguintes versos demonstram que a imersão é, de fato, a forma correta de batismo:

- "João também estava batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas, e para lá concorria o povo, para ser batizado" (João 3:23). Isto mostra que "muita água" era necessária para o batismo; se ele fosse feito pela aspersão de algumas gotas de água, então, apenas um balde de água seria suficiente para centenas de pessoas. As pessoas vieram a este lugar às margens do rio Jordão para batismo, em vez de João passar entre eles com uma garrafa de água.
- Jesus, também, foi batizado por João no rio Jordão: "Jesus, foi batizado...saiu logo da água" (Mt. 3:13-16). O seu batismo foi claramente por imersão - ele "*saiu* da água" depois do batismo. Uma das razões porque Jesus foi batizado foi para dar o exemplo, para que ninguém possa dizer seriamente que segue a Jesus sem copiar seu exemplo do batismo por imersão.
- De modo semelhante com Filipe e o oficial etíope: "desceram ambos à água...e o batizou. Quando *sairam* da água..." (Atos 8:38, 39). Lembre que o oficial pediu o batismo quando ele viu o oásis: "Vê, aqui há água. O que impede que eu seja batizado?" (Atos 8:36). É quase certo que o homem não faria uma viagem pelo deserto sem ter água com ele, por exemplo, uma garrafa de

água. Se o batismo fosse por aspersão, então ele poderia ser feito sem a necessidade do oásis.

- O batismo é um enterro (Cl. 2:12), o que implica em uma cobertura total.

- O batismo é chamado uma "lavagem" dos pecados (Atos 22:16). O ponto da verdadeira conversão é comparado a uma "lavagem" em Ap. 1:5; Tito 3:5; 2 Pedro 2:22; Hb. 10:22 etc. Esta linguagem da lavagem é muito mais relevante ao batismo por imersão do que por aspersão.

Existem muitas indicações no Velho Testamento de que a aproximação aceitável a Deus era feita através de alguma forma de lavagem.

Os sacerdotes tinham que se lavar completamente em uma banheira chamada de "pia", antes que eles se aproximassem de Deus para o culto (Lv. 8:6; Ex. 40:32). Os israelitas tinham que se lavar para estarem limpos de certas impurezas (por exemplo, em Dt. 23:11), que eram representativas do pecado.

Um homem chamado Naamã era um gentio leproso que procurou a cura no Deus de Israel. Como tal, ele representa um homem atingido pelo pecado, efetivamente enfrentando a morte em vida por causa do pecado. A sua cura aconteceu pela imersão no rio Jordão. Inicialmente ele achou difícil aceitar este simples ato, pensando que Deus poderia requerer que ele fizesse algo mais dramático, ou mergulhar em um rio maior e famoso, como por exemplo o Abana. Semelhantemente, podemos achar difícil acreditar que um ato tão simples possa operar a nossa salvação. É mais atraente pensar que as nossas próprias obras e associação pública com uma igreja grande e bem conhecida (a exemplo do rio Abana) possam nos servir, em vez deste simples ato de associação com a verdadeira esperança de Israel. Depois de mergulhar no Jordão, "a sua carne (de Naamã) foi restaurada, e se tornou como a carne de um menino, e ficou purificado" (2 Reis 5:9-14).

Agora deve haver pouco espaço para dúvida de que "batismo" refere-se ao completo mergulhar em água, depois do primeiro entendimento da mensagem básica do Evangelho. A definição de batismo baseada na Bíblia não faz qualquer referência ao status da pessoa que realiza fisicamente o batismo. Sendo batismo uma imersão na água depois da crença no Evangelho, teoricamente é possível batizar a si mesmo. Entretanto, como

o batismo só é batismo por causa das corretas doutrinas que alguém sustenta na hora da imersão, definitivamente é aconselhável ser batizado por outro crente nas verdadeiras doutrinas, o qual pode, antes de tudo, avaliar o grau de conhecimento de uma pessoa antes de imergi-la de fato.

Por isso existe uma tradição entre os cristadelfios de ter uma profunda discussão com qualquer candidato ao batismo antes da verdadeira imersão. Uma lista de perguntas, tal como aquelas encontradas ao fim de cada Estudo neste livro, poderia ser a base desta conversa . Os cristadelfios viajam milhares de quilômetros para ajudar apenas uma pessoa a ser batizada; tal é a maravilha de que uma pessoa chegue a ter a verdadeira esperança da vida eterna que, basicamente, nós não estamos preocupados com o número de convertidos. Qualidade em vez de quantidade é a nota chave da nossa abordagem.

9.3 O Significado Do Batismo

Uma das razões para o batismo por imersão é que submergir na água simboliza o nosso sepultamento - associa-nos com a morte de Cristo, e mostra a nossa "morte" à nossa vida anterior de pecado e ignorância. Sair da água nos conecta com a ressurreição de Cristo, relacionando-nos à esperança da ressurreição para a vida eterna na sua volta, bem como ao viver de uma nova vida agora, espiritualmente triunfante sobre o pecado, por causa da vitória de Cristo alcançada pela sua morte e ressurreição.

"Todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte. De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo ressurgiu dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também (i.e. vivamos dia a dia) em novidade de vida. Se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte (pelo batismo), também o seremos na da sua ressurreição" (Rm. 6:3-5).

Como a salvação só foi possível através da morte e ressurreição de Cristo, é vital que, se formos salvos, partilhemos destas coisas. A morte e ressurreição simbólicas com Cristo, que são dadas pelo batismo, é a única forma de fazer isto. Deve ser observado que a aspensão não preenche este simbolismo. No batismo, "nosso velho homem (modo de vida) está crucificado" junto com Cristo sobre a cruz (Rm. 6:6); Deus "nos vivificou juntamente com Cristo" no batismo (Ef. 2:5). Contudo, ainda temos a

natureza humana depois do batismo, e por isso o modo carnal de viver vai continuar a levantar a sua cabeça. A "crucificação" da nossa carne é, deste modo, um processo contínuo que apenas *começa* no batismo, por isso Jesus disse ao crente para levar a sua cruz cada dia e segui-lo, como se fosse na procissão em direção ao Calvário (Lucas 9:23; 14:27). Embora a vida de verdadeira crucificação com Cristo não seja fácil, existem consolação e alegria indescritíveis para a pessoa que também está unida com a ressurreição de Cristo.

Cristo efetuou "paz pelo sangue da sua cruz" (Cl. 1:20) - "a paz de Deus que excede todo entendimento" (Fl. 4:7). Com respeito a isto, Jesus prometeu: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Não vo-la dou (a paz) como o mundo a dá" (João 14:27). Esta paz e verdadeira alegria espiritual mais do que compensam a dor e dificuldade de nos associar abertamente com o Cristo crucificado: "Pois como as aflições de Cristo transbordam para conosco, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo" (2 Co. 1:5).

Também o saber que nosso eu natural está realmente morto, produz liberdade e por isso Jesus está de fato, ativamente, vivendo conosco através de cada prova. O grande apóstolo Paulo podia falar disto com muita experiência por todos os memoráveis anos da sua vida: "Estou crucificado com Cristo, e já não vivo, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus" (Gal. 2:20).

"O batismo - vos salva...por meio da ressurreição de Cristo Jesus" (1 Pedro 3:21), uma vez que a nossa associação com a ressurreição de Cristo para a vida eterna na sua volta nos dá acesso à mesma. Então, é através do compartilhar desta ressurreição que finalmente seremos salvos. Jesus declarou isto em termos bastante simples: "Porque eu vivo, vós também vivereis" (João 14:19). Da mesma forma Paulo declara: "Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho...seremos salvos pela sua vida" (ressurreição em Rm. 5:10).

Várias vezes é enfatizado que ao nos associar com a morte e sofrimentos de Cristo no batismo, e nosso modo de vida subsequente, com certeza vamos compartilhar da sua gloriosa ressurreição:

- "Se já morremos com ele (Cristo), também com ele viveremos; se perseverarmos, com ele também reinaremos" (2 Tm. 2:11,12).

- "Levando sempre por toda parte o morrer do Senhor Jesus no nosso corpo...Sabendo que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus, nos ressuscitará também por Jesus" (2 Co. 4:10,11,14).
- Paulo compartilhava "a comunhão dos seus (de Cristo) sofrimentos, conformando-me (através da sua dura experiência de vida) com ele na sua morte; para ver se de alguma maneira possa chegar à ressurreição dentre os mortos" (Fl. 3. 10,11 cf. Gl. 6:14)

9.4 Batismo E Salvação

A associação com a morte de Cristo pelo batismo significa que é somente através do batismo que podemos ter acesso ao perdão. Nós somos "sepultados com ele (Cristo) no batismo, nele também ressurgistes...no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos. E a vós outros que estáveis mortos nos vossos pecados...vos vivificou juntamente com ele, perdando-nos todos os nossos delitos" (Cl. 2:12,13). Nós somos "lavados...em nome do Senhor Jesus" (1 Co. 6:11) - i.e. batismo no nome de Jesus é o meio pelo qual nossos pecados são lavados. Isto foi tipificado anteriormente em Nm. 19:13, onde aqueles sem a água de purificação tinham que morrer. No Estudo 10.2 demonstramos como o batismo é uma lavagem de pecados (cf. Atos 22:16). Deste modo, as descrições dos crentes como sendo lavados dos seus pecados no sangue de Cristo, referem-se ao fazerem isto através do batismo (Ap. 1:5; 7:14; Tito 3:5 [cf. a versão inglesa *New International Version*] fala disto como "a lavagem do renascimento", referindo-se ao nosso "nascer da água" pelo batismo [João 3:5]).

À luz disto, é compreensível que a resposta de Pedro à pergunta: "Que faremos?" (para sermos salvos) foi: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, *para* perdão dos pecados" (Atos 2:37, 38). O batismo no nome de Cristo é *para* o perdão de pecados; sem o qual não pode haver perdão de pecados, e com isto, aquele que não é batizado deve receber o salário do pecado - a morte (Rm. 6:23). Não há salvação, exceto no nome de Jesus (Atos 4:12), e nós só podemos compartilhar deste nome sendo batizados nele. Este fato significa que religiões não cristãs de modo algum podem levar à salvação. Nenhum crente na Bíblia pode aceitar que elas o façam; o fato que o catolicismo e o grande movimento

ecumênico o fazem, é um reflexo da sua atitude em relação à Santa Escritura.

A ressurreição de Cristo para a vida eterna foi um sinal do seu triunfo pessoal sobre o pecado. Pelo batismo nos associamos a isto, e por causa disto diz-se que ressuscitamos com Cristo, o pecado não mais tendo poder sobre nós, como não mais teve sobre ele. Então, através do batismo somos "libertados do pecado" (Rm. 6:18). "O pecado não terá domínio sobre vós" após o batismo (Rm. 6:14). Contudo, depois do batismo ainda pecamos (1 João 1:8,9); se abandonarmos Cristo o pecado ainda está em condição de nos escravizar. Deste modo, atualmente, estamos compartilhando da morte e sofrimentos de Cristo, embora o batismo também demonstre como nós estamos associados com a ressurreição de Cristo, que esperamos compartilhar na sua volta.

Somente em perspectiva nós estamos livres do pecado. "Quem crer e for batizado *será* salvo" (Marcos 16:16) na segunda vinda de Cristo. A salvação definitiva não ocorre imediatamente depois do batismo, mas no trono de julgamento (1 Co. 3:15). De fato, não há necessidade para a doutrina do juízo se recebemos a salvação no batismo, nem sequer nós deveríamos morrer. "Aquele que perseverar até o fim *será* salvo" (Mt. 10:22).

Mesmo depois do seu batismo, Paulo (e todos os cristãos) tiveram que labutar pela salvação (Fl. 3:10-13; 1 Co. 9:27); ele falou da *esperança* da vida eterna (Tito 1:2; 3:7; 1 Ts. 5:8; Rm. 8:24) e de sermos "*herdeiros da salvação*" (Hb. 1:14). No trono do juízo, os justos vão entrar *para a* vida eterna (Mt. 25:46). A maravilhosa e inspirada lógica de Paulo resplandece em Rm. 13:11 - ele concluiu que depois do batismo podemos saber que cada dia que vivemos e suportamos, é um dia mais perto da segunda vinda de Cristo, tanto que podemos nos alegrar que "agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos". Deste modo, não possuímos nossa salvação agora. A salvação é condicional; seremos salvos *se* mantivermos firme a verdadeira fé (Hb. 3:12-14), *se* lembrarmos as doutrinas básicas que compreendem o Evangelho (1 Tm. 4:16; 1 Co. 15:1, 2) e *se* fizermos aquelas coisas que estão de acordo com tal grande esperança (2 Pedro 1:10).

Por isso o verbo grego traduzido como "salvo" algumas vezes é usado no tempo contínuo, mostrando que a salvação é um processo ininterrupto que ocorre dentro de nós, por causa da nossa constante obediência ao Evangelho.

Assim, diz-se dos crentes como "*sendo* salvos" pela sua resposta ao Evangelho (1 Co. 1:18 cf. a versão inglesa *Revised Standard Version*; outros exemplos deste tema contínuo estão em Atos 2:47 e 2 Co. 2:15). Esta palavra grega para "salvos" só é usada no tempo passado com respeito à grande salvação que Cristo tornou possível na cruz, e com a qual podemos nos associar através do batismo (2 Tm. 1:9; Tito 3:5).

Isto foi exemplificado pelo agir de Deus com o Israel natural, que forma a base do Seu relacionamento com o Israel espiritual, i.e. os crentes. Israel deixou o Egito, representando o mundo da carne e falsa religião com o qual estamos associados antes do batismo. Eles passaram pelo Mar Vermelho e depois viajaram pelo deserto do Sinai para a terra prometida, onde se estabeleceram plenamente como o Reino de Deus. A sua passagem pelo Mar Vermelho é um tipo do nosso batismo (1 Co. 10:1, 2); a jornada pelo deserto da nossa vida presente e Canaã do Reino de Deus. Judas v. 5 descreve como muitos deles foram destruídos durante a jornada no deserto: "O Senhor, tendo salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu depois os que não creram". Israel foi, deste modo, "salvo" do Egito, como todos os que são batizados são "salvos" do pecado. Se um daqueles israelitas tivesse dito: "Você está salvo?" sua resposta bem poderia ter sido: "Sim", mas isto não significava que *ao final* eles seriam salvos.

Da mesma forma como Israel voltou-se para o Egito nos seus corações (Atos 7:39) e voltou a uma vida de prazer carnal e falsa doutrina, também aqueles que foram "salvos" do pecado pelo batismo podem, da mesma forma, cair da posição de bênção em que se encontram. A possibilidade de fazermos o mesmo que o Israel natural fez no deserto é enfatizada em 1 Co. 10:1-12, Hb. 4:1, 2 e Rm. 11:17-21. Existem numerosos exemplos na Escritura daqueles que uma vez foram "salvos" do pecado pelo batismo, e depois caíram em uma posição tal que significa que serão condenados na volta de Cristo (por exemplo Hb. 3:12-14; 6:4-6; 10:20-29). A doutrina do "uma vez salvo, para sempre salvo" de zelosos pregadores "evangélicos" está exposta a estas passagens, seja para o que for - completo sofisma de satisfação da carne.

Como em todas as coisas, é necessário um senso correto de equilíbrio na busca para se verificar em que extensão estamos "salvos" pelo batismo. O ato não deve ser visto como algo que nos garante a *chance* de salvação - uma melhor possibilidade do que sem o batismo. Ao se tornar uma pessoa "em Cristo" pelo batismo, somos salvos em perspectiva; realmente nós temos uma esperança *certa* de estarmos no Reino de Deus, se continuarmos

a permanecer em Cristo como quando nos levantamos das águas do batismo. No momento seguinte ao nosso batismo, poderemos ter a humilde confiança de que, com certeza, nós seremos aceitos no Reino na volta de Cristo. Não poderemos ter a certeza *definitiva*, porque poderemos cair no dia seguinte, pois nós não conhecemos o nosso futuro espiritual pessoal nesta vida.

Devemos fazer tudo o que podemos para manter a boa consciência que temos para com Deus no batismo. O batismo é o "penhor de uma boa consciência" (1 Pe. 3:21, grego) e o candidato ao batismo garante (promete) manter esta consciência pura para com Deus.

Enquanto o batismo é de importância vital para nos garantir acesso à grande salvação que está disponível em Cristo, nós devemos ter cuidado para não dar a impressão de que seremos salvos apenas por um ato ou "obra" do batismo. Anteriormente mostramos como é necessária aquela vida de contínua comunhão com a crucificação de Cristo: "Aquele que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus" (João 3:5). Uma comparação disto com 1 Pedro 1:23 mostra que o nascimento do Espírito que ocorre depois do batismo deve se referir à nossa regeneração gradual pelo Espírito/Palavra. Não se deve a salvação apenas ao batismo: é um resultado da graça (Ef. 2:8), fé (Rm. 1:5) e esperança (Rm. 8:24), entre outras coisas. Algumas vezes a controvérsia que se ouve é que a salvação é somente pela fé, e por isso, uma "obra" como o batismo é irrelevante. Contudo, Tiago 2:17-24 torna claro que tal raciocínio faz uma falsa distinção entre fé e obras; uma verdadeira fé, por exemplo, no Evangelho, é demonstrada como fé genuína pelas obras em que ela resulta, por exemplo, o batismo. "O homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé" (Tiago 2:24). Em vários casos de batismo o crente pergunta o que ele deve "fazer" para ser salvo; a resposta sempre envolve o batismo (Atos 2:37; 9:6; 10:6; 16:30). "Fazer" a "obra" do batismo é, deste modo, uma indicação necessária da nossa crença no Evangelho da salvação. A obra de nos salvar foi, em última análise, feita por Deus e Cristo, mas nós precisamos fazer "obras dignas de arrependimento" e daquilo que acreditamos (Atos 26:20 cf. Marcos 16:15,16).

Anteriormente mostramos que a linguagem de "lavar os pecados" refere-se ao perdão de Deus por causa do nosso batismo em Cristo. Em algumas passagens já falamos de como lavar nossos pecados pela nossa fé e arrependimento (Atos 22:16; Ap. 7:14; Jr. 4:14; Is. 1:16); em outras passagens Deus é visto como aquele que lava os nossos pecados (Ez. 16:9; Sl. 51:2, 7; 1 Co. 6:11). Isto mostra muito bem como se nós fizermos

nossa parte sendo batizados, então Deus lavará nossos pecados. Assim, a "obra" ou ato do batismo é um passo vital para se compreender o Evangelho da graça de Deus ("favor imerecido"), que nos é oferecido na Sua Palavra.

Digressão: Re-batismo

Certas pessoas acham muito reticente ser batizado depois de já ter experimentado o que eles pensavam ser algum tipo de "batismo", quer por aspersão de um bebê ou por completa imersão em outra igreja. Contudo, antes do batismo deve haver arrependimento e crença adequada no verdadeiro Evangelho (Atos 2:38; Marcos 16:15, 16). O batismo só é batismo por causa destas coisas estarem em ordem antes da imersão na água. Mt. 28:19, 20 associa o batismo com o ouvir a primeira vez a explicação dos ensinamentos de Cristo. Uma criança pequena é incapaz de repetir ou entender o Evangelho; em qualquer caso, aspersão não é batismo. Um nadador mergulhando em uma piscina pode estar imerso em água, mas isto não é batismo porque a pessoa não está respondendo conscientemente ao verdadeiro Evangelho. O mesmo é verdadeiro para aqueles que são imersos enquanto crendo em uma falsa doutrina; eles foram imergidos, mas não batizados.

Há somente "uma fé", i.e. um grupo de doutrinas que compreendem o verdadeiro Evangelho, e por isso, somente "um batismo" - o batismo que ocorre depois de se acreditar em "uma fé". "Há um só corpo (i.e. uma igreja verdadeira)...fostes chamados em uma esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus" (Ef. 4:4-6). Não há duas esperanças, como acreditam aqueles que dizem que não importa se cremos que a nossa recompensa será no Céu ou na terra. Há somente "um Deus" - por isso Jesus não é Deus. Segue-se que, se quando fomos batizados falhamos em entender as doutrinas básicas como o Reino de Deus, a natureza de Deus e Jesus, etc., então o nosso primeiro "batismo" não foi válido.

João, o batista, imergia pessoas, chamando-as ao arrependimento, e ensinando-lhes certas coisas sobre Jesus (Marcos 1:4; Lucas 1:77). Contudo, isto era insuficiente. Atos 19:1-5 relata como alguns a quem João batizou tiveram que ser batizados de novo, por causa do seu entendimento incompleto de certa doutrina. Como aqueles a quem João batizou, nós podemos sentir que na nossa primeira imersão tínhamos feito um arrependimento genuíno e um novo começo. Isto pode ser verdadeiro,

mas não remove a necessidade de receber "um (verdadeiro) batismo" que só pode ocorrer depois que se captam todos os elementos de "uma fé".

ESTUDO 9: Perguntas

1. Podemos ser salvos sem batismo?
 - a) Sim
 - b) Não

2. O que significa a palavra "batismo"?
 - a) Compromisso
 - b) Aspersão
 - c) Crença
 - d) Mergulhar/imersão

3. Quando devemos ser batizados?
 - a) Depois de aprender a verdade do Evangelho e se arrepender
 - b) Como um pequeno bebê
 - c) Depois de se interessar pela Bíblia
 - d) Quando queremos nos unir à igreja

4. Em que somos batizados?
 - a) Na igreja que nos batiza
 - b) Na palavra de Deus
 - c) Cristo
 - d) No Espírito Santo

5. Das seguintes alternativas, o que acontece depois do batismo?
 - a) Nós somos parte da semente de Abraão
 - b) Nós nunca mais pecamos
 - c) Nós somos definitivamente salvos, para todo sempre
 - d) Nossos pecados são perdoados

6. Você quer ser batizado?
 - a) Sim
 - b) Não

10 Vida Cristã Prática

10.1 Estudo da Bíblia

Depois do batismo, nós devemos produzir "frutos que levam à santificação", vivendo uma vida guiada pelo Espírito ao invés da carne (Rm. 6:22; 8:1; Gal. 5:16, 25). É através da Palavra de Deus residindo em nós que produzimos frutos espirituais (Jo 15:7, 8). Vimos que somos conduzidos pelo Espírito no sentido de que o Espírito de Deus está em sua Palavra. Através de nossas vidas devemos nos manter próximos daquela Palavra pela leitura regular da Bíblia e de seu estudo.

O estudo cuidadoso da Palavra por uma pessoa resulta no seu reconhecimento da necessidade do batismo, e por conseguinte, na sua realização. Este processo de deixar a Palavra influenciar nossos atos e dirigir nossas vidas deve continuar; o batismo é apenas o primeiro passo de uma vida inteira de obediência à Palavra de Deus. Há um perigo real na familiaridade com a Bíblia e as doutrinas básicas do Evangelho, que nos leva a uma posição em que a Palavra não mais nos influencia: nós lemos as palavras e elas não fazem efeito sobre nós (ver Apêndice 2). Por este razão é sábio fazer uma pequena prece antes de qualquer leitura das Escrituras: "Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei " (Sl. 119:18).

A Palavra de Deus deve ser nosso alimento diário, - na verdade, nossa dependência dela e nosso desejo natural por ela devem ser ainda maiores do que nosso apetite instintivo por alimento físico: "As palavras da sua boca prezei mais do que o meu alimento " era o sentimento de Jó (Jó 23:12). Jeremias expressa da mesma forma: "Achadas tuas palavras, logo as comi; elas me foram gozo e alegria ao coração" (Jr. 15:16). Portanto, encontrar, todo dia, tempo para uma leitura regular da Bíblia é algo vital a ser introduzido em nossa rotina diária. Trinta minutos de estudo da Bíblia toda a manhã, sem interrupções, é a melhor maneira de se começar o dia na direção espiritual correta. Hábitos como estes, que ajudam a consolidar a fé, valerão seu peso em ouro no dia do juízo.

Para evitar a tendência natural de ler somente aquelas partes das Escrituras que naturalmente nos tocam, os crisadelfios idealizaram um programa de leitura chamado "*The Bible Companion*" (disponível através dos mesmos editores deste livro). Este programa apresenta uma série de capítulos a serem

lidos cada dia, sendo o Novo Testamento lido duas vezes e o Velho Testamento uma vez, ao final de um ano. Na medida em que lemos os capítulos a cada dia, somos encorajados pelo fato de que milhares de outros fiéis estão lendo o mesmo capítulo. Em qualquer momento que nos encontremos, nós estabelecemos, deste modo, um vínculo imediato; os capítulos que estivemos lendo recentemente devem ser a base de nossa conversa.

10.2 Oração

Outra prática vital a ser desenvolvida é a oração. Tendo nos lembrado que há "um Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se deu a si mesmo em resgate por todos", Paulo torna claro o resultado prático da compreensão da obra de Cristo: "Quero, pois, que os homens orem em todo lugar...sem ira nem contenda" (1 Tm. 2:5-8). "Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemo-nos, pois, com confiança ao trono da graça, para que recebamos misericórdia e achemos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno." (Hb. 4:15,16).

O fato de nos darmos conta de que Cristo é o nosso Sumo-Sacerdote pessoal a oferecer nossas preces poderosamente a Deus, deve inspirar-nos a orar regularmente com fé. Entretanto, a oração não deve ser simplesmente uma "lista de pedidos" apresentada a Deus, a ação de graças antes das refeições, o agradecimento pela proteção em viagens e etc. devem formar uma parte importante de nossas orações.

Simplesmente colocar nossos problemas diante de Deus em oração, deveria, por si só, proporcionar uma enorme sensação de paz: "Não andeis ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e pela súplica, com ações de graças, sejam vossas petições conhecidas diante de Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Jesus Cristo" (Fp. 4:6,7).

Se nossas orações estiverem de acordo com a vontade de Deus, elas certamente serão atendidas (1 Jo 5:14). Nós podemos conhecer a vontade de Deus através do estudo de Sua palavra, o qual revela Seu Espírito/mente para nós. Portanto, nosso estudo bíblico deve nos ensinar tanto como orar quanto pelo que orar, tornando assim nossas orações poderosas. Portanto

"Se...minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será feito" (Jo 15:7).

Existem muitos exemplos de oração regular nas Escrituras (Sl. 119:164; Dn. 6:10). Devem ser vistas como o mínimo aceitável pela manhã e à noite, com algumas curtas orações de ação de graças durante o dia.

10.3 Pregação

Uma das grandes tentações que nasce do conhecimento do verdadeiro Deus é a de tornar-se egoísta espiritualmente. Nós podemos estar tão satisfeitos com nossa própria relação pessoal com Deus, tão absorvidos em nosso próprio estudo bíblico e em nossa espiritualidade, que podemos negligenciar a divisão disto tudo com os outros — tanto nossos companheiros de fé quanto o resto do mundo à nossa volta. A Palavra de Deus, e o verdadeiro Evangelho que é encontrado dentro dela, é equiparada à uma luz ou a uma lâmpada ardendo nas trevas (Sl. 119:105; Pv. 4:18). Jesus destacou que ninguém que possua tal luz deve colocá-la sob uma candeia, mas sim mostrá-la publicamente (Mt. 5:15). "Vós sois a luz do mundo" pelo fato de serem batizados em Cristo, "a luz do mundo" (Mt. 5:14; Jo 8:12). "Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte", continuou Cristo (Mt. 5:14).

Se realmente vivermos uma vida de acordo com o Evangelho que compreendemos, nossa "santidade" será evidente para aqueles com quem vivemos. Nós seremos incapazes de disfarçar o fato de que estamos "separados" na esperança do Reino, e ao mesmo tempo "separados de" seus caminhos mundanos.

Com discernimento devemos procurar compartilhar o nosso conhecimento da Verdade com todos aqueles com quem entramos em contato: dirigindo as conversas para temas espirituais, discutindo doutrina com membros de outras igrejas, distribuindo panfletos, e até mesmo colocando pequenos anúncios nos meios de comunicação locais, são todos meios através dos quais podemos fazer nossa luz brilhar. Nós não devemos pensar que podemos deixar a tarefa de testemunhar para outros fiéis; cada um de nós possui uma responsabilidade individual. Os cristadelfios tem relativamente poucas atividades organizadas de pregação em larga escala, comparados a outros grupos. Cada um de nós, individualmente, faz o que pode, e muito disso às nossas próprias custas.

Uma das formas mais bem sucedidas de pregação é explicar nossas crenças a nossas famílias e àqueles com quem mantemos contato próximo. Aqueles cujos companheiros não compartilham da fé, devem explicar suas crenças a eles de forma clara, apesar de que uma vez feito isto, não é recomendável continuar trazendo este assunto à discussão ou exercer qualquer tipo de pressão sobre eles. Deus não quer convertidos pressionados. Nosso dever é testemunhar da Verdade sem preocupação sobre o volume de respostas a ela. Nós temos uma grande responsabilidade em dar este testemunho. (Ez. 3:17-21); se Cristo vier durante nossa vida "dois estarão no campo; um será tomado e o outro será deixado" (Lc 17:36). Seria, na verdade, estranho se não tivéssemos falado à nossa família e aos nossos colegas sobre a segunda vinda de Nosso Senhor quando ela ocorrer.

10.4 Vida Na Igreja

Até aqui, neste Estudo, falamos de nossas responsabilidades espirituais pessoais. No entanto, temos o dever de nos encontrarmos com outros que compartilham nossa esperança. Novamente, isto deve ser algo que nós naturalmente desejemos fazer. Mostramos que depois do batismo adentramos em uma jornada solitária em direção ao Reino. É perfeitamente natural que desejemos travar contato com companheiros de viagem. Nós estamos vivendo os últimos dias antes da vinda de Cristo; para superarmos as muitas provações que investem contra nós nestes tempos, é necessário que nos associemos àqueles que se encontram na mesma posição: "Não deixando de congregar-nos...mas admoestando-nos, e tanto mais quando vedes que se vai aproximando aquele dia (da segunda vinda)" (Hb. 10:25 cf. Mt. 3:16). Os fiéis, portanto, não devem medir esforços para contatarem uns aos outros através de cartas e viagens para compartilharem os estudos bíblicos, o serviço comunitário e as atividades de pregação.

Cada um de nós foi "chamado" do mundo para a grande esperança do Reino. A palavra "santo" significa "uma pessoa chamada para fora", e pode referir-se a todos os verdadeiros crentes ao invés de apenas alguns notáveis fiéis do passado. A palavra grega traduzida por "Igreja" na Bíblia em português é "ecclesia", que significa "uma assembléia de pessoas chamadas para fora", i.e. crentes. A Igreja, portanto, refere-se ao grupo de crentes, ao invés do prédio no qual eles se reúnem. A fim de evitar confusões no uso deste termo, os cristadelfios tendem a se referir a suas "igrejas" como "ecclesias".

Onde quer que exista um número de fiéis em uma certa cidade ou área, é lógico que eles encontrem um local de reunião para estarem juntos com regularidade. Isto pode se dar na casa de um crente ou em um salão alugado. As ecclesias dos cristadelfios encontram-se no mundo todo em lugares como centros comunitários, centros de conferências de hotéis, salões ou casas particulares. O propósito de uma ecclesia é desenvolver seus membros através do estudo coletivo da Bíblia e também dar um testemunho coletivo ao mundo, deixando sua luz brilhar através da pregação. O programa típico de uma ecclesia cristadelfia seria algo mais ou menos assim:

DOMINGO	11hs	Culto com
		Partir do Pão
	18hs	Atividade de pregação
		pública
QUARTA-FEIRA	20hs	Estudo da Bíblia

A ecclesia é parte da família de Deus. Em qualquer comunidade unida, cada membro precisa ser sensível e submisso aos outros; Cristo mesmo foi o exemplo maior disto. A despeito de sua evidente supremacia espiritual, ele agia como o “servo de todos”, lavando os pés de seus discípulos enquanto eles discutiam entre si quem era maior deles. Jesus convida-nos a seguir seu exemplo nisto (Jo 13:14, 15; Mt. 20:25-28).

O ensinamento que é dado na ecclesia deve obviamente ser baseado na Palavra de Deus. Aqueles que falam em público na ecclesia estão, portanto, refletindo Deus, falando em Seu nome. Pelo fato de Deus ser varão, decorre que somente os irmãos devem fazer o trabalho de instrução pública da Palavra de Deus. 1 Co. 14:34 não poderia ser mais claro: "as mulheres estejam caladas nas igrejas. Não lhes é permitido falar". 1 Tm. 2:11-15 traça a razão para isto desde os eventos no Jardim do Éden; pelo fato de Eva ter ensinado Adão a cometer o pecado, as mulheres não devem ensinar os homens agora. O fato de Deus ter formado Adão antes de Eva é um sinal de que "o homem é o cabeça da mulher" (1 Co. 11:3), e portanto o homem deve conduzir a mulher espiritualmente e não o contrário.

Por causa de tudo isto, "a mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em pecado. Todavia, salvar-se-á, dando à luz filhos se permanecer com sobriedade na fé, no amor e na santificação" (1 Tm. 2:11-15).

A partir disto, fica claro que a Bíblia define alguns papéis distintos para os crentes homens e mulheres. O fato das mulheres serem instruídas em alguns casos a "casarem, terem filhos e serem boas donas de casa" (1 Tm. 5:14), indica que sua esfera de busca espiritual é a do lar. O culto público na ecclesia é portanto deixado aos homens. Isto se encontra em flagrante contraste com as teorias humanistas da igualdade sexual, onde a mulher comprometida com sua carreira pode clamar por igualdade com seu marido de todas as maneiras possíveis, da administração do orçamento familiar ao uso de roupas unissex. A produção de filhos parece ter sido relegada ao papel de algo inconveniente, que é necessário apenas para preservar um mínimo de sanidade emocional em um mundo egoísta e materialista. Os verdadeiros crentes evitarão este espírito dos tempos, no entanto, como sempre o equilíbrio é necessário.

Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja (Ef. 5:25).

"Maridos, vivei com elas com entendimento (i.e. tratem as esposas com sensibilidade, de acordo com seu conhecimento da Palavra de Deus), dando honra à mulher, como vaso mais frágil, e como sendo elas herdeiras convosco da graça da vida" (1 Pe 3:7).

Em termos espirituais, o batismo em Cristo torna o homem e a mulher iguais (Gl. 3:27, 28 cf. 1 Cor. 11:11). Entretanto, isto não afeta o princípio evidente de que "o homem é o cabeça da mulher" (1 Co. 11:3) em assuntos práticos e espirituais, tanto dentro da ecclesia quanto da família.

A fim de demonstrar reconhecimento a este princípio, a mulher crente deve usar algo que cubra sua cabeça quando um irmão estiver ensinando a Palavra de Deus. Isto significa na prática que um chapéu ou um véu devem ser usados em todos os encontros ecclesiais. A diferença de papéis desempenhados pelo homem e pela mulher deve ser enfatizada pela forma que o homem e a mulher usam seus cabelos (1 Cor. 11:14, 15). "Toda a mulher que ora...com a cabeça descoberta, desonra sua própria cabeça (i.e. seu marido, v. 3): é como se a tivesse raspada. Se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também: e se para a mulher é vergonhoso tosquiar-se ou raspar-se, que ponha o véu...portanto a mulher deve ter sobre sua cabeça um sinal de autoridade, por causa dos anjos" (1 Cr. 11:5, 6, 10 cf. versão inglesa *Authorized Version*).

10.5 O Partir Do Pão

Juntamente com a oração e com a leitura da Bíblia, a obediência à ordem de Cristo de repartir o pão e beber vinho em memória de seu sacrifício é vital. "Fazei isto em memória de mim", Jesus ordenou (Lc 22:19). Era seu desejo que seus seguidores fizessem isto regularmente até sua segunda vinda, quando Jesus repartirá o pão e o vinho com eles novamente. (1 Cor. 11:26; Lc 22:16-18).

O pão representa o corpo de Cristo que foi oferecido na cruz, e o vinho o seu sangue (1 Cor. 11:23-27). Aparentemente os primeiros crentes mantiveram este culto com freqüência (At 2:42, 46), provavelmente uma vez por semana (At 20:7). Se nós realmente amamos Jesus Cristo, obedeceremos suas ordens (Jo 15:11-14). Se nós tivermos uma verdadeira relação pessoal com ele desejaremos lembrar seu sacrifício como ele pediu, e assim encorajarmo-nos na lembrança da grande salvação que ele atingiu. Um período de reflexão silenciosa sobre seus sofrimentos na cruz fará empalidecerem nossas próprias provações, até o limite da insignificância, quando comparadas àquelas de nosso Senhor.

O partir do pão é fundamentalmente um culto de *lembrança*; nada mágico acontece como resultado de se fazer isto. É o equivalente da festa da Páscoa dos hebreus sob a lei de Moisés (Lc. 22:15; 1 Co. 5:7, 8). Esta era um meio de lembrança da grande libertação do Egito que Deus operou através de Moisés no Mar Vermelho. O culto do partir do pão nos conduz de volta à nossa salvação do pecado através de Jesus Cristo, que se tornou possível na cruz e à qual nos relacionamos através do batismo. Obedecer a esta ordem deve, portanto, ser algo que nós naturalmente desejemos fazer.

Tomar fisicamente do pão e do vinho faz do amor de Cristo por nós, e na verdade de todas as coisas que dizem respeito à nossa salvação, novamente muito reais. Repartir o pão cerca de uma vez por semana é, portanto, um sinal de um estado espiritual sadio. Se não for possível fazê-lo com seus companheiros de fé na Verdade, deve-se fazê-lo sozinho. Nenhuma desculpa é aceitável para nos eximir de cumprir este mandamento. Não devemos poupar esforços para mantermos um suprimento de pão e vinho conosco para o culto, apesar de que em circunstâncias extremas, nem mesmo a falta de um destes deve impedir-nos de lembrar Cristo da melhor maneira possível, de acordo com a forma indicada. Jesus usou "o fruto da vide" (Lc 22:18), e nós devemos, desta maneira, usar vinho de uva preta.

Carregar os símbolos do sofrimento e do sacrifício de Cristo é a maior honra que um homem ou mulher podem ter. Tomar parte neles sem a devida atenção para com o que eles representam, aproxima-se da blasfêmia, observando-se que, "todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor....Portanto qualquer um que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor." (1 Co. 11:26, 27). Deste modo, o culto da repartição do pão deve ser observado em um lugar onde não haverá distrações ou interrupções ao curso do pensamento dos participantes. Isto pode significar fazê-lo cedo pela manhã ou tarde da noite, num quarto ou em qualquer outro local adequado. E mais, nós somos aconselhados: "Examine-se o homem a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice" (1 Co. 11:28). Devemos, deste modo, concentrar nossas mentes no sacrifício de Cristo, talvez passando os olhos pelos textos dos Evangelhos que descrevem sua crucificação, antes de tomarmos os elementos. Ao fazermos isto da forma adequada, inevitavelmente examinaremos nossa consciência em direção a Cristo também.

Uma ordem apropriada ao culto do partir do pão seria a seguinte:

1. Oração - pedindo a benção de Deus à reunião; que Ele abra nosso olhos à sua Palavra; lembrando as necessidades de outros crentes; louvando-O por Seu amor, especialmente como demonstrado em Cristo, e oração abordando quaisquer outros temas específicos.
2. Fazer a leitura bíblica do dia como especificada no "*Bible Companion*".
3. Meditar sobre lições a serem extraídas delas, ou ler uma "exortação" - um estudo da Bíblia a respeito daqueles capítulos que guiam-nos em direção ao propósito de nosso culto - a lembrança de Cristo.
4. Ler 1 Co. 11:23-29
5. Período de auto-exame em silêncio
6. Oração pelo pão
7. Reparte-se o pão e come-se um pequeno pedaço dele.

8. Oração pelo vinho

9. Toma-se um pequeno gole do vinho.

10. Oração final.

O culto todo deve levar apenas uma hora.

10.6 Casamento

Nós começaremos esta seção considerando a posição daqueles que são solteiros no momento do batismo. Existem algumas passagens, juntamente com os exemplos de Jesus, Paulo e outros, que encorajam aqueles que estão solteiros a ao menos considerar a hipótese de assim continuarem, de forma a se comprometerem totalmente com a obra de Deus (1 Co. 7:7-9, 32-38 cf. 2 Tm. 2:4; Mt. 19:11, 12, 29; Ec. 9:9). "Mas se te casares não pecas" (1 Co. 7:28). Muitos dos apóstolos eram casados (1 Co. 9:5) e o casamento na forma que Deus o desejou é calculado para trazer muitos benefícios, tanto físicos quanto espirituais. "Digno de honra entre todos seja o casamento, bem como o leito sem mácula" (Hb. 13:4). "Não é bom que o homem esteja só", a menos que ele possa trabalhar com um alto nível de compromisso para com as coisas espirituais, e portanto Deus instituiu o casamento (Gn. 2:18-24). Deste modo: "O que acha uma esposa acha uma coisa boa, e recebe favor do Senhor....do Senhor vem a mulher prudente." (Pv. 18:22; 19:14)

A implicação destes versículos é que a indulgência de desejos sexuais fora do casamento é fornicação. Advertências contra fornicação (sexo entre pessoas não casadas), adultério (sexo onde um ou ambos os parceiros já são casados com outras pessoas) e qualquer forma de imoralidade são freqüentes em toda a extensão do Novo Testamento; quase todas as cartas as contém. As seguintes são apenas algumas destas: At 15:20; Rm. 1:29; 1 Co. 6:9-18; 10:8; 2 Co. 12:21; Gl. 5:19; Ef. 5:3; Cl. 3:5; 1 Ts. 4:3; Judas 7; 1 Pe. 4:3; Ap. 2:21.

O princípio básico do Gn. 2:24 expõe o pecado da homossexualidade; é a intenção de Deus que o homem e a mulher se casem e unam-se um ao outro. Deus criou a mulher para ser um auxílio a Adão, e não outro homem. Relações sexuais entre homens são repetidamente condenadas na Bíblia.

Este foi um dos pecados pelos quais Sodoma foi destruída (Gn. Cr.18, 19); o apóstolo Paulo deixa bem claro que persistindo em tais práticas incorrer-se-á na ira de Deus e excluir-se-á de Seu Reino. (Rm. 1:18-32; 1 Co. 6:9, 10).

O fato de alguma vez termo-nos envolvido em tais práticas não nos deve fazer sentir que estamos além da ajuda de Deus. *Existe* perdão com Deus, que a Ele seja dada reverência por aqueles que experimentaram Seu perdão (Sl. 130:4). A ecclesia em Corinto teve a sua justa medida de pecadores arrependidos: "E tais fostes alguns de vós. Mas fostes lavados, mas fostes santificados (no batismo), mas fostes justificados (sendo batizados) em nome do Senhor Jesus. " (1 Co. 6:9-11).

10.7 Cooperação

As palavras gregas traduzidas como "cooperação" e "comunhão" descrevem basicamente o estado de ter algo em comum: comum-união. "Comunhão" relaciona-se com a palavra "comunicar-se". Por conhecermos e praticarmos os caminhos de Deus, nós temos comunhão com Ele e com todos os outros que estão fazendo o mesmo, estando "em Cristo". É fácil negligenciarmos as responsabilidades que temos de cooperar com os outros: "não vos esqueçais de fazer o bem e comunicar (i.e. ter comunhão)" (Hb. 13:16). Fp. 1:5 fala de nossa "cooperação no Evangelho "; a base de nossa cooperação são, portanto, as doutrinas que compreendem o verdadeiro Evangelho. Por tal razão, a cooperação de que desfrutam os verdadeiros crentes é muito maior do que qualquer outra organização ou igreja. Por causa desta cooperação eles viajam grandes distâncias para estarem uns com os outros e para visitarem fiéis isolados e devem fazer bom uso dos contatos por via postal e telefônica onde isto seja possível. Paulo fala da "comunhão no espírito " (Fp. 2:1), i.e. cooperação que é baseada em torno de seguir igualmente o Espírito/mente de Deus, como revelado em seu Espírito/Palavra.

Uma das maiores expressões de nossa cooperação se dá ao mantermos o culto do partir o pão juntos. Os primeiros crentes "perseveraram na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações...partindo o pão... com alegria e singeleza de coração." (At 2:42, 46). Os elementos da comunhão representam o pivô central de nossa esperança, compartilhá-los deve unir-nos em "singeleza de coração". "Não é o cálice de bênção, que abençoamos, a comunhão (compartilhar) no sangue de Cristo? E não é o pão que partimos a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão", i.e. Cristo (1 Co. 10:16, 17). Nós temos, portanto, uma obrigação de repartir

os elementos do sacrifício de Cristo com todos aqueles que se beneficiam de seu trabalho, que são "participantes do mesmo pão" . Somente aqueles que foram regularmente batizados em Cristo, depois de conhecerem a verdade, encontram-se nesta posição, e trata-se de uma forma de escarnecer dos símbolos, o reparti-los com qualquer um que não esteja nesta posição.

Nossa cooperação com Deus, Cristo e outros fiéis não dependem somente de nossa aquiescência às verdades doutrinárias que compreendem a "fé única". Nosso modo de vida deve estar de acordo com princípios nela expressos. "Deus é luz, e nele não há treva nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Mas se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo. 1:5-7).

A partir disto, deve ser evidente que a cooperação cessa quando um crente começa a sustentar doutrinas, ou a viver de modos que são frontalmente opostos aos claros ensinamentos da Bíblia: "E não vos associeis com as obras infrutuosas das trevas, antes, porém, condenai-as" (Ef. 5:11). Deve-se fazer todos os esforços para ganhá-los novamente, seguindo o modelo do bom pastor buscando a ovelha perdida (Lc 15:1-7).

Uma das mais claras passagens tratando da cooperação encontra-se em 2 Co. 6:14-18: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis. Pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas....pelo que saí do meio deles, apartai-vos diz o Senhor... e eu vos receberei. Eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso".

Nós já demonstramos como a Palavra de Deus é luz. Estes versículos explicam porque não devemos cooperar com igrejas que ensinam falsas doutrinas, porque não devemos nos casar com quem não conhece a Verdade e devemos evitar os caminhos do mundo. Por conta de nossa separação do mundo nós temos a grandiosa honra de tornarmo-nos verdadeiramente filhos e filhas de Deus, parte de uma família mundial de outros que possuem a mesma relação - nossos irmãos e irmãs. Há apenas "um corpo", i.e. uma verdadeira igreja (Ef. 1:23), que é baseado naqueles que sustentam uma esperança, um Deus, um batismo e "uma fé", i.e. um corpo de doutrina que compreende a única fé (Ef. 4:4-6). Não é possível ser parte deste "único corpo" e também associar-se com outras organizações religiosas que não professam a verdadeira fé. Observando que a luz não tem qualquer

comunhão com as trevas, nós nos proclamamos em trevas se escolhermos cooperar com as trevas.

Se você observou estes estudos cuidadosamente, é evidente que agora não pode haver qualquer posição intermediária em nossa relação com Deus. Ou nós estamos em Cristo pelo batismo Nele, ou nós estamos fora dele. Ou nós estamos na luz por haveremos captado a verdadeira doutrina e a obediência prática, ou nós estamos nas trevas. Não se pode ter um pé em cada lado.

Nosso conhecimento destas coisas nos confere um certo grau de responsabilidade para com Deus. Nós não andamos pelas ruas ou seguimos nossa rotina diária como o homem comum do mundo. Deus está esperando intensamente por nossa resposta. Tanto Ele, o Senhor Jesus, quanto todos os verdadeiros fiéis quase "querem" que você tome a decisão certa. Mas, mesmo que Deus, Cristo e nós mesmos, possamos fazer tudo ao nosso alcance para ajudar-lhe - no caso de Deus, até mesmo entregando Seu único Filho para morrer por nós - em última análise sua salvação depende apenas de sua decisão livre de lançar mão da grande Esperança que agora lhe foi oferecida. Então por favor, decida ser batizado e seguir este caminho. Se você escrever para o endereço que está no começo deste livro, nós ficaremos felizes em conseguir isto para você.

ESTUDO 10: Perguntas

1. O que significa "santidade"?
 - a) Não ter contato com os que não crêem.
 - b) Estar separado *do* pecado *para* as coisas de Deus.
 - c) Ir à igreja.
 - d) Fazer o bem aos outros.

2. Qual das seguintes afirmativas é verdadeira a respeito do repartir o pão?
 - a) Nós devemos fazer isto aproximadamente um vez por semana.
 - b) Nós devemos fazer isto uma vez por ano na Páscoa.
 - c) O pão e o vinho transformam-se literalmente no corpo e no sangue de Cristo.
 - d) O pão e o vinho representam o corpo e o sangue de Cristo.

3. Qual das seguintes afirmativas é verdadeira a respeito do casamento?
 - a) Nós devemos nos casar apenas com crentes verdadeiros.
 - b) O divórcio é permissível para crentes.
 - c) Um crente casado cujo parceiro não é um fiel deve tentar permanecer com ele.
 - d) No casamento, o homem representa Cristo e a mulher os crentes.